

CLÉO DE SOUZA DIEGUES

A VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA NA TERMINOLOGIA

**PORTO ALEGRE
2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA: RELAÇÕES
TEXTUAIS**

A VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA NA TERMINOLOGIA

**CLÉO DE SOUZA DIEGUES
ORIENTADORA: PROFa. DRa. CLECI REGINA BEVILACQUA**

Dissertação de Mestrado em
Lexicografia e Terminologia,
apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

**PORTO ALEGRE
2013**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq, pela bolsa de mestrado;

Um agradecimento especial à minha orientadora Profa. Dra. Cleci Regina Bevilacqua, pela inteligência, sabedoria e orientação em todas as esferas relativas a esta atividade, bem como pela super-paciência que teve em todo o processo, compreensão e amizade que demonstrou;

Aos professores do Grupo Termisul que prestimosamente ofereceram ajudas para a revisão do trabalho, em especial a Prof. Dra. Anna Maria Becker Maciel, e à Prof. Dr. Cristiane Krause Kilian;

Aos meus pais, que me deram o espaço e apoio para desenvolver esta importante etapa, bem como compreensão em todas as vicissitudes deste caminho;

A amigos e familiares que, de uma forma ou outra, fizeram-se presentes com paciência e afabilidade;

Ao companheirismo de colegas que, mesmo sem saber, contribuíram sumamente com seus exemplos de perseverança no cursar do Mestrado.

RESUMO

A presente pesquisa propõe um estudo acerca das variações lingüísticas presentes no âmbito das linguagens especializadas. Especificamente, realizou-se o estudo das variações denominativas, entendidas como formas lingüísticas diferentes cujo significado é equivalente, em CLEs (Combinatórias Lexicais Especializadas), isto é, expressões lingüísticas polilexicais, formadas por um núcleo terminológico e respectivos coocorrentes. Procedeu-se à classificação e consideração de todos os tipos de variações encontradas para tais combinatórias, a saber: gráfica, morfossintática, lexical e redução. O foco de análise, no entanto, esteve calcado na variação morfossintática. O objetivo da análise foi a busca de elementos contextuais que estivessem condicionando ou indicando a presença da variação morfossintática. A partir da detecção das causas da variação e posterior busca por elementos formais que refletissem tais causas, realizou-se a sistematização de tais elementos, com o intuito de fornecer subsídios para o estabelecimento de regras informatizadas que pudessem auxiliar na criação futura de um programa de extração automática de variações. A análise foi efetuada a partir de quatro *corpora* pertencentes às áreas de Cardiologia, Gestão Ambiental, Enfermagem e Informática que pudessem estar equiparados quanto à situação comunicativa e contribuir para a sistematização da variação especializada em diferentes âmbitos do conhecimento. Toda a pesquisa foi orientada pelas correntes teóricas atuais da Terminologia Comunicativa, que direcionam o olhar para a caracterização das diferentes situações em que dada comunicação se estabelece para levar a cabo o estudo de termos e CLEs. A partir dos dados coletados e de sua análise, verificou-se que uma sistematização da variação morfossintática terminológica é possível. Encontraram-se elementos formais presentes no contexto imediato em que as CLEs ocorreram que poderão servir de indícios para a detecção automatizada de CLEs.

Palavras-chave: extração automática de variação, variação morfossintática, variação terminológica, Terminologia.

RESUMEN

La presente investigación propone un estudio acerca de las variaciones lingüísticas presentes en el ámbito de los lenguajes especializados. Específicamente, se realizó el estudio de las variaciones denominativas, comprendidas como formas lingüísticas diferentes de significado equivalente, en las CLEs (Combinatorias Léxicas Especializadas), es decir, expresiones lingüísticas poliléxicas, formadas por un núcleo terminológico y sus respectivos concurrentes. Se efectuó la clasificación y consideración de todos tipos de variaciones encontradas para estas combinatorias: gráfica, morfosintáctica, léxica y reducciones. Sin embargo, el centro de análisis estuvo sobre la variación morfosintáctica. El reto del análisis fue la búsqueda de elementos contextuales que condicionan o indican la existencia de variación morfosintáctica. A partir de la detección de las causas de variación y posterior búsqueda por elementos formales que reflejaran tales causas, se buscó la sistematización de estos elementos para el establecimiento de subsidios para la creación de reglas informatizadas que pudieran auxiliar en la construcción futura de un programa de extracción automática de variaciones. El análisis se llevó a cabo a partir de cuatro *corpora* pertenecientes a las áreas de Cardiología, Gestión Ambiental, Enfermería e Informática que pudieran equipararse respecto a la situación comunicativa y contribuir para la sistematización de la variación especializada en diferentes ámbitos del conocimiento. Toda la investigación se basó en las actuales corrientes de la Terminología Comunicativa, que miran hacia la caracterización de las diferentes situaciones en que una comunicación se establece para entender el funcionamiento de términos y CLEs. Con la recolección de los datos y su análisis, se verificó que una sistematización de la variación morfosintáctica terminológica es posible. Fue posible encontrar elementos formales presentes en el contexto inmediato donde las CLEs ocurrieron que resultan en indicios para la detección automática de las CLEs.

Palabras-clave: extracción automática de variación, variación morfosintáctica, variación terminológica, Terminología.

LISTA DE SIGLAS

- 1) CLE - Combinatória Léxica Especializada
- 2) CLG - Curso de Linguística Geral
- 3) CONPET - Consultoria e Engenharia de Petróleo
- 4) DLSL - Dictionnaire de Linguistique et des Sciences du Langage
- 5) DQA - Dictionnaire Québécois d’Aujourd’hui
- 6) GA - Gestão Ambiental
- 7) IA - Inteligência Artificial
- 8) ISO - International Organization for Standardization
- 9) LSP - Language for Specific Purposes
- 10) MVDE - Marcadores de Variación Denominativa Explícita
- 11) PB - Português Brasileiro
- 12) PLN - Processamento da Linguagem Natural
- 13) PT - Português
- 14) SOCERJ - Soc. Cardiologia do Estado do RJ
- 15) SOCESP - Soc. Cardiologia do Estado de SP
- 16) SP – Sintagma Preposicionado
- 17) TCT - Teoria Comunicativa da Terminologia
- 18) TGT - Teoria Geral da Terminologia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 A Teoria Geral da Terminologia	13
1.2 A Terminologia e a Tradução	15
1.3 Linguística do Texto.....	19
1.4 PLN: trabalhando com fenômenos textuais	23
1.5 Objetivos	26
2 REFERENCIAL TEÓRICO	27
2.1 Dos Primórdios: Saussure e o CLG.....	28
2.2 Princípios da Terminologia Variacionista	38
2.2.1 Boulanger	39
2.2.2 Gaudin.....	45
2.2.2.1 Descrição morfossintática:	47
2.2.2.2 Descrição semântica:	47
2.3 Faulstich.....	50
2.4 Cabré.....	54
2.5 Suárez	57
2.5.1 Expansão	58
2.5.2 Redução.....	59
2.5.3 Refocalização	60
2.6 Freixa	61
2.6.1 Variação gráfica	61
2.6.2 Variação Morfossintática	62
2.6.3 Variação Lexical.....	62
2.6.4 Redução.....	63
2.7 Causas da Variação (Freixa, 2002).....	65
2.7.1 Causas Dialetais	65
2.7.2 Causas Interlinguísticas	66
2.7.3 Causas Funcionais	66
2.7.4 Causas Discursivas	66
2.7.5 Causas Cognitivas	67
3 UNIDADES DE ANÁLISE.....	68
3.1 A Variação Terminológica da Gestão Ambiental	68
3.2 A Fraseologia Especializada	69

3.2.1 Picht (1991).....	72
3.2.2 Pavel (1993)	72
3.2.3 Blais (1993).....	73
3.2.4 L’Homme (2000).....	74
3.2.5 Gouadec (1994).....	76
3.2.6 Bevilacqua (1996)	77
3.3 Enfoque Teórico Adotado.....	78
4 METODOLOGIA	79
4.1 Propostas Metodológicas	81
4.1.1 Suárez (2004)	81
4.1.2 Alves (2006).....	83
4.1.3 Pontes (1998)	84
4.2 Metodologia Empregada.....	85
4.3 Metodologia: Análise Morfossintática	90
4.3.1 Classificação dos Níveis de Análise.....	90
5 CARACTERIZAÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	91
5.1 <i>Corpus</i> de Gestão Ambiental.....	92
5.2 <i>Corpus</i> de Cardiologia.....	95
5.3 <i>Corpus</i> de Informática	98
5.4 <i>Corpus</i> de Enfermagem	100
6 ANÁLISE DOS DADOS	103
6.1 Classificação quantitativa e tipológica da variação nos <i>corpora</i> de estudo ...	104
6.1.1 <i>Corpus</i> Cardiologia.....	104
6.1.2 <i>Corpus</i> Gestão Ambiental.....	106
6.1.3 <i>Corpus</i> Enfermagem	110
6.1.4 <i>Corpus</i> Informática	114
6.2 A Variação Morfossintática	118
6.2.1 Análise comparativa dos dados: a variação morfossintática.....	119
6.2.1.1 Mudança de Gênero	119
6.2.1.2 Mudança de Nome	121
6.2.1.3 Mudança de Estrutura	125
6.2.1.4 Mudança de Preposição	128
7 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
8 REFERENCIAS	140

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1: Princípios base da TGT	13
Figura 2: Variações de Nomenclatura.....	14
Tabela 1: Categorias de Variação Linguística	17
Tabela 2: Tipologia Textual de Multiníveis	21
Quadro 1: Informações Gerais.....	24
Quadro 2: Programa sem IA.....	24
Quadro 3: Programa com IA	24
Quadro 4: Output em ambos casos	25
Quadro 5: Desenvolvimento das Línguas pelo CLG	28
Quadro 6: Fonologia e Variação no CLG	29
Quadro 7: Mutabilidade do Signo no CLG	31
Figura 3: Constructo Teórico Da Variação Em Terminologia	52
Quadro 8: Tipologia de Variantes - Faulstich	53
Quadro 9: Classificação Das Variações	56
Quadro 10: Expansão Metafórica	58
Quadro 11: Redução	59
Quadro 12: Refocalização	60
Quadro 13: Variação Gráfica.....	61
Quadro 14: Variação Lexical.....	63
Figura 4: Mapa Conceitual De Energia.....	75
Quadro 14: Tipos De Fraseologia Segundo Gouadec	76
Quadro 15: Proposta De Matriz Fraseológica De Bevilacqua	77
Figura 5: Etapas Metodológicas	80
Quadro 16: Exemplos de Marcadores de Variação Denominativa Explícita	82
Figura 6: 1º Etapa de Busca por Variante	86
Figura 7: Geração de CLEs por Núcleo Terminológico	87
Figura 8: Geração de CLEs por coocorrentes.....	88
Figura 9: Processo de Construção Textual	89
Tabela 3: Unidades Lexicais Mais Frequentes – Gestão Ambiental	95
Tabela 4: Unidades Lexicais Mais Frequentes – Cardiologia	97
Tabela 5: Unidades Lexicais Mais Frequentes – Informática	100
Tabela 6: Unidades Lexicais Mais Frequentes – Enfermagem	102

Figura 10: Variantes Denominativas - Cardiologia	104
Tabela 6: Variação Gráfica - Cardiologia	105
Tabela 7: Variação Lexical - Cardiologia	105
Tabela 8: Redução - Cardiologia	106
Figura 11: Variantes Denominativas - GA.....	108
Tabela 9: Variação Gráfica – GA	108
Tabela 10: Variação Lexical – GA	109
Tabela 11: Redução – GA.....	109
Figura 12: Variantes Denominativas - Enfermagem	112
Tabela 12: Variação Gráfica – Enfermagem.....	113
Tabela 13: Variação Lexical – Enfermagem.....	113
Tabela 14: Redução – Enfermagem.....	114
Figura 13: Variantes Denominativas - Informática	115
Tabela 15: Variação Gráfica – Informática.....	115
Tabela 16: Variação Lexical – Informática.....	116
Tabela 17: Redução – Informática.....	116
Quadro 17: Mudança de Gênero.....	120
Quadro 18: Mudança de Nome.....	122
Quadro 19: Mudança de Estrutura.....	126
Quadro 20: Mudança de Preposição	129
Quadro 21: Uso da Preposição ‘de’	130
Quadro 22: Interação Contexto-Combinatória (a).....	134
Quadro 23: Interação Contexto-Combinatória (b).....	135
Figura 14: Subtipos de Variação Morfossintática	137

1 INTRODUÇÃO

Falar em terminologia, de um modo geral, faz lembrar especialização, conhecimento adquirido por meio de estudo, ciência e, no consenso geral, em opacidade, é dizer, palavras cujo significado não são de conhecimento nem de uso geral, mas que devem ser aprendidas por aprendizes de uma área específica do conhecimento. É deste ponto de vista leigo que também poderemos caracterizar e denominar terminologias como linguagens especiais, linguagens de especialidade ou linguagens para propósitos especiais (LSP - Language for Specific Purposes). Tais constatações, de caráter fenomenológico¹, revelam uma natureza parcial acerca das terminologias. Avançamos rapidamente na popularização de muitas ciências e, em consequência, muitos termos passam por este mesmo processo e tornam-se de uso e conhecimento generalizado. Tal movimentação gera novas necessidades comunicativas e, logo, novas formas de divulgar o conhecimento segundo o grau de especialização do público receptor idealizado. Todo esse processo na evolução do conhecimento humano se reflete em dois níveis: no comportamento social e, conseqüentemente, na representação linguística. Evidentemente, os estudos tradicionais que se desenvolveram no início do século XX passariam por significativas alterações epistemológicas, a Terminologia, como disciplina linguística, pioneiramente desenvolvida por Wüster, também sofreu importantíssimas mudanças. Que fenômeno estará no cerne destas mudanças? Será a variação, resultante, principalmente, mas não apenas, destas atividades humanas mais intensas.

Na Idade Média, a produção de conhecimento, de técnicas, o fazer científico em si, centrava-se na mão de poucos. Havia uma sociedade basicamente agrícola e apenas alguns possuíam conhecimento de escrita para poder documentar qualquer novo conhecimento desenvolvido. Os aglomerados populacionais eram distantes e possuíam pouco contato entre si. Desse fato social, podemos dizer que o pouco registro de caráter terminológico que se tinha praticamente não apresentava divulgação, muito embora

¹ “Para Husserl, a fenomenologia é o "caminho” (método) que tem por “meta” a constituição da ciência da essência do conhecimento ou doutrina universal das essências.” (GALEFFI, 2000, p.14). Em outras palavras, a fenomenologia analisa o modo de percepção da realidade observável. Para a linguística, a fenomenologia se torna fundamental, pois elucida o modo como a realidade externa é captada cognitivamente, como a língua é captada pelo sujeito e como estas percepções de realidade e de língua são compartilhadas pelos sujeitos falantes: “a instituição e perpetuação dos mundos de cada comunidade pela comunicação – mundo da ciência para os cientistas, mundo dos esportes para os atletas, mundo da academia para os universitários etc. – não impede que cada comunidade se correlacione e se estenda sem limites, possibilitando dessa forma a comunicação entre as comunidades.” (Cardoso, 2009)

possuíssem grande variação linguística devido a esse distanciamento e a existência de dialetos diferentes. O progresso científico começa a acontecer mais intensamente com a Revolução Industrial, quando são desenvolvidas novas máquinas, os conhecimentos químicos e físicos são obrigatoriamente aprofundados. Esse momento que abrange, em especial, os séculos XVIII e XIX, existe um abandono significativo das práticas manufaturadas e artesanais e, portanto, ocorre um êxodo massivo para onde se localizava o trabalho, representado pela indústria. Destes fatos sociais, existe maior necessidade de nomear as novas tecnologias e técnicas, de onde advém também a noção de termos criados artificialmente, pois novos nomes passam a ser formados a partir das línguas clássicas, dos radicais latinos e gregos. Juntamente a isso, há aumento de população instruída e de escolas, existe centralização de poder e, logo, populacional, resultando numa aceleração de cunho terminológico:

A generalização do ensino, por um lado, as novas exigências de comunicação, sobretudo escrita, por outro lado, tornaram necessária a constituição de uma língua padrão, conduzindo a um importante trabalho de descrição linguística, de codificação da língua, de normalização das terminologias, de elaboração e de difusão de obras de referência em forma de gramáticas, de dicionários, de léxicos ou de manuais de todo tipo, desde manuais de pronúncia até manuais de dificuldades ortográficas. (CORBEIL, 1984, p. 18, apud. BARROS, 2004, p.27)

Diante da quantidade e diversidade linguística que emerge, bem como maior contato científico entre comunidades de línguas diferentes, surgirá a ciência cuja padronização era necessária para o estabelecimento dos conhecimentos e comunicação entre especialistas. No final do século XIX e início do século XX, existe um esforço massivo para o estabelecimento de formas terminológicas padrão, pois a univocidade era o ideal pretendido. Evidentemente deste esforço, formas linguísticas minoritárias seriam desprivilegiadas não apenas linguisticamente, mas também, e por consequência, política e socialmente:

A consolidação da sociedade industrial passou, portanto, obrigatoriamente, pela padronização (e conseqüente discriminação) linguística e pela aquisição, mesmo que mínima, do vocabulário especializado, capaz de inserir o proletariado da época na nova ordem econômica e social. (BARROS, 2004, p. 27)


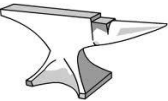
Nesse ponto, temos o seguinte panorama: desenvolvimento acelerado em todas as esferas do conhecimento humano, novas tecnologias sendo desenvolvidas, aumento da

comunicação intra e interlinguística, intensa atividade cultural e social. Em suma: a sociedade global passa a viver uma intensa diversidade, o que será refletido diretamente na língua. Para os pesquisadores, começava a ficar clara a necessidade de se estabelecer diretrizes linguísticas que auxiliassem o desenvolvimento e o estabelecimento das atividades humanas. Diante disso, será um engenheiro, e não um linguista, que buscará estabelecer uma organização metodológica para o uso das terminologias, bem como sistematizá-las. Nos anos 30, o austríaco Eugen Wüster estabelece, a partir da Escola Terminológica de Viena, a sua Teoria Geral da Terminologia (TGT).

1.1 A Teoria Geral da Terminologia

Para a compreensão da TGT, é importante ter em mente todo o contexto de época delineado acima. A intenção de Wüster foi sistematizar o léxico especializado e, a partir disto, estabelecer metodologias que configurem o léxico especializado de acordo a duas premissas: a univocidade e a monorreferencialidade. Assim, o ideal para a TGT seria:

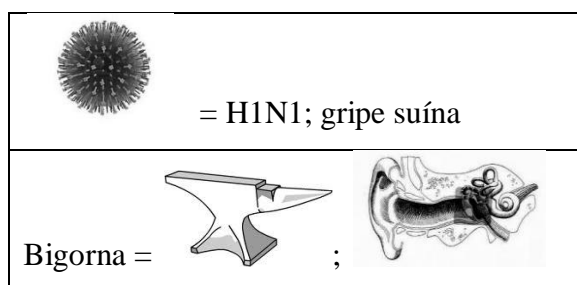
Figura 1: Princípios base da TGT

<p>UNIVOCIDADE Um conceito é designado por um único termo.</p>	 = H1N1
<p>MONORREFERENCIALIDADE Um termo faz referência a um único conceito.</p>	<p>Bigorna = </p>

Fonte: elaboração da autora.

Esse era o objetivo de Wüster, ainda que a realidade estivesse organizada de outra forma:

Figura 2: Variações de Nomenclatura



Fonte: elaboração da autora.

A realidade apresenta variação tanto conceitual como denominativa, mas todo o esforço desta escola estava justamente em anular estas variações em prol de uma padronização perfeita que deveria ser instrumento de auxílio na comunicação especializada. O termo passa a receber uma série de atribuições a qual deveria seguir: possui valor denotativo, ou seja, faz referência a uma realidade, desta noção deriva a ilustração acerca do rótulo. O termo é compreendido apenas como um rótulo que irá denominar um objeto ou um conceito, não sendo permitido que comporte variações ou qualquer fenômeno de ordem heterogênea. O eixo central desta escola é voltado para o conceito, considerado o elemento estanque e sistematizável do sistema científico, o termo (considerado como rótulo) é relegado a um segundo plano, visto representar a parte passível de variação pelo uso dos falantes:

[...] os limites de alcance da TGT expressam o apagamento dos aspectos comunicativos e pragmáticos, inerentes ao léxico das linguagens especializadas. Caracteriza-se, desse modo, um forte reducionismo do funcionamento da linguagem, aspecto que, inclusive, se tornou um dos focos principais das críticas à TGT. (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 214)

Dessa forma, Wüster colocou a Terminologia, como disciplina, a parte da Linguística, relacionando-a com outros campos do saber tais como a Lógica, a Ontologia e as Ciências da Informação. Isso está justificado pelo fato de que o conceito e suas relações é a preocupação central da TGT, sua abordagem é mais cognitiva do que linguística, de cunho normativo/prescritivista. Apesar disso, o engenheiro admite a existência de variação e que esta é intrínseca à língua:

Em Terminologia, no entanto, a exigência da biunivocidade absoluta não é mais do que um desejo inatingível. [...] Toda perturbação da unidade linguística é chamada variação linguística. Ela é marcada pelo aparecimento de sinônimos de

variação e homônimos de variação. (WÜSTER, 1991, p. 87, 100.
apud. KILIAN, 2007, p. 64)

Wüster ainda realizou uma classificação das variantes a que denominou *variação monolíngue* e *variação interlíngue*. A primeira era condicionada por fatores geográficos, escolas de pensamento diferentes e graus de especialização diferentes; a segunda era ocasionada pelas diferenças idiomáticas a que denominou de *sinônimos universais*. Embora de caráter prescritivista, a TGT foi capaz de realizar um estudo sistemático da terminologia, dando, dessa forma, a base e condições para as correntes seguintes que seriam de cunho descritivista. Ainda hoje, órgãos normatizadores e normalizadores se baseiam nos pressupostos estabelecidos na Escola de Viena, tais como a ISO no Comitê Técnico 37 “Terminologia: princípios e coordenação”.

Diante dos avanços nos estudos da Terminologia, os estudiosos começaram a perceber que o entendimento pleno das linguagens de especialidade envolvia um olhar linguístico, o que enriqueceu e aprofundou os estudos e a gama de pesquisas realizadas nesta área. Tal natureza, posteriormente, constituirá a poliedricidade defendida por Teresa Cabré (1993), ou seja, a premissa de que o termo e a terminologia possuem múltiplas interfaces. Vejamos as principais interfaces atuais abaixo.

1.2 A Terminologia e a Tradução

Imaginemos a seguinte situação: uma cidade, com pouca importância política no mundo, descobre um mineral novo, nunca antes conhecido pela humanidade. Não existem registros pregressos, este mineral é encontrado apenas nesta pequena cidade. Meses e anos são tomados para estudar a tal substância e descobre-se sua constituição química atípica, fala-se sobre a geometria molecular do mineral e ao cabo de anos de investigação, descobre-se que, a partir de estímulos químico-físicos, tal mineral é capaz de gerar uma grande fonte de energia. Nesse processo todo, artigos são escritos, teses são desenvolvidas e novos nomes são estabelecidos para denominar as novas descobertas. O próximo passo é comunicar esses achados ao mundo. Como fazê-lo? Após todo o processo de elaboração e estabelecimento das terminologias, é necessário que esses passem pelo processo complexo da tradução a outros idiomas.

Tal situação, completamente hipotética e imaginária, ilustra bem a realidade que vivemos quanto ao desenvolvimento técnico e científico. Novas descobertas e, por consequência, novos termos estão sendo criados frequentemente em contextos inusitados. Depois disso, faz-se necessário a divulgação das novidades científicas e, então, entram em cena as questões de tradução, padronização e aceitabilidade, bem como, não raro, de neologismos. O que está envolvido em um ato tradutório desta natureza? Em um primeiro momento, coloca-se em relevo a figura do tradutor, o profissional que deverá estar habilitado a colocar em funcionamento uma tradução de caráter especializado.

Por um lado, a tradução especializada poderá ser portadora de um conteúdo já disseminado e com suas respectivas terminologias já estabelecidas nos idiomas de chegada. Nesse caso caberá ao tradutor uma pesquisa intensa para familiarizar-se com a área em questão. Por outro lado, em muitos casos, não existe uma terminologia fixa ou estável na língua de chegada. Nesse caso, qual deverá ser a atitude do tradutor? A simples pesquisa sobre a área não será suficiente para levar a cabo a tradução. Conhecimentos linguísticos e políticos deverão emergir para trazer soluções tradutórias aceitáveis para o público alvo. Visualizemos isso a partir da situação hipotética descrita acima: digamos que o mineral descoberto receba o nome de *marfel* e que a constituição deste nome possui motivação, digamos que tal mineral é encontrado apenas no mar e sua cor lembre o fel. O que o tradutor fará? Digamos que a língua alvo seja o inglês, faria uma tradução tal como *seagall*? Usaria a forma *marfel* como empréstimo respeitando sua criação original? Ou criaria um neologismo, um equivalente em inglês que ressaltasse estas ou outras características do mineral? Em outras palavras, optaria por uma tradução literal (se possível), por um empréstimo ou por um neologismo, dentre outras opções tradutórias que oscilam entre estas três? Após decidir com aportes linguísticos sua decisão, qual o próximo passo a ser tomado? É necessário validar sua opção tradutória, é necessário levar até a comunidade de especialistas sobre o tema a opção e receber seu aval, sua legitimação, bem como do órgão normatizador correspondente, quando houver.

Agora, se a linguagem em uso implica em diversidade que muitas vezes significa variação, imaginemos que o tempo passa e, na cidadezinha, o mineral *marfel* também passa a ser conhecido como *fel marinho*, e nos EUA o termo traduzido *seagall* recebe uma outra denominação, tal como *golden sea*. Estamos diante de uma variação dupla, sem qualquer conexão histórica ou lógica entre elas. Ao invés de manejar dois termos, o

trabalho tradutório duplica, então, não basta mais o conhecimento especializado e o conhecimento linguístico para a determinação da solução tradutória. Neste ponto, o tradutor precisará fazer uma investigação de cunho social e cultural, a fim de determinar em que situações, em que contextos e por quais pessoas cada uma das quatro formas são utilizadas. É desta forma, disponibilizando uma série de parâmetros intra e extralinguísticos que se torna possível encontrar soluções tradutórias diante de terminologias e diante de variações destas terminologias. Segundo Hurtado Albir:

La existencia de la variación lingüística, es decir, de formas diferentes de hablar dentro de una misma lengua, se ha atribuido a causas diferentes como la individualidad del hablante o la singularidad de cada enunciado, las opciones que ofrecen los recursos de la lengua (léxico, gramática, fonología), los valores connotativos del significado, las variables o realizaciones respecto a una variante, el contexto social, el contexto situacional, la existencia de sublenguas o variedades y la ideología. (HURTADO ALBIR, 2001, p. 577)²

Hurtado Albir (2001) utiliza as categorias de variação linguística desenvolvidas por Hatim e Mason (1990) e discute as problemáticas de cada uma destas categorias:

Tabela 1: Categorias de Variação Linguística

Variación Linguística de Uso (registros)	Variación Linguística de Usuários (dialetos)
<ul style="list-style-type: none"> ⊙ Campo (atividade profissional) ⊙ Modo (meio material de transmissão) ⊙ Tom (relação entre emissor-receptor) 	<ul style="list-style-type: none"> ⊙ Geográfico ⊙ Temporal ⊙ Social (estratificação social) ⊙ (não) padrão (se de uso padrão ou não) ⊙ Idioleto (particularidade linguística do falante)

Fonte: Hatim e Mason (1990)

Comentemos cada uma delas:

- ⊙ Campo: geralmente envolve textos especializados, a dificuldade está em obter conhecimento extralinguístico sobre o campo em questão.

² A existência da variação linguística, ou seja, de formas diferentes de falar dentro de uma mesma língua, atribui-se a diferentes causas tais como a individualidade do falante ou a singularidade de cada enunciado, as opções que oferecem os recursos da língua (léxico, gramática, fonologia), os valores conotativos do significado, as variáveis ou realizações com relação a uma variante, o contexto social, o contexto situacional, a existência de sublenguas ou variedades ou a ideologia.” (tradução minha)

- ⊙ Modo: a mensagem deve estar adaptada em conformidade ao meio de veiculação empregado. O texto pode ser de natureza audiovisual, publicitária, o que acarretará estilos de expressão diferentes bem como extensões textuais diferentes etc.
- ⊙ Tom: dependendo do grau de proximidade ou distanciamento entre os interlocutores, o tradutor deverá optar por formas mais ou menos informais, deverá ter conhecimento de formas de tratamento, coloquialismos, etc.
- ⊙ Geográfico: diferentes formas dialetais, o tradutor deverá estar ciente dos dialetos envolvidos em suas línguas de trabalho e buscar aproximação dos efeitos de sentido, visando sempre o público alvo, na sua tradução. É comum resgatar como exemplo nesta categoria de tradução os dialetos caipiras no Brasil e como possível equivalente (em que existe o maior grau possível de similitudes encontrado) o dialeto do sulista dos EUA, no caso de tradução entre essas duas populações. A dificuldade na tradução, que envolve variantes geográficas, encontra-se em todos os níveis: linguístico, social, cultural, político, sendo necessário o deslocamento de diversos eixos de conhecimento para a busca da equivalência nestes casos.
- ⊙ Temporal: estratos de língua com marcas de diferentes estágios temporais. Para o tradutor, não basta conhecer a língua *hic et nunc*. Em seus idiomas de trabalho, a investigação, acerca das diferentes formas linguísticas ao longo do tempo, é imprescindível para a realização de uma tradução equivalente. O importante sempre será causar na representação mental do receptor da tradução a mesma impressão que fora causada na mente do receptor da língua original.
- ⊙ Social: leva em conta as formas de dizer dos diferentes estratos sociais, é necessário o conhecimento acerca das classes sociais que compõem as sociedades envolvidas e capacidade de saber elencar quais formas se equivalem entre culturas diferentes.
- ⊙ Padrão/não padrão: a questão aqui é realizar uma síntese, deslocando a língua em dois eixos cujo parâmetro é a língua culta. O valor em textos assim centra-se apenas em determinar a norma linguística vigente e desvios desta norma, que podem acontecer em muitos dos níveis acima expostos.
- ⊙ Idioleto: formas idiossincráticas que podem estar em diferentes níveis gramaticais e que exige do tradutor, por assim dizer, um estudo de caso, visto que se refere às preferências linguísticas de um único falante.

- ⊙ **Estilo:** série de recursos utilizados, conscientemente, por um emissor a fim de produzir determinados efeitos de sentido. Aqui, é imprescindível que o tradutor possua conhecimentos de linguística cognitiva para saber determinar quais opções linguísticas gerarão reações e impressões mentais semelhantes às geradas no público alvo original. A reprodução de estilos está no âmbito mais subjetivo e complexo da atividade de tradução.

Do que apresentamos acima, percebemos que o ato tradutório é complexo por si só, pois necessita harmonizar diferentes parâmetros de trabalho. O nível de dificuldade aumenta quando o trabalho envolve variação e, geralmente, irá envolver. Em suma:

Cabe ao tradutor atentar para o valor comunicativo, ou pragmático, se quiserem, das formas sistematicamente alternativas, a fim de transportar os efeitos de ordem interpessoal operados no texto de partida. Novamente, o critério recomendado a partir da reflexão informada pela teoria linguística e sociolinguística é recompor, ou transpor, evidências linguísticas de modo a dar ao interlocutor ratificado, usuário da língua de chegada, condições de processamento do texto que sejam no mínimo tão boas quanto as condições já disponíveis ao leitor ratificado na língua de partida. (GARCEZ, 1999, p. 67)

Como vimos, a variação permeia a língua em todos os seus aspectos, cabe mencionar a postura da Linguística do Texto frente aos textos especializados e seus fenômenos de variação.

1.3 Linguística do Texto

Recordemos que na TGT o termo era uma unidade artificial, vista fora de sua realidade linguística. É por esta razão que a concepção wüsteriana passa por revisões, e a Terminologia evolui dentro de uma perspectiva linguística. Para tanto, torna-se fundamental que o foco metodológico seja de descrição e não de prescrição. Para descrever a natureza do objeto de estudo é necessário documentar seu comportamento e isto apenas é possível através da observação do seu hábitat natural. Assim, o termo poderia ser observado em dois contextos: oral e escrito. Mas por natureza intrínseca ao fazer científico, técnico e acadêmico, os textos escritos passaram a representar a fonte de estudo das terminologias, seu local de residência, onde sua gênese, seu desenvolvimento e seu comportamento podem ser observados e, por assim dizer,

dissecados. Deste momento em diante, os contextos de ocorrência dos termos, a análise textual passam a ser fundamentais para qualquer estudo de cunho terminológico. Eis de onde provém o ponto crucial neste trabalho:

Foi amplamente constatado que as unidades lexicais especializadas, ao serem analisadas em seus reais contextos de ocorrências, sofrem as implicações sistêmicas, semânticas e pragmáticas daí decorrentes, compreendendo, por exemplo, processos de variação e sinonímia, aspectos recusados pela TGT. Trata-se, portanto, de constatar que o termo comporta-se de modo semelhante às unidades do chamado léxico geral, e que o léxico especializado não constitui uma língua à parte, como antes se julgava. Nessa medida, termo e palavra não se distinguem a priori, mas somente pelo conteúdo, especializado ou não, que veiculam nos atos comunicativos. (KRIEGER, 2004, p. 328)

Foi devido a esta ampliação nas pesquisas, que muitos outros fenômenos e objetos de estudo foram encontrados e estudados. A linguagem especializada, antes representada sobretudo pelo termo, passa a vislumbrar uma diversidade maior, abarcando expressões mais amplas, tais como as fraseologias e fórmulas expressivas. Os diversos fenômenos agora constatados passam a ser investigados em seus aspectos teóricos, dentro do funcionamento imanente e cognitivo da linguagem, para logo chegarem até a esfera da linguística aplicada, sendo conhecimentos imprescindíveis para o fazer tradutológico, lexicográfico, terminográfico e até mesmo de ciências informatizadas.

Diante da importância do texto para a Terminologia e para a Linguística Aplicada, é importante que seja realizado um estudo sobre a natureza textual, sejam realizadas sistematizações e classificações quanto a sua tipologia. Muitos autores dedicaram suas pesquisas para entender a natureza dos textos, e muitas foram as classificações realizadas, tanto na Linguística como na Teoria Literária, a fim de estabelecer gêneros e tipos textuais. Guiomar Ciapuscio (2003) realiza um estudo intenso sobre tipos textuais, a partir da classificação de outros pesquisadores, a autora cria a sua análise de multiníveis.

Em forma de síntese, podemos dizer que três elementos centrais sempre estão envolvidos nas classificações de tipos textuais: o linguístico, o contextual e o de interlocutores. Cada pesquisador acaba por enfatizar e desdobrar estes três elementos de modos diferentes, conforme lhe pareça a realidade. Ciapuscio, harmonizando as análises anteriores, percebe, em primeiro lugar, que a natureza dos textos é sempre captada pelos seus leitores a nível fenomenológico, logo, intuitivo e que é tarefa da Linguística de

texto sistematizar e dar forma a este conhecimento subjetivo e ainda abstrato. Portanto, partindo de uma perspectiva cognitivo-comunicativa, propõe módulos com diferentes propriedades, cuja combinação múltipla gerará diferentes representações prototípicas de texto que representarão as classes textuais. Desta forma, os módulos textuais são: *Funcional, Situacional, Semântico, Formal-Gramatical*. Cada um destes módulos podem assumir as seguintes propriedades:

Tabela 2: Tipologia Textual de Multiníveis

Funcional	Situacional	Semântico	Formal-Gramatical
<ul style="list-style-type: none"> - Informar; - Expressar; - Contatar; - Dirigir. 	<ul style="list-style-type: none"> - Marcos interacionais; - Contexto social das atividades comunicativas: interna ou externa (ciência, comércio, saúde, cultura, igreja, relações internacionais); - Parâmetros espaço-temporais (natureza do meio de comunicação: gráfica, televisiva, virtual, etc.); - Número de falantes (monólogo, diálogo, etc.); - Papel social dos falantes (especialista, semi-leigo, leigo). 	<ul style="list-style-type: none"> - Atitude temática. Exs.: grau de certeza (certamente, talvez, etc.), avaliação (considerar bem, mal, etc.); - Perspectiva sobre o tema; - Forma Primária ou derivada; - Partes textuais; - Sequências, desdobramentos 	<ul style="list-style-type: none"> - Máximas retórico-estilísticas; - Formas Linguísticas X não Linguísticas - Aspectos Gramaticais: Recursos sintáticos; Recursos lexicais: quantidade de terminologias e seu tratamento.

Fonte: Ciapuscio (2003).

No nível funcional, destaca-se a intenção comunicativa central do texto, ainda que seja possível sobreposição entre as quatro funções. Por exemplo, um texto publicitário poderá ter a função de informar e dirigir, em outras palavras, informa sobre o produto ou serviço a ser prestado ao mesmo tempo que tem uma função coercitiva, dirige o receptor da mensagem à determinada ação. Portanto, um texto poderá ser

monofuncional ou plurifuncional, neste último caso, cabe ao linguista identificar funções primárias e funções subsidiárias a fim de estabelecer a tipologia textual.

No nível situacional, todos os parâmetros estão situados em 4 módulos centrais que possuem representações prototípicas na mente de cada falante, isto quer dizer que, no caso de cada parâmetro, o falante possui modelos de situações compartilhados socialmente que lhe permitirão identificar cada categoria situacional em que o texto se insere. Os quatro módulos centrais do nível situacional são: fatores ambientais diretos (tempo e espaço), conhecimento das esferas comunicativas (marcos interacionais e número de falantes), conhecimento de instituições (contexto social das atividades comunicativas), formações sociais (papel social dos falantes, a interação poderá ser simétrica, especialista-especialista, ou assimétrica, especialista-leigo).

No nível semântico, temos dois eixos centrais: o que se expressa no texto e como se expressa. O *quê*: representa o tema textual e engloba a subjetividade do autor frente ao tema (atitude temática), a perspectiva adotada sobre o tema (teórico, aplicada, didática, informativa) e a originalidade do texto (forma derivada, que é baseada e guiada por alguma outra referência textual, ou forma primária, que é inédita, original). O *como*: possui forte vinculação com a macroestrutura textual, mas está focado na representação de conteúdo que cada parte apresenta e engloba as partes textuais (podem ser padronizadas ou não) e as sequências e desdobramentos que assume o texto (indica se estamos frente a sequências descritivas, narrativas, expositivas, argumentativas ou instrutivas).

No nível formal-gramatical, sugere e identifica critérios gerais de adequação dos recursos linguísticos e formais como um todo ao gênero específico. Em suma: se as opções materiais realizadas na produção textual estão em coerência com os níveis anteriores, é a materialização que evidencia os recursos virtuais, subjetivos e conceituais representados nos outros três níveis.

Pelo que foi visto acima, percebe-se que o estudo da linguística de texto é de extrema importância na análise das variações de modo geral. Como veremos mais adiante, toda variação linguística, e nisto se inclui a variação terminológica, está condicionada contextualmente. É neste ponto que se centra a premissa da qual partimos nesta dissertação: a construção contextual condiciona a variação, limita a variação e estimula seu surgimento.

No amplo leque que envolve o estudo de variação terminológica, é imprescindível ressaltar a importância da ciência da computação para a condução

metodológica de tal trabalho, bem como para a aplicação, em produtos informatizados, dos conhecimentos gerados. A área de Processamento da Linguagem Natural (PLN) vem crescendo e apresentando resultados mais sofisticados ao reunir as áreas de Linguística e Inteligência Artificial, é o que veremos a seguir.

1.4 PLN: trabalhando com fenômenos textuais

A princípio, o conhecimento das estruturas linguísticas agregou muitos conhecimentos para a ciência da computação, da mesma forma, muito foi agregado pela informática na linguística em dois níveis: teórico e prático. Teórico porque contribuiu muito para o fazer metodológico da linguística, ajudando na compilação, levantamento estatístico e processamento de muitos dados linguísticos no intuito de descrição das línguas. Prático porque, juntamente com a linguística aplicada, com a terminografia e lexicografia, foi capaz de produzir programas informatizados de uso geral como tradutores automáticos, glossários e dicionários informatizados, buscadores informatizados de pesquisa, e todo programa que utilize a língua natural como meio (caso dos motores de busca como o Google) ou como fim (tradutores automáticos). Atualmente, as pesquisas nesta área aumentam e múltiplas são as possibilidades de produtos de PLN. O uso da Inteligência Artificial (IA) tem colocado à disposição dos linguistas novas possibilidades criativas, tais como o Robô Ed³, do projeto CONPET, ou indexadores de informação, cada vez mais comuns no caso das bibliotecas *on-line*. Assim:

Nesse domínio há uma considerável pluralidade de objetivos e interesses: desde o estudo meramente quantitativo das línguas que, na essência, visa à construção de listas de frequência de palavras, listas de concordâncias, lista de lemas e análise de possibilidades combinatórias de unidades linguísticas, passando pelo estudo da adequação formal, pragmática e psicossocial de teorias linguísticas, por meio da implementação computacional dos modelos de gramática e de processamento linguístico por elas especificados, até a proposição de sofisticados modelos computacionais capazes de extrair informações específicas de bases de textos, de propor a sumarização ou a tradução de textos e até mesmo manter um diálogo livre com o usuário em língua natural. (Silva, 2006, p.105)

³ <http://www.ed.conpet.gov.br/br/converse.php>

Em que ponto a variação entra em meio a todas estas facetas do PLN? A variação pode ser calculada por programas informatizados no caso da análise de possibilidades combinatórias de unidades linguísticas, ou seja, dentro de um conjunto de variantes, quais são os contextos linguísticos em que elas aparecem, quais os limites textuais apresentados em cada variação, aspectos observáveis apenas através das combinações estabelecidas, etc. Da mesma forma, o cálculo destas informações acerca da variação, permite elaborar programas de busca que gerem as informações não apenas limitadas pelas unidades lexicais, mas por campos semânticos que estas unidades representam. Portanto, um programa desse tipo, seria capaz de compreender que as palavras *meio* e *ambiente* pertencem a um mesmo campo conceitual dentro de determinada área de conhecimento, ainda que do ponto de vista da forma estas palavras sejam diferentes.

O desenvolvimento de tal sistema de regras para o funcionamento em um programa informatizado poderia gerar informações mais precisas e de ser mais eficiente no resultado de suas buscas. Seguindo pela linha da variação, o saber manejar tal realidade aparentemente assistemática da língua traria resultados muito mais satisfatórios no caso dos programas que utilizam a Inteligência Artificial. Imaginemos as duas situações representadas abaixo. No quadro 1, estão as informações que servirão de base para o programa, nos quadros seguintes o comportamento informatizado que um programa com e sem IA devem possuir:

Quadro 1: Informações Gerais

Área: Gestão Ambiental; Língua: PT; Termos: <i>impactos ao meio ambiente; impactos no meio ambiente.</i>
--

Fonte: elaboração a autora.

Quadro 2: Programa sem IA

Input: impactos ao meio ambiente = impactos no meio ambiente

Fonte: elaboração a autora.

O programa sem IA não é capaz de produzir informações novas como resultados de cálculos das informações base. Assim, é necessária a explicitação e listagem de cada informação a ser posteriormente gerada. Por outro lado:

Quadro 3: Programa com IA

Input: preposição *a* [indica movimento em direção a] [combina-se com estruturas verbais indicativas de futuro].

preposição *em* [indica posições estáticas] [combina-se com estruturas verbais indicativas de passado-presente].

Fonte: elaboração a autora.

Para ilustrar, um programa com IA trabalha da seguinte maneira: $x + y = k$, sendo x e y as informações base inseridas pelo programador e k a informação nova gerada como resultado pelo programa. Assim, regras são construídas a fim de serem capazes de maiores generalizações, sem que seja necessária a explicitação de cada unidade linguística. Busca aproximar-se do modo de processamento cognitivo do homem.

Quadro 4: Output em ambos casos

1- Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos **impactos ao meio ambiente.**

2- O órgão ambiental procurou mudar sua estratégia de atuação, saindo de uma atuação controladora e repressora para uma outra, em que busca transmitir uma nova cultura às instituições públicas e privadas, utilizadoras de recursos ambientais ou que desenvolvem atividades que causam **impactos no meio ambiente.**

Fonte: Elaboração da autora.

Como se pode ver, os dois modos de processamento automatizado de informação podem gerar resultados fidedignos e semelhantes. A grande diferença centra-se na potencia de trabalho, ou seja, menor mão de obra humana e maior quantidade de dados gerados fidedignamente. De todas as formas, é absolutamente necessário o trabalho do linguista para que seja possível gerar regras de variação linguística. A necessidade de um linguista ainda é mais importante no caso de programas que utilizem IA, já que, neste caso, há a necessidade de caracterizar as condições em que determinadas variações ocorrem e, desta forma, sistematizar seus contextos de ocorrência.

Tendo em conta o que expusemos, cabe colocar a seguinte questão: é possível encontrar um padrão linguístico, em termos de forma, que corresponda a um

determinado tipo de variação? Caso esta pergunta possua resposta positiva, como acreditamos ter, a hipótese é de que tais padrões poderiam servir como regras informatizadas para a construção de programas que processariam a linguagem. Independentemente da função que o programa possua, considerando que a variação é um fenômeno intrínseco da linguagem humana, seria capaz de gerar respostas automáticas mais próximas da realidade de comunicação humana.

1.5 Objetivos

A pesquisa de mestrado aqui proposta possui como foco central a identificação da variação das Combinatórias Léxicas Especializadas (CLEs) em português brasileiro (PB) nas áreas de Gestão Ambiental, Cardiologia, Pediatria e Informática⁴ e posterior seleção das combinatórias que apresentam apenas variações morfossintáticas a fim de realizar a sistematização dos contextos e co-textos produtores dessa variação, é dizer: qual configuração textual produzirá este tipo de variação. Para tanto, devemos seguir e alcançar os seguintes objetivos metodológicos:

- Identificação das CLEs que apresentam variação nas áreas mencionadas acima.
- Identificação dos tipos de variação: classificação das variantes identificadas a partir da proposta de Freixa (2001).
- Seleção das combinatórias que apresentem variação morfossintática.
- Identificação de possíveis fatores que condicionam a variação morfossintática com o intuito de sistematizá-los e assim oferecer subsídios para a criação de regras a serem aplicadas em um programa de recuperação automatizada de variantes terminológicas.

Desta forma, cremos que este trabalho ajudará em muito na compreensão dos processos que ocorrem na gênese das variações, bem como os limites que circunscrevem este fenômeno. Entender a natureza das engrenagens propulsoras da variação ajudará na sistematização do fenômeno e, logo, contribuirá para a aplicação prática destes conhecimentos como no caso da aplicação informatizada em PLN acima mencionada.

⁴ Estes materiais foram disponibilizados pelo Projeto Termisul.

A partir daqui, a dissertação está estruturada da seguinte maneira: o primeiro capítulo traz a revisão bibliográfica com o intuito de estabelecer as bases históricas e atuais que dão suporte para as ideias aqui defendidas; o segundo capítulo trata das unidades de análise, apresentando as diferentes abordagens teóricas acerca das unidades linguísticas especializadas, a fim de determinar qual proposta se aproxima mais desta pesquisa; por sua vez, o capítulo três apresenta a metodologia e as etapas aqui seguidas; no capítulo quatro caracterizamos os *corpora* que serviram de base para a coleta dos dados; o capítulo cinco contém os dados coletados e apresenta sua análise. Finalmente, apresentamos os resultados e considerações a que chegamos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, fazemos a revisão teórica dos principais expoentes dos estudos de variação em Terminologia, quais sejam: Cabré (1993), Freixa (2001, 2007), Suarez de la Torre (2004) e Faulstich (2001). Antes disto, façamos uma retomada histórica para ver o que o pai da linguística moderna já preconizava nos primórdios do século XX: Saussure, no Curso de Linguística Geral (CLG, 2006), já apresentava pressupostos sobre a variação linguística que passaria a servir de base para a Sociolinguística e suas vertentes associadas, neste caso, a Socioterminologia. Da mesma forma, façamos um repasso por dois linguistas do século XX que foram os primeiros a referenciar a socioterminologia, quais sejam: Boulanger (1995) e Gaudin (1993). O objetivo é fazer um reconhecimento da origem das noções de variação acerca das línguas e como este fenômeno é estudado e abordado na área de Terminologia.

Como veremos, compreender a variação vai mais além do que um mero trabalho descritivo. Também, não é apenas um caminho para um estudo das evoluções idiomáticas, mas é um canal riquíssimo de informações acerca do sistema, das regras, do núcleo de funcionamento de uma dada língua. A variação é o caos, a parte aparentemente não sistemática das línguas e pôr ordem neste caos é o que poderá permitir acessar perguntas tão basilares da linguística como: o que permite a comunicação (emissão-recepção)? Quais os mecanismos de organização interna das línguas?

Levando estas questões em consideração e a relevância do tema, é que se busca compreender a abordagem dada ao tema nos primórdios da linguística moderna, bem como a forma de o mestre genebrino pensar, em sua epistemologia, o lugar a dar a este tema da linguística: a variação.

2.1 Dos Primórdios: Saussure e o CLG

As questões de variação, mudança, transformação estão e sempre estiveram no centro das discussões linguísticas. Não importa em que época, em que momento, pensar na origem da língua sempre foi fundamental e, por esta mesma razão, é que a indagação sobre a existência de um idioma mãe e sobre o porquê do seu desaparecimento e surgimento de tantos outros também sempre foi uma constante.

Para Saussure, na construção de uma epistemologia, no seu pensar sobre o fazer da ciência linguística, está claro que a abordagem deste tema também será crucial, fundamental. No entanto, a questão que se deseja responder aqui é: como Saussure propõe, como aborda a variação linguística⁵? Mantendo em mente que o *Curso de Linguística Geral* foi publicado em 1916 e que a Linguística, desde então, teve um desenvolvimento considerável passando por diferentes enfoques e abordagens teóricas, o que poderá nos dizer Saussure sobre este fato linguístico?

Começemos este tópico do princípio, com a primeira referência⁶ ao processo de variação na língua: “Graças aos neogramáticos não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos” (2006, p. 12). Onde está aí a referência ao fenômeno de variação? Ao referir-se à língua como produto do espírito coletivo, Saussure faz referência à mudança, portanto, alteração da língua que se dá somente pelo processo de variação. A seguir, expomos um quadro com diversas referências no CLG que fazem menção ao processo de desenvolvimento das línguas acompanhadas de nossos comentários:

Quadro 5: Desenvolvimento das Línguas pelo CLG

⁵ Cabe a ressalva de que o nome Saussure aqui é mais bem utilizado como metonímia, já que é bem sabido que o *Cours Du Linguistique General* está organizado e redigido por seus alunos, seguidores. Assim, na extensão de todo o trabalho, usaremos o nome Saussure para referir ao *Curso de Linguística Geral*, fazendo, assim, a devida menção à obra e herança intelectual de Saussure.

⁶ Doravante, todas as citações referem-se ao CLG.

CITAÇÃO	COMENTÁRIO
“a matéria da lingüística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana [...] todas as formas de expressão.” (p. 13)	Devemos sublinhar aqui, que está claramente indicado que todas as formas de expressão deverão ser estudadas, não apenas a “bela linguagem”.
“a parte psíquica não entra tampouco em jogo: o lado executivo fica de fora, pois a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala.” (p. 21)	Saussure determina que a função executiva da linguagem – a fala – é sempre individual e não fará parte da análise linguística.
“com o separar-se a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental.” (p. 22)	Saussure caracteriza o que vem a ser a fala: individual, acessória e mais ou menos acidental.

Fonte: Elaboração da autora.

Do que foi exposto acima, demarquemos bem o que está sendo proposto em termos de teoria linguística aqui. Saussure, em um primeiro momento, nos esclarece que tudo o que se diz, o que se expressa, deverá ser objeto de estudo da linguística, o que evidentemente incluiria a variação. A seguir, ele indica que os fenômenos de fala são acessórios, eles não devem entrar para o estudo da linguística. É, de fato, um processo epistemológico de afunilamento do objeto de estudo da linguística e, ao mesmo tempo, flagrantemente contraditório.

Na parte seguinte, entramos no âmbito da fonologia, que será bastante rico para a abordagem da variação:

Quadro 6: Fonologia e Variação no CLG

CITAÇÃO	COMENTÁRIO
“a essa separação da fonação e da língua se oporão, talvez, as <u>transformações</u>	Grife-se aqui os termos “transformações” e “alterações”,

fonéticas, as <u>alterações</u> de sons que se produzem na fala, e que exercem influência tão profunda nos destinos da própria língua.” (p. 26)	pois são fenômenos que mudam o destino da língua.
“teremos, de fato, o direito de pretender que esta [a língua] exista independentemente de tais fenômenos [de variação]. Sim, pois eles não atingem mais que a substância material das palavras.” (p. 26)	Em suma: fenômenos de variação são apenas superficiais, não apresentam qualquer indício dos mecanismos internos da língua.
“é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos.” (p. 27)	É, portanto, da interação concreta existente na fala que ocorre a evolução da língua.
“Um grupo binário implica certo número de elementos mecânicos e acústicos que se condicionam reciprocamente; quando um <u>varia</u> , esta <u>variação</u> tem, sobre os outros, uma repercussão necessária, que poderá ser calculada.” (p. 63)	Saussure nos indica um princípio universal das línguas através de fenômenos da fala: a variação de um elemento acarreta alterações em todos os outros elementos a ele relacionados. Aqui há a primeira ocorrência da palavra/termo “variação”.

Fonte: Elaboração da autora.

De tudo o que vimos no contexto fonológico do CLG, o que salta aos olhos? Existe uma lógica central proposta por Saussure, é a de que fenômenos individuais e da fala não estão no escopo do estudo linguístico. Justificativas para isto? O argumento tradicional: a fala é heterogênea. O argumento apresentado no CLG: fenômenos de fala não estão no sistema da língua. Não obstante, o que vemos neste tópico de fonologia? Claramente, Saussure defende o estudo sistemático das variações e, mesmo sem um trabalho exaustivo, pôde concluir um dos universais da linguagem: fenômenos fonológicos estão condicionados pela capacitação articulatória do aparelho fonador.

É importante ressaltar, também, o surgimento de três termos: “alteração”, “transformação” e “variação”. Analisando seus contextos de ocorrência, o que podemos

extrair dos conceitos propostos por Saussure? As “transformações” são fonéticas, “a Fonética é uma ciência histórica” (pág. 43). Estaria Saussure fazendo aqui referência ao fenômeno de variação? A resposta é não, mas está fazendo referência ao fenômeno de mudança.

E quanto às “alterações”? Neste tópico, o CLG usa “alteração” como variação, pois se refere aos fenômenos nos sons presentes na fala e que influenciam o destino das línguas, com isto ele quer dizer: são fenômenos que poderão modificar o sistema em um estágio futuro da língua, por hora, no entanto, são fenômenos na sincronia da língua. O termo “variação”, utilizado ali, é realmente empregado com o significado que delimitamos ao princípio desta dissertação? Sim, basta lembrar-nos do exemplo dado no início: as variações fonológicas estão condicionadas fisicamente e se condicionam mutuamente na cadeia articulada. É muito importante que se tenha claro o emprego dos termos saussurianos e a noções de temporalidade que eles designam; qualquer descuido quanto a estes conceitos, faria confundir facilmente o fenômeno de variação (sincrônico) com o de mudança (diacrônico). Neste tópico, Saussure elabora um outro princípio universal das línguas – com base no fenômeno de variação – os sons são elementos variáveis. Eis uma característica imanente à linguagem.

Entremos agora, no tópico acerca da mutabilidade do signo linguístico, o que nos levará também às questões de Linguística Estática (sincrônica) e Linguística Evolutiva (diacrônica). Desde já, deve-se perguntar: em qual das duas linguísticas se encaixaria a variação? Vejamos algumas de suas citações sobre este tema com seus respectivos comentários:

Quadro 7: Mutabilidade do Signo no CLG

CITAÇÃO	COMENTÁRIO
“o fator histórico da transmissão a [a língua] domina totalmente e exclui toda transformação linguística geral e repentina.” (p. 86)	Ocorrência do termo “transformação” como fenômeno histórico.
“uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a	Ao deslocar-se significado e significante, produz-se variação. A arbitrariedade é um dos porquês da existência deste fenômeno.

<p>relação entre o significado e o significante. É uma das consequências da arbitrariedade do signo.” (p. 90)</p>	
<p>“quem cria uma língua, a tem sob domínio enquanto ela não entra em circulação; mas desde o momento em que ela cumpre sua missão e se torna posse de todos, foge-lhe ao controle.” (p. 91)</p>	<p>Saussure apresenta aqui a noção relativa às línguas desenvolvidas intencionalmente, com propósitos fixos, tal como o caso relativo às terminologias. Neste caso, portanto, a condição para a existência do fenômeno de variação em tal situação é ser utilizada pela massa falante. Implicatura 1: as regras presentes no sistema começam a agir sobre as terminologias. Implicatura 2: Variações estão subordinadas às regras da língua.</p>
<p>“a <u>continuidade</u> do signo no tempo, ligada à <u>alteração</u> no tempo, é um princípio da Semiologia geral.”. (p. 91)</p>	<p>Aparição do termo “continuidade”. Realocação do significado de “alteração”. Agora está relacionado ao tempo. Demarca um princípio: o fenômeno de transformação é próprio dos sistemas comunicativos. Para haver transformação supõe-se a existência de variação.</p>
<p>“se se tomasse a língua no tempo, sem a massa falante – suponha-se o indivíduo isolado que vivesse durante vários séculos - não se registraria talvez nenhuma <u>alteração</u>; o tempo não agiria sobre ela.” (p. 92)</p>	<p>É a massa falante que ocasiona variações e mudanças, visto haver atividade linguística⁷ apenas pela atuação dos falantes. Há a segunda ocorrência do termo “alteração” fazendo referência ao tempo. Em suma: a alteração é provocada pela massa falante e apenas detectável através do tempo.</p>
<p>“chega-se, assim, ao princípio de continuidade, que anula a liberdade.</p>	<p>O termo “continuidade” faz referência ao fenômeno evolutivo (temporal). Ao</p>

⁷ Para que haja atividade linguística, é necessário mais do que um sistema de língua internalizado. É necessário o esquema: emissor – mensagem - receptor. É apenas diante desta tríade que existe comunicação. E é neste esquema mais a língua que existe um processo de retroalimentação que permite o desenvolvimento de qualquer sistema semiológico.

<p>A continuidade, porém, implica necessariamente a <u>alteração</u>, o <u>deslocamento</u> mais ou menos considerável das relações.” (p. 93)</p>	<p>empregar “alteração” aqui (e “deslocamento”), o CLG volta ao sentido sincrônico do termo, visto que para chegar ao fenômeno de continuidade deve existir deslocamento de relação (sintagmáticas e paradigmáticas) entre signos linguísticos; isto apenas acontece por meio do fenômeno sincrônico da variação.</p>
<p>“[no eixo das sucessões] estão situadas todas as coisas do primeiro eixo [eixo das simultaneidades] com suas respectivas <u>transformações</u>.” (p. 95)</p>	<p>Na sucessão estão contidos todos os elementos da língua, incluindo as transformações; o termo é empregado desta vez referindo-se ao sincrônico.</p>

Fonte: Elaboração da autora.

De tudo o que foi exposto acima, o que percebemos? Em primeiro lugar, tornou-se claro que a preocupação majoritária de Saussure centrava-se na questão temporal. Falar de alterações e deslocamentos dentro do sistema linguístico tornou-se, no CLG, quase sinônimo de temporalidade, ou, continuidade temporal. Saussure preocupa-se em delimitar os estudos diacrônicos, ou seja, estudar alterações é estudar a língua através do tempo. Em segundo lugar, notamos que suas considerações não são capazes de fugir dos fenômenos de variação (sincrônico), uma vez que são eles a origem e o porquê das mudanças e da evolução da língua. Esta dificuldade de delimitar e caracterizar o que venha a ser variação reflete-se no uso que faz dos termos (“continuidade”, “alteração”, “transformação”, “sucessão”) que emprega. Esse fato poderia nos levar a considerar que o uso que Saussure realiza de tais termos está mais próximo de seus usos e significados no âmbito da língua geral. Portanto, para não confundir as noções aqui envolvidas, é necessário tomar muito cuidado com o emprego de tais termos. Neste ponto, percebemos que os quatro termos são, em um momento ou outro, utilizados para se referir ao fenômeno histórico de mudança. Na realidade, tal conceito é predominante em seus usos.

A variação, já se pode concluir por tudo que foi dito até agora, estaria inserida não na Linguística Evolutiva, mas na Linguística Estática, caso utilizemos a organização epistemológica proposta por Saussure. A variação é um fenômeno

sincrônico, é o porquê da existência de “mutação” ou mudança na língua, e é a concorrência entre formas diferentes, sendo que uma destas formas ocupará a posição central nas relações associativas (no caso da variação, refere-se ao estado sincrônico) e a outra será a forma principal de determinado eixo paradigmático (no caso da mudança, refere-se ao estado diacrônico). Por exemplo, no fenômeno de variação fonológica encontrado em PB, temos as formas /t/ e /tʰ/ diante de /i/, como em /tia/ ou /tʰia/, em que a primeira pronúncia é cabeça de eixo paradigmático (foi fixada historicamente e pertence à estrutura profunda, servindo de base para todos os outros fenômenos superficiais de variação) e a segunda pronúncia possui posição central nas relações associativas (visto ser a forma preferida dos falantes, a mais frequente). Eis aqui a diferença básica entre variação e mudança: no primeiro caso, as formas diferentes que possuem um mesmo significado de uma forma principal (ou preferida pela comunidade) estão em concorrência com esta para a ocupação de sua posição no sistema da língua; no caso da mudança, este deslocamento já se deu, e uma outra forma estará presente na posição principal do sistema. Podemos dizer que, havendo variação, sempre haverá competição entre as formas, em que uma será selecionada como a forma preferencialmente reconhecida no idioma. Neste sentido, a variação apenas poderá acontecer pela falta de motivação que existe na união de um significado a um determinado significante, ou seja, é pelo princípio da arbitrariedade que se torna possível os deslocamentos de relações dentro do sistema linguístico e sua possível mutação posterior.

Saussure nos esclarece que fora do estado momentâneo dos seus termos nada será determinado (pág. 95), isto é, na temporalidade (eixo histórico) não existe o valor, pois não há uma rede de oposições em ação. Logo, a variação estará em ação dentro de um sistema de valores (língua em estado sincrônico) que lhe atribui oposição (caso em que se criam distinções, exemplo: *vírus* (biologia) e *vírus* (informática)) ou mesmo neutralização de oposições (caso em que unidade distintas passam a ter mesmo significado, exemplo: *meio natural* e *meio ambiente*). Está, portanto, no estado estático da língua e será a responsável pela existência de seu estado evolutivo. Assim, estando presente o elemento tempo, o objeto estará fora do sistema (pág. 96): “Esses fatos diacrônicos de modo algum têm por fim assinalar um valor com outro signo”. (pág. 100) Neste ponto, Saussure nos trás a seguinte noção diante da ilustração do sistema solar. Vejamos:

O sistema nunca se modifica diretamente; em si mesmo é imutável; apenas alguns elementos são alterados sem atenção à solidariedade que os liga ao todo. É como se um dos planetas que giram ao redor do Sol mudasse de dimensões e peso; esse fato isolado acarretaria consequências gerais e transtornaria o equilíbrio de todo o Sistema Solar. (2006, p. 100)

O que está em jogo nesta noção expressa por Saussure? Dizer que um sistema é imutável é dizer que há um recorte temporal dos elementos com e em determinada funcionalidade. É, ao fim, uma divisão meramente didática. No entanto, prestemos atenção na ilustração, pois esta sim nos revela a noção de Saussure sobre os processos de alterações. Ele está dizendo que com a alteração de um elemento todo o sistema sofrerá alterações. É mesmo assim? Raciocinando: a implicação toda está no fenômeno ao qual Saussure se refere. Se há alteração em algum elemento conforme indicado ali (mudança do peso do planeta) a mudança já aconteceu. Saussure não está fazendo referência à variação quando fala da alteração do planeta, ele está falando já da mudança, já existe um novo valor plenamente estabelecido no sistema. Logo, a mudança de um elemento significa, exatamente ao mesmo tempo, a mudança do sistema. O que Saussure queria indicar ali é que, precedendo a mudança, existe um fenômeno, um processo, será este processo que dará origem às mudanças. No entanto, diante desta ilustração, como indicar o processo de transformação do planeta? Neste ponto a ilustração se torna complicada. Estamos aqui, portanto, diante da prova da confusão que existe muitas vezes no CLG entre o fenômeno de variação e o de mudança, entre o que é estático e o que é evolutivo, entre o que seja estudo sincrônico e estudo diacrônico e a questão mais importante que podemos extrair para os estudos linguísticos: quais estruturas linguísticas seriam acessórias para a compreensão do sistema da língua tal como entendido no CLG (variação-fato de fala x mudança-fato de língua)? E na perspectiva variacionista: “quais são os limites da variação?” (Beline, 2005).

Saussure também nos leva em direção a uma cadeia de novos termos, que também devem ser observados se desejamos compreender e aprofundar as noções trabalhadas pelo teórico:

Algumas pessoas, influenciadas por *waren*, criaram *war* por analogia; era um fato de fala; esta forma, frequentemente repetida e aceita pela comunidade, tornou-se um fato de língua. Mas todas as inovações da fala não têm o mesmo êxito e, enquanto permanecem individuais, não há por que levá-las em conta, pois o que estudamos é a língua; elas só entram em nosso campo de

observação no momento em que a coletividade as acolhe. (2006, p. 115)

Sublinhemos aqui os termos: fatos de fala e fatos de língua. Fatos de fala são variações, fatos de língua são mudanças (transformações). Saussure mais uma vez reitera aqui que os fenômenos linguísticos individuais não deverão ser estudados. Enquanto o fato em jogo não estiver incorporado à coletividade, não se deverá dar atenção a ele. Já discutimos sobre isso antes, mas frisamos: a manifestação individual está completamente condicionada pelas regras do sistema linguístico e, por essa razão, seu estudo permitirá entrever mais amplamente o funcionamento do sistema e contribuirá enormemente para o seu entendimento. Entretanto, em sua epistemologia, Saussure não inclui a variação como ocupação da Linguística, mas, ao mesmo tempo, esclarece: “Um fato de evolução é sempre precedido de um fato, ou melhor, de uma multidão de fatos similares na esfera da fala.” (p. 115, 2006)

Saussure não só reconhece a interdependência destes fenômenos aqui, ele, na verdade, está determinando que o fato evolutivo, o fato de mudança, apresenta a mesma natureza daquilo que o precede na fala, ou seja, as variações.

De um modo conclusivo, Saussure propõe ao final:

Um estado absoluto se define pela ausência de transformações e como, apesar de tudo, a língua se transforma, por pouco que seja, estudar um estado de língua vem a ser, praticamente, desdenhar as transformações pouco importantes. (2006, p. 118)

E acrescenta: “Em Linguística estática, como na maior parte das ciências, nenhuma demonstração é possível sem uma simplificação convencional dos dados.” (p.118, 2006). Saussure propõe que fenômenos de fala não deverão ser estudados a menos que apresentem uma forte relevância para a compreensão de algum fato de língua. O que ele pretende é descartar os mínimos fenômenos, aqueles que tenderiam a acidentes sem maiores repercussões no que está funcionando na gramática da língua. Saussure compreende que a linguagem, sim, comporta fenômenos que nada teriam que ver com a língua. Tais fenômenos são ocasionais e um entrave para a sistematização. Como bem coloca na segunda citação acima, é necessário que haja simplificação dos dados para que haja sistematização, para que haja estabelecimento de regras, para que haja, enfim, ciência. O que Saussure deseja evitar são descrições exaustivas de fatos da fala que nada contribuiriam para a ciência da língua: “É cômodo e, com freqüência, até divertido

acompanhar uma série de transformações. Mas a Linguística que se ocupa de valores e relações coexistentes, apresenta dificuldades bem maiores.” (p. 117, 2006)

Saussure está realizando, na verdade, uma crítica contínua aos gramáticos comparatistas e apressa-se por desfazer-se das práticas linguísticas “infrutíferas” de suas análises, sua ocupação sem fim de realizar descrições e comparações minuciosas das línguas sem chegar a uma conclusão derradeira sobre o funcionamento da linguagem.

Cabe ainda ressaltar, respeito às variações lexicais, também entendidas como dialetais, que tenderão a ter um valor lingüístico diferente do exposto até então. Na variação lexical, não é o caso de que existam formas concorrentes no sistema. Mas uma dada comunidade selecionou um item lexical diferente para fazer referência a dado elemento no mundo. Por isso, são denominados dialetos, estão sujeitos a idiosincrasias particulares e constituem subsistemas, por esta razão, não se trata do mesmo que as variantes concorrentes abordadas ao longo desta dissertação.

Disto tudo, cabe dizer que a temática da variação foi considerada por Saussure de forma parcial e, às vezes, um tanto confusa, mas a levou em consideração e a abordou, fixando um lugar para ela na Linguística. Evidentemente, por uma série de razões contextuais, muitas coisas não foram e não poderiam ser abordadas no CLG, visto que Saussure estava lançando a base da Ciência Lingüística e era necessário estabelecer seus limites. Era preciso simplificar seu objeto de estudo como ponto de partida, circunscrevê-lo, e o mestre genebrino fez isto muito bem. No entanto, lembrando que sua obra mais conhecida, na verdade, não foi de sua autoria, é natural que, ao realizarmos um estudo minucioso como este, encontremos contradições ou confusões conceituais diante de um tema tão complicado de desenhar perfeitamente seus limites. Antes fosse simples colocar cada fenômeno da língua em caixas classificatórias, isto geralmente não é simples de alcançar, e ainda mais complicado e complexo quando estamos trabalhando justo no terreno arenoso de nosso objeto de estudo: a variação. Justamente a parte não estável, as exceções à regra, aquilo que seria separado e colocado à parte do sistematizável. Mas é justamente por tais características que o estudo deste fenômeno se torna uma fonte tão rica para a compreensão da linguagem. Lograr sistematizar o “caos” é alcançar novos níveis de compreensão da linguagem humana.

Evidentemente, este não era o momento, a etapa em que se encontrava o CLG, mas ele lançou as bases para tudo que viria a seguir, e deu condições para o desenvolvimento e estabelecimento da Linguística. O estudo da variação em linguística,

atualmente, tem levado a discussões na esfera social e antropológica, uma vez que o que se entende por norma culta, como o falar bem e corretamente, vem sendo colocado em xeque. Pelo estudo dos fenômenos de variação, chega-se à conclusão de que determinado modo de falar não descategoriza um determinado grupo de indivíduos falantes, pois se percebeu que este fenômeno está em todas as classes e respeitam princípios regulares e lógicos de acomodação e manutenção das línguas.

2.2 Princípios da Terminologia Variacionista

Já em meados da década de 90, as discussões acerca de variacionismo e sociolinguística estavam bem avançadas, e estudos fundamentais para a compreensão dos mecanismos das línguas haviam sido desenvolvidos trazendo à tona a necessidade de se levar em conta a descrição de diferentes fenômenos e sua representatividade para a compreensão dos módulos da linguagem. Neste sentido, Noam Chomsky, já na década de 50, encabeça o desenvolvimento do Gerativismo, no qual esclarece que a língua possui um conjunto de regras que regem a produção linguística do indivíduo; graças a estas regras é possível fixar o universal da recursividade. Assim, o falante possui todas as regras necessárias para produzir indefinidamente cadeias de fala, logo, a fala é tratada como produto da língua, estrutura superficial que sofre modificações, mas que representa e revela a estrutura profunda, ou seja, a língua. Portanto, Chomsky trabalha com a noção de variação, mas esta é um fenômeno superficial, passível de estudo e sistematizável a fim de se chegar à gramática internalizada, qual seja: a língua.

Neste contexto, Labov, na década de 60, desenvolve uma série de pesquisas que se tornarão o principal referencial sobre a Socioterminologia. Numa fase da história dos EUA em que imperava o preconceito racial contra negros, Labov traz à tona uma série de dados que comprovavam que a produção linguística de uma raça ou outra em nada diferiam se compartilhavam um mesmo idioma. Estabelecendo uma série de parâmetros de designação e classificação social, Labov evidencia quais os fatores que entram em operação nas diferentes variantes de falas existentes, comprovando que não a raça determinaria isto, mas uma série de fatores contextualizantes e condicionantes para o surgimento de tais variantes, ainda que o idioma compartilhado fosse o mesmo. A grande inovação deste pesquisador estava centrada no seu novo método de análise. Labov criou uma série de parâmetros classificatórios (variáveis), como idade, sexo,

escolaridade, classe social, etc., que pudessem dar pistas sobre as condições de surgimento das variantes, que, em dada comunidade, deveria constituir a variedade linguística em questão. Seus entrevistados deveriam expressar-se livremente e de modo natural, com o menor grau de interferência possível, portanto, em contextos de entrevista mais neutros possíveis para a obtenção de dados reais. Deste momento em diante, os termos *variedade*, *variante* e *variável* passam a constituir ponto chave nas investigações linguísticas. A questão saussuriana sobre se deveria estudar-se a língua ou a fala também deixa de ser um paradoxo, ficando claro que ambas as dimensões devem ser estudadas pela Linguística visto que se retroalimentam.

Foi neste contexto, que a Terminologia vinha caminhando paralelamente. Por longos anos, esta área de estudo esteve inserida em uma concepção estanque e engessada. Seu idealizador inicial, Eugen Wüster, entendia o termo como uma unidade linguística denominativa que deveria expressar univocamente um determinado conceito ou objeto de uma ciência. Entendido assim, o termo especializado seria uma criação e as terminologias seriam as linguagens artificiais: sua natureza é a objetividade, a precisão e o conteúdo técnico ou científico. A preocupação principal de Wüster centrava-se na atividade normativa, é dizer, determinar uma forma denominativa preferível e torná-la a única vigente em detrimento das demais. Tinha, portanto, intuito padronizador, no qual não estava previsto o fenômeno da variação.

No entanto, frente ao desenvolvimento da Linguística, novas correntes começam a surgir na Terminologia, que passam a focar seus aspectos comunicativos, com um enfoque mais bem descritivo. Assim, a análise terminológica busca compreender a natureza desta esfera da linguagem e, por esta razão, teorias comunicativas, textuais, funcionalistas e sociolinguísticas passam a dar insumo para o desenvolvimento da Terminologia. É neste contexto que surgem os autores abaixo referidos.

2.2.1 Boulanger

Boulanger teve um papel fundamental para o estabelecimento da Socioterminologia. O próprio termo teria sido utilizado pela primeira vez por ele em 1981, momento em que as bases da terminologia tradicional já haviam sido revisadas e surgiam novas necessidades de pesquisa para a compreensão dos fenômenos das linguagens especializadas ou, como chama o pesquisador, LSP (Language for Specific

Purposes). Boulanger, em seus trabalhos de planejamento linguístico, buscou defender a legitimidade do francês quebequense frente ao inglês dominante no Canadá, bem como perante o francês europeu. Neste seu empenho, fez-se necessário olhar para os aspectos sociais e culturais, ultrapassando a barreira, até então unânime, da padronização linguística. Assim, frente ao desenvolvimento das técnicas, das ciências, dos fazeres especializados, era necessário tornar legítimo e reconhecido os usos linguísticos da comunidade francesa quebequense levando em conta toda a construção histórica que a língua havia passado a representar. Com este intuito, Boulanger, inspirado nos desenvolvimentos da sociolinguística, percebe que a imposição do falar aceitável e prescritivista era reducionista e não representava a real natureza da língua, bem como, em termos políticos, influenciava no prestígio da comunidade quebequense falante do francês. Fruto de suas novas diretrizes teóricas, nascerá uma de suas mais representativas obras, o “Dictionnaire Québécois d’Aujourd’hui” (DQA), adaptação realizada sobre o “Robert d’Aujourd’hui”, que buscou esclarecer os usos reais dos vocábulos. Assim, o próprio Boulanger esclarece na sua apresentação da obra:

Le Dictionnaire québécois d’aujourd’hui est élaboré à partir d’un dictionnaire de la maison Robert (le Robert d’aujourd’hui). Les rédacteurs ont remanié les articles afin de les rendre plus spécifiques « à l’usage laurentien ». Selon eux, le DQA est avant tout un dictionnaire qui cherche à refléter l’usage de la langue française au Québec. Il ne contient que « ce qu’il faut connaître des particularités du français de France » et ne s’attarde pas nécessairement sur la dimension historique, morphologique et littéraire (comme le fait un dictionnaire tel que le Petit Robert). Fort de cette association avec la maison Robert, le DQA veut être le premier véritable dictionnaire d’un français américain « dont la norme sociale est aujourd’hui, malgré les polémiques qui montrent sa vitalité, en voie de constitution ». Il ne veut cependant pas être considéré comme un « Robert québécoisé ». (DQA, 1992, apud. Boulanger, 1995)⁸

Assim, Boulanger estreia um panorama que se encherá de artigos, trabalhos acadêmicos, seminários e congressos abordando o tema da socioterminologia. No artigo de 1995, referido no título, realiza um percurso histórico e epistemológico que envolveu

8

"O *Dictionnaire Québécois d’Aujourd’hui* é feito a partir de um dicionário da casa Robert (*Robert d’Aujourd’hui*). Os redatores revisaram os artigos para torná-los mais específicos ao uso “*laurentiano*”. Segundo eles, o DQA é antes de tudo um dicionário que busca refletir o uso da língua francesa no Quebec. Ele contém apenas "o que você precisa saber sobre as peculiaridades do francês da França" e não se concentra, necessariamente, sobre a dimensão histórica, morfológica e literária (como um dicionário como o *Petit Robert*). Com esta forte associação com a casa de Robert, o DQA será o primeiro dicionário de francês verdadeiramente americano, “que é agora a norma social, apesar das controvérsias que mostram a sua vitalidade no processo de formação”. Isso não significa, no entanto, ser considerado um “Robert quebequense”. (tradução minha)

o nascimento, crescimento e estabelecimento da Socioterminologia. Vejamos brevemente os tópicos abordados por Boulanger neste artigo.

Já no primeiro parágrafo, sob o título *Terminologia: Mito ou Realidade?*, o autor questiona qual a natureza real, o estatuto, da própria disciplina de Terminologia. Seria ela uma ciência independente ou estaria submissa a outras? Seria apenas um instrumento para acessar o conhecimento de outras ciências? Ele mesmo indicará que os muitos anos de pesquisas em Terminologia, bem como os numerosos estudos realizados na área já lhe atribuem o direito de ser considerada uma das várias vertentes da Linguística. No entanto, ajustes eram necessários e estes ajustes deveriam começar pela observação e descrição da esfera discursiva em que as terminologias se inseriam: “Le champ des LSP est certainement l’un des courants qui sont les mieux branchés sur le corps social” (p. 194)⁹. O objetivo era demonstrar que o maior erro da Terminologia até então estava em considerar apenas uma dimensão estanque e, logo, sincrônica do termo, ao passo que a realidade era muito mais ampla e variável: como resultado de interação e produção social, as terminologias deveriam ser apreciadas também a partir de outras dimensões, em especial a diacrônica, que deveria dar conta de abarcar todas as variáveis que resultassem em determinadas representações linguísticas da realidade.

Até os anos de 1970, as buscas terminológicas realizadas no Quebec seguiam as diretrizes da Terminologia tradicional, tal como orientado pela TGT (Teoria Geral da Terminologia). No entanto, a partir dos anos 80, surgem novos conceitos, tais como o de difusão e implantação, refletindo em pesquisas de naturezas diferentes e com metodologias inovadoras. Começando por estes aspectos de ordem prática, logo a Terminologia passaria a contemplar novas discussões de cunho mais teórico, tais como indagações sobre a formação e formulação dos discursos, bem como sobre a relação entre o termo e o signo linguístico. Logo se percebeu que as antigas diretrizes, como a normalização baseada na monossemia, já não eram capazes de dar conta da diversidade de situações comunicativas que passavam a figurar no cenário real.

L’univocité du terme et de la notion créait une situation idéale et elle résolvait par avance les problèmes, particulièrement sur le plan théorique. Plutôt que de reconnaître la polysémie naturelle et la pertinence de la synonymie, on cherchait à retirer au terme son droit à la variation, à la fois en ce qui regarde les aspects sémantiques (la polysémie) et en ce qui a trait à la variation lexicale (la synonymie). Bien entendu, ce réductionnisme lexical était recherché: il est évident que l’effort

⁹ O campo das LSP é certamente uma das correntes que constituem um dos melhores ramos de estudo sobre o corpo social. (tradução minha)

d'univocisation avait pour objectif de ramener la multiplicité des situations et des variations de communication à une situation singularisée et simplifiée au possible. (BOULANGER, 1995, p. 196)¹⁰

O combate da normalização tal como praticada até este momento passa a ser combatida, e será esta necessidade de adicionar as questões sociais às atividades de normalização e de recomendação terminológica que passará a dar origem a Socioterminologia. Ao passo que as novas pesquisas observam o uso real da língua os fenômenos acima elencados na citação, passam a dar coro e maior suporte a este novo enfoque terminológico: tudo sempre sendo utilizado a favor da compilação onomasiológica. As exigências de padronização passam as ser a última barreira a ser vencida para o estabelecimento da socioterminologia.

Deste momento em diante, podemos considerar que o nascimento da Socioterminologia já havia se dado. Questões epistemológicas passam a alimentar e inflar ainda mais este novo ramo da linguística, Boulanger pergunta: *Socioterminologia: mãe ou filha?* Evidentemente, a questão central deste tópico pousará sobre o ordenamento dos fatores reais que geram os fenômenos de língua, muito mais importantes do que questões epistemológicas de nomenclatura ou tempo de surgimento destas. A Socioterminologia, enquanto campo de estudo organizado, é oriunda da Terminologia e agrega a ela novas reflexões de cunho linguístico. Deste modo, é possível falar de Terminologia sem falar em Socioterminologia, mas jamais será possível fazer o percurso inverso, é dizer, não há Socioterminologia sem Terminologia ou mesmo sem Sociolingüística. Como fenômeno natural, por outro lado, são as atuações sociais, as produções humanas que darão origem a novos vocábulos, a novos termos, a novas associações de significante e significado, conforme a terminologia saussuriana, logo, a dimensão social precede a dimensão lingüística, pois esta é representante, reflexo, espelho da primeira. Dentro desta lógica, Boulanger ressalta que é importante individualizar as áreas e os termos a elas associados, posto que é desta forma que reconhecemos a verdadeira natureza destas linguagens de especialidade.

A partir destas noções iniciais, uma série de estudos, pesquisas passaram a ser desenvolvidas, e a Socioterminologia vai criando corpo como campo de estudo a partir

¹⁰ A univocidade do termo e do conceito cria uma situação ideal e resolve antecipadamente os problemas, em especial sobre o plano teórico. Em vez de reconhecer a polissemia natural e a relevância da sinonímia, procurou-se retirar do termo o seu direito de variação, tanto no que diz respeito aos aspectos semânticos (polissemia), tanto com relação à variação lexical (sinonímia). Naturalmente, este reducionismo lexical foi pesquisado: é evidente que o esforço de *univocização* teve por objetivo reduzir a multiplicidade de situações e de variações comunicativas a situações o mais singularizadas e simplificadas possíveis. (tradução minha)

de uma série de trabalhos que passam a ser realizados em especial em três centros de estudo situados nas cidades de Rouen, Bruxelas e Montreal. Representante dos avanços nestes estudos, em 1994, o *Dictionnaire de Linguistique et des Sciences du Langage* (DLSL) passa a incluir novas informações em seus verbetes. Se, anteriormente, o dicionário se centrava apenas na descrição dos termos e seus conceitos – unívocos – circunscritos a determinada área, agora passa a figurar, em primeiro lugar, uma caracterização semântica mais profunda de caráter mais teórico no âmbito linguístico, trazendo informações de traços semânticos circunscritos a esferas de uso. Além disto, passam a ser considerados: o estudo teórico das LSP, organização temática do dicionário, explicitação das atividades de caráter científico e prático relativos aos métodos de coleta e de tratamento das unidades lexicais especializadas. Neste dicionário encontramos uma definição para *terminologia*, bem como uma das primeiras definições dicionarísticas para o termo *socioterminologia*:

- **terminologie**: étude systématique de la dénomination, des notions (concepts) spécifiques de domaines spécialisés des connaissances ou des techniques.

- **socioterminologie** : veut prendre en compte les aspects sociolinguistiques de la communication scientifique et technique. [...] Elle travaille le terme technique dans une optique qui part du signe linguistique. [...] La socioterminologie s'intéresse aux pratiques langagières dans les procès technologiques. (BOULANGER, 1995, p. 198)¹¹

Assim, nasce a Socioterminologia que passa a ser considerada um novo ramo da Terminologia. Orientada sobre a premissa de compreender o intrincado funcionamento linguístico das linguagens especializadas sem necessariamente entrar no conteúdo especializado em si. Criou-se a consciência de que o que é compilado nos dicionários não reflete o que de fato se efetiva na língua. Abandonam-se as práticas terminográficas de univocidade e monorreferencialidade e chega-se a conclusão de que os setores científicos, de que as várias áreas de conhecimento não são puras, não estão perfeitamente delimitadas e separadas, mas que elas se relacionam e se imbricam e passam a depender uma da outra constituindo, portanto, a interdisciplinaridade. Desta série de constatações surge uma nova noção: a de nós ou nódulos de conexão:

¹¹ - **terminologia**: estudo sistemático da denominação, das noções (conceitos) específicas de domínios especializados de conhecimentos ou técnicas.

- **socioterminologia**: toma em conta os aspectos sociolinguísticos da comunicação científica e técnica. [...] Ela trabalha o termo técnico a partir da óptica do signo linguístico. [...] A Socioterminologia se interessa pelas práticas de linguagem nos processos tecnológicos. (tradução minha)

De plus en plus les terminologues et les linguistes refusent de continuer à découper les sphères du savoir en territoires homogènes aux frontières bien dessinées et imperméables à toute influence exogène. D'où les rattachements des savoirs en noeuds. (Idem, p. 198)¹²

Para tanto, se torna fundamental o estudo histórico dos termos. Se a Terminologia se preocupava apenas com o estado sincrônico, a Socioterminologia passará a levar em conta também o processo de formação dos termos e suas origens, o que está atrelado também ao processo de formação das áreas de conhecimento. Logo: a Socioterminologia é a Terminologia nutrida com a história e suas inter-relações sociais. Pelo ângulo da diacronia, a perspectiva lingüística é também alimentada com a história social. Estas novas direções de estudo são utilizadas para a compreensão dos problemas terminográficos, ou seja, na compreensão das falhas e êxitos dos processos e metodologias de compilação em dicionários.

Na continuação do artigo, Boulanger passa a focar as questões que, em nossos dias, tornam-se os grandes eixos de discussão teórica da Terminologia, em especial após o aparecimento da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT): passam a ser discutidos os conceitos de homonímia, sinonímia, polissemia, variação, neologismo na esfera terminológica, bem como aprofundamento das questões dialetais e de estudos informatizados neste âmbito. Surge também a busca pela compreensão da verdadeira natureza do termo que passa a ser visto, à moda saussuriana, como uma interface formada de *denominação + noção*, em que se falará de *paradigma designativo* (conteúdo) e *paradigma denominativo* (forma lingüística).

Em suma, Boulanger, durante todo o artigo, deixa muito claro que todos os desenvolvimentos teóricos que foram possíveis realizar no âmbito da Socioterminologia servem a propósitos específicos de ordem prática: seja na elaboração de dicionários onomasiológicos, seja em compilações editoriais (em que estão relacionados os modos de organização das ciências e técnicas), bem como na tradução e criação de termos (neologismos). Toda a compreensão da verdadeira natureza das LSPs servem para o melhor desenvolvimento dos “planejamentos lingüísticos”, seja nos seus produtos editoriais, seja na legitimação política das diferentes variantes de uso.

¹² Cada vez mais, terminólogos e lingüistas se recusam a continuar a cortar as esferas do conhecimento em territórios homogêneos bem desenhados e impermeáveis à influência exógena. Daí a organização do conhecimento em nós. (tradução minha)

2.2.2 Gaudin

Se Boulanger possui importância histórica por ser o primeiro a provavelmente ter empregado o termo socioterminologia, Gaudin possui importância crucial por ter sido o primeiro a desenvolver uma tese exaustiva e sistematizada da socioterminologia não apenas como metodologia de trabalho da Terminologia, mas também como teoria. Em 1993, Gaudin irá publicar sua tese de doutorado, intitulada *Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*.

No seu artigo *Socioterminologie: du signe au sens, construction d'un champ* (1993), Gaudin desenha as linhas principais do que envolve a socioterminologia. No primeiro tópico, o autor esclarece a origem do termo socioterminologia. - neologismo da lingüística que se construiu por associação com a sociolinguística e que haveria gerado muitos outros termos dentro da Linguística por volta do ano de 1985, tais como: *sociolexicologia, sociolexicografia, sociofonética, socioterminologia aplicada*, etc. Em 1986, Yves Gambier ressalta que existia uma necessidade urgente de a Terminologia transformar-se em socioterminologia. Baseada no precedente linguístico/sociolingüístico, emergia a socioterminologia, a fim de contemplar melhor as atividades envolvidas nas linguagens de especialidade. No ano seguinte, em 1987, Gambier publica na revista *Meta* um artigo que pode ser considerado o princípio da delimitação teórica acerca do termo socioterminologia. Desta forma, está selada a criação do termo, processo que já havia se iniciado na década de 70 com os primeiros laços que Terminologia e sociolinguística passaram a estabelecer.

No tópico seguinte deste seu artigo, Gaudin esclarece como se deu a construção do conceito por trás do termo socioterminologia, era a etapa seguinte após o estabelecimento do termo e que se deu a partir do final da década de 80. As atenções de grande parte dos teóricos em terminologia passam a voltar-se para isto, sendo norteados pelos conceitos metodológicos da sociolinguística e da geopolítica. Neste momento, Gaudin passa a defender uma aproximação multidisciplinar: para se fazer terminologia, era necessário olhar para as diferentes áreas de atuação e trabalho humano, apenas assim seria possível ver o real funcionamento dos termos:

Un terme ne peut pas être vu seulement par rapport à un système (adéquation de la désignation, rattachement à un réseau de notions...): il est aussi à voir dans son fonctionnement, sur le terrain des contradictions sociales (Qui utilise quoi? Qui innove? Comment et par qui les termes se diffusent-ils? Comment s'opèrent les réajustements terminologiques, les reformulations? etc.). (GAUDIN, 1993, p. 296)¹³

Deste novo conceito, surgirá a noção central que permeia a socioterminologia: a variação linguística, justamente por ser a noção que se chocará diretamente com o conceito de univocidade e normatização que permeava a TGT:

Or cette révision des postulats du travail terminologique suppose que l'on réintègre la variation, essentielle dans toutes les interactions, et nullement absente des vocabulaires professionnels. Il convient donc, au lieu de la combattre en la minorant, de comprendre cette variation et de l'étudier. [...] Une standardisation terminologique pour aujourd'hui doit tenir le plus grand compte de la multiplicité des pratiques langagières à la source des terminologies techniques contemporaines. (Idem, 296)¹⁴

Ficou claro, portanto, que as várias práticas linguísticas, em suas mais variadas formas, deveriam ser levadas em conta e, para tanto, era essencial a análise das situações em que estas nasciam. Apenas desta forma seria possível compreender as múltiplas terminologias existentes.

Todas estas mudanças teóricas serviam principalmente a interesses políticos em que se via acontecer a aproximação de correntes linguísticas entre França e Québec que viviam o eterno conflito de legitimidade metrópole-colônia. A partir deste momento, existia a justificativa para a compreensão do falar “diferente”, mesmo nas áreas de especialidade; fazia-se necessário o estabelecimento de procedimentos metodológicos que permitissem uma aplicação de tudo que havia sido desenvolvido no plano teórico. Os termos passam a ser estudados na sua dimensão iterativa e discursiva, permitindo o estabelecimento de critérios para a “padronização” e não mais imposição pela “normatização”. Entre os novos procedimentos metodológicos, listamos: consulta ao

¹³ Um termo não pode ser visto apenas em relação a um sistema (adequação da designação, incorporação a uma rede de noções...): é também visto no seu funcionamento sobre o terreno das contradições sociais (Quem usa o quê? Quem inova? Como e por quem os termos são difundidos? Como se dão os ajustes terminológicos, as reformulações? Etc). (tradução minha)

¹⁴ Ora, esta revisão dos postulados terminológicos assume que se reintegre a variação, essencial em todas as interações, e nada ausente dos vocabulários profissionais. É apropriado, portanto, em vez de combater a minoria, entender essa variação e estudá-la. [...] Atualmente, uma padronização terminológica deve ter em mais alta conta a multiplicidade de práticas linguísticas na fonte das terminologias técnicas contemporâneas. (tradução minha)

especialista, trabalho sobre um *corpus* recortado, eliminação da dimensão oral (daí compreende-se porque, ainda hoje, a socioterminologia centra-se tanto, também, sobre a linguística textual), e abordagem de caráter mais linguístico. As pesquisas que se seguem estão pautadas na premissa de descrição do discurso terminológico, por esta razão, a determinação da tipologia textual faz-se essencial para a caracterização do uso real dos termos, daí porque Gaudin passará a defender que: “une typologie inspirée de l’éditologie permet, sur le plan de l’écrit, d’envisager des enquêtes consacrées au fonctionnement des termes” (p. 296)¹⁵.

Para tanto, quais elementos essenciais devem ser focados durante a descrição linguística? O autor nos esclarece que a necessidade primaria centra-se em métodos para a descrição morfossintática e semântica das LSPs, constituindo-se, esta última, a grande problemática entre os pesquisadores do campo. Vejamos o que Gaudin ressalta sobre cada uma destas dimensões:

2.2.2.1 Descrição morfossintática:

A descrição morfossintática revela a materialidade linguística das terminologias e explicita os modos como estas são condicionadas pelo entorno textual. Os estudos desenvolvidos centram-se especialmente sobre os coocorrentes dos termos e sobre os fraseologimos, ambos responsáveis por caracterizar uma determinada área do saber. Neste âmbito, a informática possui papel fundamental para demonstrar de forma rigorosa noções importantes em terminologia, tais como: termo complexo e sistema de noções. Em outras palavras, tudo que seja de cunho estrutural na língua pode ser tratado informaticamente. O grande progresso, naquele momento, para a descrição morfossintática estava sobre o desenvolvimento das fichas terminológicas, que registravam os coocorrentes dos termos e de unidades linguísticas subordinadas a eles, tornando a análise morfossintática, mais que tudo, uma análise textual.

2.2.2.2 Descrição semântica:

¹⁵ [...] uma tipologia inspirada na *editologia* permite, sobre o plano da escrita, considerar as pesquisas voltadas ao funcionamento dos termos. (tradução minha)

A descrição semântica é mais complexa, menos palpável, uma lacuna maior, segundo o autor, nos estudos terminológicos, mas também linguísticos de um modo geral. Torna-se mais complexo também no âmbito da informática, uma vez que exige programas que utilizem inteligência artificial para a geração de resultados de ordem semântica. A grande dificuldade da ciência da linguagem quando esta sai apenas da análise teórica e possui alguma intenção aplicada está justamente no aspecto do sentido das palavras. Por serem tão variadas as problemáticas advindas da dimensão semântica, e tão variados os fenômenos por ela impostos, surgem diferentes pesquisas, diferentes estudos sobre diferentes fenômenos semânticos, entre eles: terminologia da metáfora, neologismo semântico, homonímia, sinonímia, polissemia etc. Todas impunham dificuldades para a circulação e emprego dos termos. Por isso, surge a necessidade premente de a análise semântica ser levada a cabo na terminologia, visto ser ela o fator que determinará o real uso terminológico de uma unidade.

Após ressaltar estes aspectos metodológicos relacionados com a pesquisa linguística – descrição da tipologia textual, descrição sintática e descrição semântica –, Gaudin desloca o eixo para o aspecto externo, para o aspecto aplicado da Terminologia e relaciona um novo conceito à socioterminologia: a glotopolítica, tendo em vista sua face política e de planejamento linguístico. Desta forma, a socioterminologia deverá ser utilizada como estudo científico para a normalização, também chamada padronização, e nas políticas linguísticas aplicadas a produtos terminológicos. Caberá ainda ao aspecto glotopolítico a disseminação da informação e a consequente popularização ou vulgarização das terminologias, em outras palavras, terá a responsabilidade de transmitir e divulgar o conhecimento, o que sempre se dará por meio das respectivas terminologias. Seguindo esta linha de raciocínio, o autor ainda menciona a importância dos discursos de interface, é dizer, um discurso intermediário entre o científico e o de vulgarização, harmonizado aos novos modos de circulação da informação em cuja elaboração seria fundamental a integração das universidades e das empresas. Eis aqui mais uma nova proposta de Gaudin para a terminologia. Sua tese irá ressaltar a importância desta interação, desta negociação entre fazer científico, técnico e de produção para o estabelecimento de denominações que possuam maior eficiência no processamento cognitivo.

No seu artigo *Pour une socioterminologie: Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles* (1993), Gaudin traz a luz as noções de significado e conceito, de unidades lexicais e o conhecimento que estas veiculam. Para compreender estes

conceitos, o autor utiliza conhecimentos exteriores à linguística, tais como: epistemologia, história das ciências e das técnicas, sociologia das ciências e filosofia analítica, desta forma ele possui subsídios para o desenvolvimento de uma teoria socioterminológica. Desta forma, ele delimita que o significado está relacionado ao sistema interno da língua, ao passo que o conceito é a elaboração sistemática e consciente dos conhecimentos específicos. Há algo muito importante nesta distinção realizada por Gaudin. As problemáticas relativas às noções de sinonímia, polissemia, homonímia e até mesmo de metáfora podem ser elucidadas a partir desta diferenciação proposta por ele. Vejamos:

Ces distinctions permettent de glisser vers la métaphore, autre phénomène d'envergure dans les LSP, et de reprendre la sempiternelle opposition entre l'homonymie d'un côté et la polysémie et la monosémie de l'autre. Sauf que cette fois, l'autopsie du concept et des processus métaphoriques conduit à affirmer que la polysémie est une propriété naturelle du signifiant et que loin d'être une tare ou une anomalie, elle est une conséquence du fonctionnement praxémique de la langue. (GAUDIN, 1993, p.135)¹⁶

Em suma: todos estes fenômenos semânticos são naturais à aplicação da língua na atuação humana seja ela de que natureza for. No momento de exercer a faculdade da linguagem, o indivíduo possui a sua disposição o sistema linguístico internalizado e o conceito que deseja expressar: de posse de sua faculdade de raciocínio, este indivíduo fará escolhas que melhor expressem os efeitos de sentido que deseja transmitir, a partir disto, uma série de processos são iniciados gerando os fenômenos supracitados. Em todo este processo, existe uma série de conceitos anteriormente relacionados pelo falante, que interligam diferentes áreas e aspectos dos saberes humanos, daí porque Gaudin defende que as áreas científicas estão sempre relacionadas, os conceitos possuem delimitações tênues. É também a razão pela qual ele propõe o termo *esferas de atividades* em lugar de *domínios de atividades*, afinal, esferas se interligam e se sobrepõem muitas vezes.

¹⁶ Estas distinções permitem sobrepassar a noção de metáfora, outro fenômeno importante nas LSP, e retomar a eterna oposição entre a homonímia, de um lado, e a polissemia e a monossemia de outro. Só que desta vez, a autópsia do conceito e dos processos metafóricos leva a afirmar que a polissemia é uma propriedade natural do significante e que, longe de ser um defeito ou uma anomalia, é uma consequência do funcionamento pragmático da linguagem. (tradução minha)

Merece destaque também a atenção especial que Gaudin dá ao neologismo. O neologismo é representante da inovação, do conhecimento recém desenvolvido, recém criado, cabe à linguística saber harmonizar a terminologia com o conhecimento. Desta forma, o autor propõe que a criação neológica seja baseada no sistema paradigmático da língua, através do sistema relacional da língua, desta forma, os vocábulos resultante serão mais produtivos no sistema da língua e também possuirá um processamento cognitivo mais eficiente. Ele critica a criação de palavras isoladas, muitas vezes realizadas nas traduções, uma vez que estas precisam trazer resultados imediatos para a aplicação editorial. Neste ponto, o autor ressalta também a importância de organismos normalizadores para a incorporação de um neologismo dentro de um sistema terminológico.

De modo resumido, podemos dizer que Gaudin inseriu a Terminologia na Linguística, ressaltando os aspectos extralinguísticos (aspectos sociais, culturais e políticos), pautando-se na sociolinguística. Introduziu as questões diacrônicas na Terminologia, e fez críticas aos estudos que se realizavam nos temas de semântica, neologismo e padronização. O grande feito de Gaudin foi organizar e harmonizar aspectos antes díspares (modelo linguístico, modelo social, termo, noção, significado, conceito, etc.) em uma nova Terminologia: a Socioterminologia.

2.3 Faulstich

No Brasil, Enilde Faulstich aplica às correntes tradicionais da terminologia uma abordagem proveniente da Linguística, tal perspectiva também é adotada por Gaudin, base teórica principal de Faulstich. No início da década de 90, Faulstich publicou sua tese intitulada: *Interpretação da Variante Lexical* (1988). À luz dos modelos de variação do fonema, conforme já inicialmente preconizado por Saussure, a autora entende o termo como uma unidade lexical que pertence à língua geral, não sendo algo artificial; portanto, o termo passa a ser focado a partir dos mesmos princípios linguísticos utilizados nas análises lexicais da língua geral. Desta forma, a variação é entendida como algo intrínseco a todo sistema linguístico atuante. A autora propõe a noção de alotermo (baseada nas noções de alofones e alomorfe) para designar as unidades terminológicas variantes. Tais unidades podem se apresentar de diferentes formas, e a variação poderá ser, então, de diferentes tipos. A partir destes pressupostos,

Faulstich propõe uma Socioterminologia, que deverá dar conta tanto teórica como metodologicamente dos fenômenos de variação presentes nas linguagens de especialidade:

A Socioterminologia é a disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua. Para que o linguista, especialista em terminologia, desenvolva seu trabalho de pesquisa, é preciso levar em conta critérios etnográficos, porque as comunicações entre membros da comunidade em estudo podem gerar termos diferentes para um mesmo conceito ou mais de um conceito para o mesmo termo. (FAULSTICH, 1995, p. 1)

Assim, tal qual Labov, Faulstich entende que a razão para a existência das variações terminológicas está centrada na intersecção etnográfica: positivismo (quantidade) e naturalismo (meio social em seu estado natural, sem interferências do pesquisador). A ideia central do critério etnográfico é que seus multifacetados fatores possam ser relacionados e interseccionados a fim de realizar a comparação de diferentes tipos de dados. Assim, seu objetivo é fornecer um método para a sistematização dos termos e das variantes.

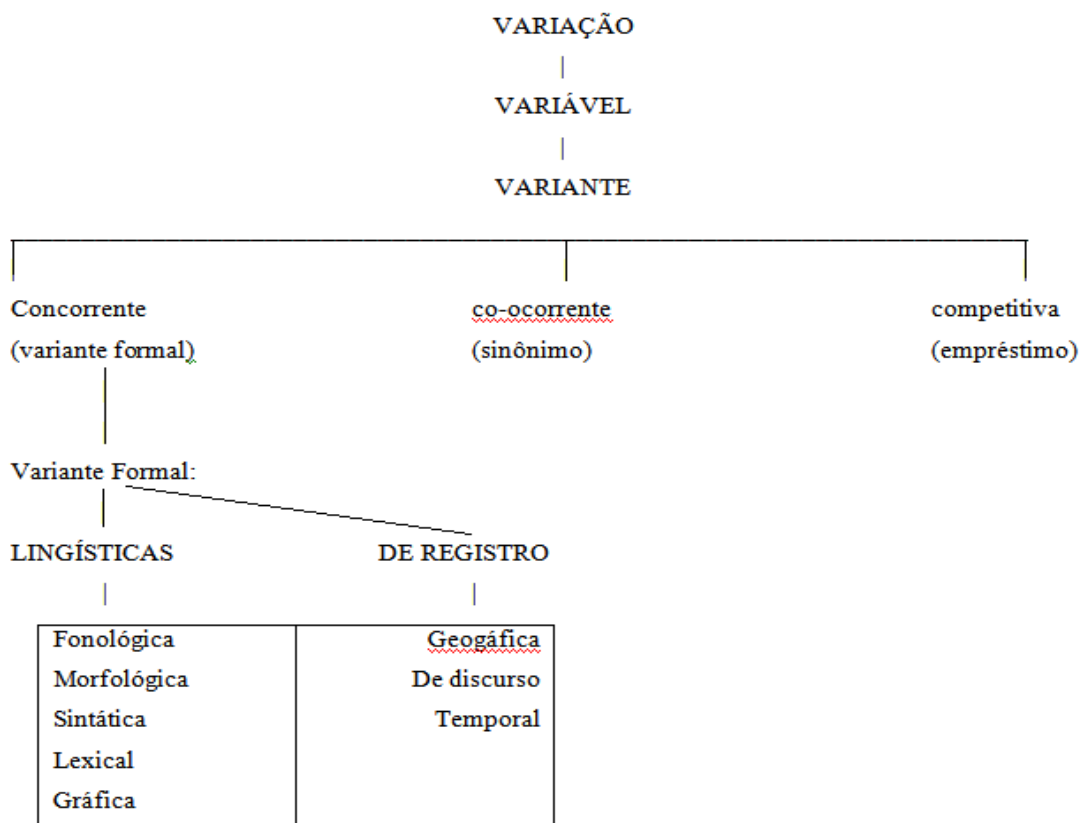
Considerando os princípios que sustentam a noção de alotermo e de etnografia, Faulstich faz uma proposta de sistematização de variações terminológicas. Se de um lado a etnografia justifica as variações ocasionadas por fatores extralinguísticos, de outro, a noção de alotermo contribui para a caracterização e compreensão dos fatores formais da língua de modo imanente. Da mesma forma que o alofone e o alomorfe, Faulstich entende que o alotermo apresenta distribuição complementar. Isto quer dizer que sempre existem fatores condicionantes da variação, portanto, onde uma variante está presente a outra não poderá estar, visto que a Socioterminologia compreende que a língua se forma a partir das interações sociais sejam de quais tipos forem e que as unidades linguísticas se adaptam às necessidades comunicativas destas interações. Tem-se aqui uma visão funcionalista de linguagem, uma vez que este enfoque permite que os fenômenos linguísticos sejam estudados pela razão de sua própria existência, de acordo também a um princípio imanente da língua. Assim, a Terminologia deve compreender de onde nasce o discurso terminológico e a natureza das unidades que produz. Desta forma, a busca está não em uniformizar ou padronizar os termos, mas sim em normalizar, ou seja, determinar quais unidades linguísticas são preferidas pelas

comunidades envolvidas, tendo condições, desta forma, de se determinar quais são suas variantes ou alótipos:

Um uso normal tende a normalizar-se no meio da comunidade que o adota: por sua vez, um uso normativo resulta da recomendação de uma “autoridade” que prescreve qual deve ser o “bom uso” da língua e na língua e, comumente, tal recomendação aparece registrada nos documentos prescritivos e normativos. Neste contexto, o termo normalização é ambíguo, porque tanto pode significar o processo de tornar normal os usos linguísticos, quanto pode significar um processo impositivo de “bom uso”. A este último significado cabe mais a expressão normatização [...] (Faulstich, 2006)

Diante destes pressupostos, estão lançadas as bases para a construção do que a autora chama de “Constructo Teórico da Variação em Terminologia”, tal como a figura abaixo:

Figura 3: Constructo Teórico Da Variação Em Terminologia



Fonte: Faulstich, 1999, p. 26.

Do diagrama acima, obtém-se as seguintes informações: todo fenômeno de variação apresenta variáveis que produzem as variantes. Tais variantes podem ser de três tipos: concorrentes (no caso de haver exclusão mútua dependendo do contexto de uso), co-ocorrentes (no caso de formas que são usadas em um mesmo contexto de uso),

competitivas (no caso daquelas em que o sistema linguístico aceita apenas uma forma em detrimento de outra). As concorrentes ou formais são as variantes por excelência, visto que estão em distribuição complementar, representando a existência de uma forma “normal” à qual estão subordinadas, em frequência e em condições de uso, suas variantes ou aloterms. Faulstich as divide em: linguísticas (em que fenômenos imanentes à língua determinarão a variação) e de registro (caso em que fatores externos à língua determinarão a variação). Vejamos exemplos para cada uma destas formas:

Quadro 8: Tipologia de Variantes - Faulstich

Co-ocorrentes (sinônimos)	infeccionar – infectar
Competitivas (empréstimos)	email – correio eletrônico
Fonológicas	portfólio – porta-fólio
Morfológicas	bactéria avirulenta – bactéria não-virulenta
Sintáticas	clonagem gênica – clonagem de genes
Lexicais	melhoramento genético de plantas – melhoramento de plantas
Gráficas	pólen – polem
Geográficas	aipim – mandioca
De discurso	parotidite – planta de proveta
Temporal	Afogar – refogar

Fonte: Faulstich, 2001, p. 27, 28.

Ressaltamos de seu constructo, as categorias de sinônimos e empréstimos que, ainda que não constituam variações propriamente ditas, fazem parte do fenômeno: várias denominações para um mesmo conceito. Este fenômeno, quando na língua geral, ocorreria devido às variáveis de registro. No caso da linguagem especializada, no entanto, observa-se o uso de variantes co-ocorrentes e competitivas em um mesmo texto, que caracterizaria uma única variável de registro. Portanto, vê-se nesse caso uma característica intrínseca ao desenvolvimento do discurso especializado. Por que isto ocorre? Muito mais do que apenas o uso do instinto linguístico regido pelas regras da língua, o texto especializado (seja oral ou escrito) possui um nível de cuidado e atenção por parte do indivíduo falante muito maior e racionalizado, sendo um produto linguístico divergente daquele produzido no âmbito da língua geral.

Assim, como postulados basilares da Socioterminologia de Faulstich, tem-se:

- (a) a negação da ideia de univocidade em favor da noção de variação regida por regras;

- (b) o termo, conceito e significado não correspondem a uma única unidade bem delimitada, podendo existir conceitos comuns a termos de significados diferentes (ex.: os termos *regime de posse* e *direito de usucapião* possuem significados diferentes, pois seus referentes podem não ser coincidentes, mas estão sob o escopo do mesmo conceito: legislação referente aos modos de posse);
- (c) a terminologia passa a ser entendida como um dos fatos da língua e, por ser e estar dentro da língua, também comporta variação;
- (d) toda variação pode ocasionar mudança, logo, as terminologias são passíveis de mudança;
- (e) a análise da variação terminológica pode se dar tanto na língua escrita como na oral.

2.4 Cabré

Cabré não irá nos trazer uma tipologia de variações em terminologia, nem tampouco um estudo especialmente dedicado às variações, mas será uma das pioneiras em trazer à tona sua existência no discurso especializado. Enquanto a corrente dominante ainda era normatizadora e wüsteriana, Cabré surge com uma proposta construtora de novos paradigmas: a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). A partir de então, existe um construto teórico que irá defender que as linguagens de especialidade estão inseridas no sistema das línguas gerais e que, por serem regidas pelas mesmas regras, apresentarão os mesmos fenômenos que a linguagem geral: “todo language de especialidad, en la medida en que es un subconjunto del general, participa de sus mismas características; se trata, pues, de un código unitario que permite variaciones”¹⁷ (Cabré 1993, p. 157).

¹⁷ Toda linguagem de especialidade, na medida em que é um subconjunto da geral, participa das suas mesmas características; trata-se, portanto, de um código unitário que permite variações. (tradução minha)

Nesta etapa das investigações linguísticas, isto significa defender que as terminologias apresentavam fenômenos de sinonímia e variação, ou seja, a univocidade defendida por Wüster havia sido contestada e pautada em um forte embasamento teórico. Cabré deixa claro, através da TCT, que toda atividade linguística está baseada no sistema comunicativo, e que todo recurso da língua será utilizado pelo falante para estabelecer a comunicação pretendida. Desta necessidade de transmissão de significados e sentidos, advêm as diferentes formas de falar que irão configurar, em boa parte dos casos, as variações que se encontram na linguagem de especialidade. As variações não serão intrínsecas apenas à língua geral, mas estarão presentes também no discurso especializado contribuindo para o estabelecimento da comunicação.

Segundo Cabré, e justamente articulado às noções de necessidade comunicativa, a variação surgirá e estará condicionada aos fatores contextuais. A autora propõe dois grandes grupos de variação: a variação denominativa (cuja forma varia e o significado se mantém o mesmo) e a variação conceitual (cujo significado varia respeito a uma mesma forma linguística):

Uma teoria comunicativa da terminologia, em contraste com a TGT, se define como uma proposta concebida dentro de uma teoria ampla da linguagem, e está incluída numa teoria da comunicação que contem os fundamentos necessários de uma teoria do conhecimento. Esta proposta integra, teórica e metodologicamente, a variação linguística, tanto formal como conceitual e assume que os termos estão associados a características gramaticais (a todos os níveis de representação) e pragmáticos. [...]. A TCT pretende também dar conta dos termos como unidades ao mesmo tempo singulares e similares a outras unidades de comunicação, dentro de um esquema global de representação da realidade, admitindo a variação conceitual e denominativa, e tendo em conta a dimensão textual e discursiva dos termos. (Silva e Silva, 2008, apud. CABRÉ, 1999, p. 136).

Cabe ressaltar a importância da dimensão textual mencionada acima, visto que é fundamental para entender a sua concepção de língua (seja geral ou especializada). Desta forma, o signo terá valor no eixo sintagmático em que está inserido, mas, além disso, seu valor também estará limitado e subordinado a toda a esfera contextual de emissão de determinado enunciado. Cabré resalta que, no caso específico da variação conceitual, a motivação geralmente está associada a diferentes abordagens ou enfoques nas áreas de especialidade, a diferentes visões de cada especialista e a inserção da

produção científica ou técnica em determinada cultura. Todos estes fatores seriam condicionantes em especial da variação conceitual (homonímia), ainda que também ocasionem a variação denominativa. Seguindo esta linha de raciocínio, poderíamos dizer que as variações denominativas estão mais condicionadas pelas alterações de registros (Coseriu, 1980). Desta forma, obtemos a noção de que as variantes denominativas estão em grande parte atreladas a variedades que ocorrem devido à situação em que os interlocutores estão, tais como o grau de formalidade, o modo de comunicação, o meio de veiculação da mensagem e o grau de especialização.

A autora propôs ainda uma classificação de variações possíveis nas línguas:

Quadro 9: Classificação Das Variações

1) Variação entre línguas	2) Variação numa mesma língua	3) Variação grupal/individual
Tipologias dos diferentes idiomas.	Mudanças históricas.	Características dos falantes e das situações comunicativas.
PT: <i>selo verde</i> ES: <i>etiqueta verde</i>	Até o ano 2000: <i>rótula</i> Após o ano 2000: <i>patela</i>	Individual: <i>regime de posse</i> ⇔ <i>direito de usucapião.</i> Situacional: <i>Acidente</i> <i>Vascular</i> ⇔ <i>derrame</i>

Fonte: elaboração da autora com base em Cabré (1993).

Esta classificação de Cabré se aproxima muito da proposta de Coseriu (1980), que apresenta três níveis linguísticos: sistema (herança histórica que compõe e estrutura de um dado sistema – língua), norma (opções linguísticas vigentes em uma dada comunidade), fala (nível individual). Da comparação entre sistemas diferentes estaríamos frente às variações interlinguísticas propostas por Cabré no item 1. Em cada um destes níveis propostos por Coseriu e por Cabré, estaremos diante de variações com diferentes manifestações linguísticas. Entretanto, percebemos que, na abordagem de Cabré, o eixo central das variações terminológicas encontra-se no item 3 – a variação grupal/individual e, em especial, situacional –, no qual se centra a descrição dos gatilhos

propulsores de variação conforme já comentado acima quando se mencionou as motivações para a ocorrência de variação conceitual e denominativa.

A autora não se centra muito mais no tema, mas sua postura é fundamental para introduzir novos paradigmas de estudo na área de Terminologia a partir da década de 80, em especial 90. A partir de então, passa a discutir mais a fundo as questões de variação dentro de sua concepção comunicativa e textual, valendo-se dos valores e caracterizações situacionais e contextuais para definir melhor a natureza plurivalente e poliédrica da comunicação especializada.

2.5 Suárez

Suárez, uma das seguidoras da Teoria Comunicativa da Terminologia, desenvolve sua tese sob o tema: *Análisis contrastivo de la variación denominativa en textos especializados: del texto original al texto meta* (2004). A autora indica a existência de dois tipos de variação: a variação denominativa e a variação conceitual. A primeira diz respeito às mudanças de forma, ainda que se mantenha o mesmo conteúdo, e podem ser divididas em expansões e reduções. A segunda diz respeito às mudanças de conteúdo intencional (uma vez que na variação denominativa podem ocorrer leves mudanças de significado não intencionadas pelo autor), neste caso se manterá a mesma forma linguística. Além destes casos, classifica mudanças lexicais como variação conceitual quando o autor deseja alternar ponto de vista, ou introduzir uma nova direção de significado, assim, por exemplo, ao utilizar *flor* e logo *tulipa* o autor quer adicionar significados, caracterizando seu objeto de discussão.

A autora propõe também, a partir de uma teoria linguística do texto, a observação dos marcadores textuais que conectam, de forma explícita, formas variantes. Segundo a pesquisadora, tais marcadores, a que chama de *Marcadores de Variación Denominativa Explícita* (MVDE), tais como: *ou seja, também chamado, também denominado*, etc., são uma ajuda ao terminólogo para identificar as variações. Na linha da proposta dos MVDE, seria necessário utilizar também marcadores gráficos, já que vírgulas, parênteses, travessões e outros sinais de pontuação também indicam casos de equivalência. Entretanto, FREIXA (2001) chama a atenção para duas questões fundamentais: estes marcadores apenas determinam casos explícitos de variação (por exemplo: *incidencia de hipertensión o tensión arterial superior a la normal*).

A seguir, realizamos a explicação de cada um dos tipos de variação:

2.5.1 Expansão

É a explicitação formal ou do conteúdo que não estavam presentes na forma terminológica original ou de partida¹⁸. Uma unidade léxica condensada se torna uma unidade léxica mais desenvolvida. Neste caso, há a ampliação para facilitar a comunicação. Divide-se em: metafórica e não metafórica. No primeiro caso, o autor utiliza imagens mais concretas e do cotidiano para facilitar a compreensão de noções mais abstratas. No segundo caso, o objetivo é o mesmo, porém se utilizam outros recursos linguísticos para esclarecer o significado. Na expansão, existe um movimento de transparência e a preocupação com o leitor. A seguir, apresentamos um quadro com esta tipologia e seus exemplos:

Quadro 10: Expansão Metafórica

<u>EXPANSÃO</u>	METAFÓRICA	NÃO METAFÓRICA
	O <u>caldo</u> , também chamado de <u>caldo misto</u> , trata-se de uma solução diluída de sacarose que devidamente processada gera o açúcar.	Um problema de difícil solução é a reciclagem do <u>lixo</u> ou <u>lixo domiciliar</u> , em virtude da mistura com materiais orgânicos, o que encarece a segregação.

Fonte: Elaboração da autora

¹⁸ Parece interessante observar aqui que, nos estudos de terminologia, não se pode determinar uma única forma original da qual provêm outras unidades que constituirão suas variantes. Ao contrário de estudos linguísticos da língua geral, em que, partindo de uma unidade interiorizada e localizada na estrutura profunda, haverá diversas possibilidades de realização concreta. Estas realizações (ou o desempenho do falante) são condicionadas por diversos fenômenos, como os mencionados anteriormente sobre sexo, idade, grau de escolaridade, ademais, nos estudos de variação fonológica, os fatores anatômicos poderão influenciar na realização das unidades linguísticas na estrutura superficial. Entretanto, em terminologia, não se pode falar de unidades lexicais interiorizadas, mas sim em unidades lexicais aprendidas e memorizadas. Por isto, não se pode determinar qual será a unidade terminológica original e qual sua variação correspondente. Uma pesquisa desta natureza levaria a questões políticas e não linguísticas, já que seria necessário determinar o pesquisador que primeiro utilizou uma terminologia e também sua legitimidade.

2.5.2 Redução

É a redução formal ou do conteúdo de uma unidade terminológica. Uma unidade lexical desenvolvida se torna uma unidade lexical mais condensada. Neste caso, há supressão de unidades, o que resulta na redução do tamanho (número de unidades), da quantidade (conteúdo) ou da intensidade (grau de força). Divide-se em: elisão e abreviação. A primeira corresponde à omissão de uma unidade lexical do sintagma terminológico, ainda que se mantenha sintaticamente da mesma categoria. A elipse é uma prova da coesão e coerência presentes no texto. A segunda corresponde à condensação de uma forma ortográfica extensa em uma ortograficamente menor. Neste caso, podem ocorrer mudanças de ordem sintática, morfológica, fonológica, ortográfica e lexical. Na redução, existe um movimento de opacidade e pouca consideração com o leitor, pois a intenção do emissor é sintetizar o texto, tornando-o mais ágil e exigindo um grau maior de conhecimento especializado por parte do receptor.

Quadro 11: Redução

<u>REDUÇÃO</u>	<u>ELIPSE</u>	<u>ABREVIÇÃO</u>
	<p>a) Sua execução satisfatória é relevante na medida em que demonstra a capacidade do governo em planejar as metas e atingir os resultados, que, no caso ambiental, implica na redução dos <u>impactos negativos</u> da ação humana sobre o meio ambiente e a garantia de sua preservação.</p> <p>b) Os <u>impactos ambientais negativos</u> que resultaram dessas políticas foram amplamente divulgados pelos meios de comunicação nacional e internacional.</p>	<p>a) Os recursos financeiros destinados às <u>UCs</u> pelos países desenvolvidos contabilizaram, em 1996, aproximadamente U\$ 20 por hectare.</p> <p>b) Entretanto, as <u>unidades de conservação</u> municipais totalizam apenas 102,2 hectares, sendo a maioria delas localizadas em áreas urbanas e relacionadas à qualidade ambiental dessas áreas.</p>

Fonte: Elaboração da autora

2.5.3 Refocalização

É o movimento de mudança de enfoque, no qual se apresentam as variações conceituais intencionais, o que demonstra a característica poliédrica e polissêmica da unidade terminológica. Divide-se em: externa e interna. No primeiro caso, apresenta-se a criatividade do autor, sua interferência, resultado de sua interpretação de um dos caracteres da unidade terminológica. No segundo caso, utiliza-se o movimento de inclusão com o objetivo de especificar melhor um termo especializado. Utiliza-se, neste tipo de variação, a relação hiponímica, em que uma unidade está contida na outra e que apresenta características semânticas adicionais.

Quadro 12: Refocalização

<u>Refocalização</u>	EXTERNA	INTERNA
	<p>a) As variáveis ambientais relevantes ao sucesso empresarial são a <u>gestão ambiental de processos</u> e a gestão ambiental de produtos.</p> <p>b) UNEP (2001) considera a <u>gestão ambiental em processo</u> pela análise da extensão na qual a empresa minimiza quaisquer impactos ambientais</p>	<p>a) Assim sendo, sob a perspectiva ambiental, a exploração econômica das áreas municipais de Costa Rica (em vermelho) e São Gabriel (em laranja) gera os maiores [casos] de <u>impactos sobre o meio natural</u>, cobrindo 3,2% da bacia.</p> <p>b) A empresa deve se organizar em torno de um Sistema de Gestão Ambiental (SGA) para coordenar seus esforços ambientais, a fim de conseguir a minimização de <u>impactos sobre o meio ambiente</u> decorrentes de suas atividades.</p>

Fonte: Elaboração da autora

De toda sua análise, Suarez chegou à conclusão que, embora os marcadores de reformulação introduzam sempre expressões equivalentes, elas nunca são totalmente equivalentes, sempre apresentam alguma diferença de significação. Concluiu-se, portanto, que tais recursos lingüísticos são empregados para o progresso e andamento do texto, sempre realizando retomadas para esclarecer o que fora dito anteriormente.

2.6 Freixa

Freixa (2001, 2007) propôs uma classificação formal da variação, pois a partir desta perspectiva a sistematização torna-se mais tangível do que uma classificação por conteúdo semântico, considerado mais heterogêneo que o aspecto formal. Mesmo assim, Freixa não deixou de considerar o aspecto semântico na sua tipologia, já que havia proposto uma gradação de proximidade semântica entre os pares variantes, segundo a variação formal que apresentavam. Sua classificação se estrutura da seguinte forma:

- variações gráficas;
- variações morfossintáticas;
- variações léxicas;
- reduções.

Cada uma destas variações traz subtipos de variação, como veremos mais adiante. Importa destacar que cada tipo de variação resulta em diferentes graus do que Freixa chamará de variação conceitual, em outras palavras, algumas variações tendem a manter o seu significado ao máximo, enquanto outras tendem a gerar menor equivalência conceitual, ocasionando diferentes alterações nos matizes de significado.

Abaixo, apresentaremos cada um destes tipos de variação.

2.6.1 Variação gráfica

É a que possui maior grau de equivalência conceitual, já que as alterações ocorrem apenas no aspecto formal da unidade linguística em questão. As variações gráficas incluem: uso de abreviaturas, siglas, fórmulas, símbolos e também alterações ortográficas. Eis alguns exemplos retirados do nosso *corpus*:

Quadro 13: Variação Gráfica

Variação Gráfica	
Siglas	Unidade de Conservação => UCs

Fórmulas	Monóxido de carbono => CO
-----------------	---------------------------

Fonte: elaboração da autora

2.6.2 Variação Morfossintática

A variação morfossintática ocorre quando existem alterações morfológicas de uma das unidades lexicais que compõem a combinatória ou alterações na sua estrutura, ou seja, no âmbito sintático. Estas variações tendem a gerar alguma alteração semântica, ainda que se mantenha o significado central da combinatória. As variações morfossintáticas incluem as seguintes situações:

- mudança de nome: ocorre alteração de uma unidade lexical por outra que, entretanto, não está classificada junto à variação lexical porque neste caso se mantém a mesma raiz morfológica, o que ocasiona maior proximidade semântica entre os pares variantes. Ex.: *reciclagem do lixo doméstico* => *reciclagem do lixo domiciliar*.
- mudança de preposição: o uso de uma ou outra preposição tende a causar pequenas alterações nos matizes de significado. No caso seguinte, podemos perceber que existe alteração, inclusive, no tempo da ação, o que é indicado pela preposição. O uso da preposição *a* indica um movimento em direção a algo, ou seja, que ainda não se realizou. O uso da preposição *em* indica o lugar onde a ação ocorre, ou seja, é uma ação presente. Ex.: *impactos ao meio ambiente* => *impactos no meio ambiente*.
- mudança de estrutura: pode indicar uma alteração na ênfase, portanto, em matizes de significado, mas não no significado global e central da unidade. Ex.: *monitoração ambiental* => *monitoração do meio ambiente*.

2.6.3 Variação Lexical

A variação lexical implica a troca de uma unidade lexical por outra. Dos quatro tipos de variações apresentados por Freixa, este é o que gera maior variação conceitual ou menor grau de equivalência semântica. Isto ocorre porque existe a substituição de uma unidade lexical, com seu inventário de relações semânticas na mente dos falantes e

com usos específicos, por outra unidade lexical, que possui outro inventário de relações semânticas e de usos. Tal variação pode ocorrer no núcleo ou no coocorrente. No entanto, há maior variação semântica quando a alteração lexical ocorre no núcleo. Um caso interessante, apresentado na tabela seguinte, é o exemplo de *impactos sobre o meio natural* e *impactos sobre o meio ambiente*. Embora os especialistas da área proponham, oficialmente, uma distinção entre os termos *meio ambiente* e *meio natural*, o primeiro designaria todos os meios físicos e o segundo o ambiente que não sofreu alterações pelas ações do homem. O uso corrente parece não refletir esta diferença. A utilização feita destas duas combinatórias é muito variável, sendo comum o uso de *meio natural* com o mesmo significado de *meio ambiente*, inclusive entre os especialistas. Podemos perceber a dificuldade na definição e no emprego destas unidades terminológicas a partir da seguinte citação:

Notamos durante nossa experiência docente que geralmente a palavra meio ambiente é associada apenas a ecossistemas naturais, ou seja, com características próximas da situação original. Observamos também que os ambientes humanos são desconsiderados, pelo senso comum, como pertencentes ao meio ambiente. Em alguns locais encontramos ambientes em que a distinção entre o meio ambiente humano e natural é muito tênue, onde ambos coexistem. Isto torna difícil caracterizar tais ambientes como naturais ou antrópicos e estabelecer limites entre ambos. (FONSECA e PRADO, 2008, p. 102)

Vejamos alguns exemplos:

Quadro 14: Variação Lexical

Variação Lexical	
Mudança no Núcleo	impactos sobre o <u>meio natural</u> => impactos sobre o <u>meio ambiente</u>
Mudança no Coocorrente	<u>geração</u> de lixo => <u>produção</u> de lixo
Mudança Total	regime de posse => direito de usucapião

Fonte: elaboração da autora.

2.6.4 Redução

A redução ocorre quando se elide ou apaga um dos elementos lexicais da combinatória. Divide-se em:

- redução anafórica: a elipse ocorre condicionada por referências que já foram feitas no texto e por isso existe alta equivalência conceitual. Ex.: *estações de tratamento de esgoto* => *estações de tratamento*.

- redução lexical condicionada, segundo Adelstein (2002):

1º) pelo tipo de texto e situação comunicativa: um texto que tenha como temática questões ambientais poderá produzir elipse, por exemplo, do adjetivo *ambiental* em muitas das combinatórias, já que não se faz necessária tal especificação. Ex.: *impactos ambientais negativos* => *impactos negativos*.

2º) pelas características internas do sintagma terminológico: uma das unidades lexicais que se mantém na combinatória assimila propriedades semânticas da que se elide; o emissor considera, portanto, que não existe a necessidade de maiores especificações, posto que uma das unidades lexicais é suficiente para a transmissão do conceito que deseja expor. Ex.: *melhoria da qualidade ambiental* => *melhoria ambiental*.

Levando em conta todas as propostas analisadas acima, concluímos que todas nos ajudam a compreender o fenômeno aqui estudado e, de certa forma, complementam-se, visto algumas abarcarem o fenômeno de um modo mais amplo, como Faulstich, ou privilegiarem os aspectos conceituais e semânticos, como a TCT, ou focarem em algumas questões metodológicas, trazendo novos elementos para a pesquisa em variação terminológica, como Suárez. No entanto, levando em conta os aspectos práticos da pesquisa, percebemos que é Freixa quem consegue realizar uma classificação que dá conta de todos os fenômenos formais verificáveis e, ao mesmo tempo, não deixa de levar em conta o aspecto semântico. Por esta razão, para fins de classificação e sistematização, utilizaremos a proposta de Freixa como guia. Assim, esta pesquisa centra-se na variação morfossintática e seus subtipos, servindo-se também do *continuum* de equivalência conceitual para determinar se ocorre existência de variação de fato e qual a natureza desta variação.

Após a revisão teórica sobre nosso objeto de estudo e a opção pela proposta de Freixa, passamos a tratar dos aspectos teóricos concernentes à unidade de análise deste trabalho.

2.7 Causas da Variação (Freixa, 2002)

Freixa (2002, p. 124-161) entende que diversas situações de cunho extralinguístico podem ser a motivação inicial para a produção de variação. Isto é fundamental para a compreensão do fenômeno; é dizer que toda e qualquer expressão linguística tem sua origem na representação mental e nas intenções comunicativas. Freixa estabelece cinco tipos de causas, todas indicam questões extralinguísticas, não há, portanto, como causa de variação algum elemento de ordem morfológica ou sintática, ainda assim, usaremos os pressupostos da autora para chegar aos elementos formais perceptíveis que indicam variações.

A autora nos indica a existência de: causas dialetais, causas interlinguísticas, causas funcionais, causas discursivas e causas cognitivas. Vejamos cada uma delas agora:

2.7.1 Causas Dialetais

As causas dialetais implicam estratos linguísticos diferentes utilizados por comunidades linguísticas diferentes. Inclui:

- 1) Diferenças geográficas: termos utilizados em distintos países, mas de língua comum. Ex.: *aperte o botão* (Português Brasileiro) e *aperte a botoeira* (Português de Portugal).
- 2) Diferenças cronológicas: termos utilizados em diferentes momentos da história da área em questão. Ex.: *aparelho digestivo* (desatualizado) e *sistema digestório* (atual).
- 3) Diferenças sociais: grupos de especialistas com diferentes ideologias, diferentes acesso à informação e tecnologia, diferentes gerações, etc., enfim, tudo que possa determinar socialmente uma comunidade circunscrita a um fazer científico ou técnico. Ex.: *variante* e *sinonímia* (variação presente na área de Terminologia para designar diferentes formas linguísticas que possuem um mesmo conteúdo semântico, o emprego de um ou outro termo depende do ponto de vista adotado pelo pesquisador).

2.7.2 Causas Interlinguísticas

Diz respeito às relações idiomáticas. Frente à existência de contato de diferentes idiomas no âmbito da comunicação especializada, muitas vezes ocorre o processo de empréstimo, caso em que um termo em língua estrangeira passa a figurar na comunicação especializada ou na tradução ou adaptação deste termo à língua alvo. Esta é uma situação muito frequente na área de informática, como veremos mais adiante, em que a incorporação de termos em inglês é muito difundida. Ex.: *home page* (termo em inglês) e *página inicial* (tradução ao português).

2.7.3 Causas Funcionais

As causas funcionais estão intrinsecamente relacionadas ao papel que o texto deverá desempenhar no mundo. São as causas funcionais as responsáveis por adaptar o texto a dada realidade comunicativa, e pode ser de dois tipos:

- 1) Adequação ao registro linguístico: diz respeito às escolhas linguísticas realizadas para adaptar o texto a dado registro comunicativo. Neste ponto, o texto poderá apresentar diferentes graus de formalidade. Ex.: *H1N1* e *gripe suína*, em que a forma em fórmula constitui um discurso com maior grau de formalização linguística se comparado com a segunda denominação.
- 2) Adequação ao nível de especialização: neste caso, o emissor deverá adequar o seu discurso em conformidade com seu público alvo neste caso, suas tomadas de decisão linguística refletirão se a comunicação é simétrica (especialista-especialista) ou assimétrica (especialista-aprendiz). As paráfrases e explicitações são os melhores exemplos deste processo. Ex.: *ergoespirometria* e *teste cardiopulmonar de esforço*, em que o autor utiliza o conector *também denominado* para a explicitação do termo mais complexo.

2.7.4 Causas Discursivas

Dizem respeito às características individuais de produção textual, com o intuito de produzir textos mais legíveis mais expressivos, enfim, são recursos utilizados para contribuir para a meta comunicativa do emissor. Pode ser para:

- 1) evitar repetição: contribui para uma leitura mais dinâmica e agradável. Variações gráficas e Reduções (elipses) tendem a ser mecanismos utilizados para evitar a repetição sem maiores repercussões na equivalência conceitual. A variação lexical também é bastante comum, ainda que tenda a acarretar algumas alterações conceituais. Ex.: *hipertensão e pressão alta*.
- 2) Economia linguística: trata-se de um dos princípios das línguas, que também se estende à esfera especializada. Elipses, abreviaturas e siglas são os melhores exemplo: *estações de tratamento de esgoto* e *estações de tratamento*.
- 3) Criatividade, ênfase e expressividade: constituem aspectos de maior subjetividade, intenções de inovação ou de novas abordagens na área. Ex.: *sistemas computacionais complexos* e *sistemas complexos computacionais*, em que a alteração da ordem pode indicar intenção de enfatizar a complexidade do sistema em detrimento da ordem canônica em *sistemas computacionais*.

2.7.5 Causas Cognitivas

Aqui se centram os aspectos subjetivos e individuais no que tange à compreensão mental dos conceitos da área em questão, pontos de vista, etc., refletidos na superfície linguística. Podem ser devido a:

- 1) Diferenças de conceituação: diferentes perspectivas sobre um mesmo objeto. Ex.: *programa malicioso* e *código malicioso*.
- 2) Distinção ideológica: Linhas de pesquisa ou grupos de pesquisadores que possuem diferentes abordagens sobre uma dada questão e para tanto utilizam a terminologia para marcar suas diferentes ideologias. Ex.: *linguística do texto* e *linguística textual*, na área de Letras, nomenclaturas diferentes para diferentes abordagens no estudo linguístico do texto.

- 3) Imprecisão conceitual: pode ocorrer pela dinamicidade de determinada área, em que novas descobertas ou novos temas são continuamente propostos. Pode referir-se também a casos de áreas muito recentes, em que ainda não ocorreu cristalização ou consenso entre a comunidade especializada acerca das terminologias a serem adotadas. Ex.: *processamento da linguagem natural* e *processamento da língua natural*, área recente que intersecciona linguística e informática e na qual ainda é possível ver esta variação lexical.

O estabelecimento de causas para as variações contribuirá para encontrar elementos que indiquem a ocorrência de variações.

3 UNIDADES DE ANÁLISE

Para alcançar o objetivo principal deste trabalho de encontrar e caracterizar as unidades linguísticas que apresentam variação morfossintática, a fim de obterem-se dados sistematizados, é necessário realizar uma primeira descrição sobre a natureza intrínseca de tais unidades que serão nosso material de estudo. Para tanto, utilizaremos duas bases de informações: pesquisa já realizada neste tema de variação (DIEGUES, 2009, 2010), bem como referencial teórico no tema de Fraseologia Especializada, tal como segue.

3.1 A Variação Terminológica da Gestão Ambiental

Em Diegues (2009 e 2010), verificou-se que a unidade de estudo pode tratar-se de um simples sintagma monolexical, até estruturas frasais que configuram um modo de dizer recorrente de determinada área: *bagajo* <=> *bagacilho*; *comportamento ambiental ético* <=> *comportamento ambiental pró-ativo*. Um dos resultados desta pesquisa foi a constatação de que a ocorrência deste fenômeno linguístico em unidades monolexicais é própria de variações lexicais e processos de elipses: *mel final* <=> *melaço*; *poluição ambiental* => *poluição*.

Por outro lado, tendo em vista que, nesta dissertação, o foco de estudo é a variação morfossintática, parte-se do princípio de que esta não estará presente em unidades monolexicais. Por que podemos dizer isto? Vejamos: a variação morfossintática poderá dar-se em cinco situações (FREIXA, 2001): mudanças de preposições (*impactos **ao** meio ambiente <=> impactos **no** meio ambiente*), de artigos (*redução **de** impacto no meio ambiente <=> redução **do** impacto no meio ambiente*), de estrutura (*monitoração **ambiental** <=> monitoração **do meio ambiente***), de nomes (*reciclagem do lixo **doméstico** <=> reciclagem do lixo **domiciliar***) e de gênero (*a história da **humanidade** => a história do **homem***). Percebeu-se que, salvo em raras situações¹⁹, todos os tipos de variações morfossintáticas ocorrerão em unidades polilexicais. Os dados analisados permitiram observar o seguinte padrão sintático: SUBS + ADJ (*monitoração ambiental*), SUBS + PREP + SUBS (*áreas de proteção*). Considerando-se a recursividade da língua, estes padrões podem se repetir internamente a cada sintagma: *estações de tratamento de esgoto* (SUBS + PREP + SUBS + PREP + SUBS), *reciclagem do lixo domiciliar* (SUBS + PREP + SUBS + ADJ). Em suma: trata-se de sintagmas nominais e sintagmas preposicionados.

Levando em conta, portanto, que as unidades de análise constituem unidades polilexicais ou fraseologias, vejamos a abordagem realizada por alguns autores que buscaram caracterizar estas unidades especializadas, a fim de determinar qual proposta teórica melhor delimita nossas unidades de estudo, circunscrevendo-se aos objetivos de pesquisa desta dissertação.

3.2 A Fraseologia Especializada

A noção de que nos expressamos através de agrupações de signos não é recente. Desde Saussure, já temos a referência de que os signos significam por oposições, e

¹⁹ Dos cinco tipos de variação morfossintática, três poderiam ocorrer em unidades monolexicais, quais sejam: mudança no gênero (nenhum caso desta variação foi encontrado no *corpus* anteriormente trabalhado), mudança de artigo (não é passível de ocorrer em unidades monolexicais nesta pesquisa, uma vez que o sistema de corte utilizado pelos programas automatizados para capturas de expressões especializadas não leva em conta artigos em início de sintagma, portanto, apenas em seu interior, o que constitui uma unidade polilexical), mudança de nome (esta variação geralmente afeta os adjetivos ou advérbios que compõe um sintagma polilexical, ou seja, unidades linguísticas que estão subordinadas a um substantivo não constituem, por si mesmas, uma unidade terminológica). Assim, por dados empíricos já levantados nesta pesquisa, parte-se do pressuposto de que estamos trabalhando com unidades constituídas por mais de uma palavra.

oposições apenas são possíveis dentro de um conjunto sistemático, em outras palavras, a atribuição recíproca de significados entre os signos de dada língua. Esta noção, expressa no CLG em seu capítulo sobre “Solidariedades Sintagmáticas”, serve de base para os pressupostos futuramente desenvolvidos na área de Fraseologia²⁰:

Quase todas as unidades da língua dependem seja do que as rodeia na cadeia falada, seja das partes sucessivas a que elas próprias se compõem. [...] Entre os agrupamentos sintáticos assim constituídos, existe um vínculo de interdependência; eles se condicionam reciprocamente. (SAUSSURE, 2006, p. 148-149)

Saussure ressalta que, a cada escolha linguística que o falante realiza, ele seleciona agrupamentos que enfatizam os significados a serem expressos, isto significa dizer que não há redundâncias na língua, cada escolha fixada tem uma motivação semântica bem determinada no sistema linguístico:

Nossa memória tem de reserva todos os tipos de sintagmas mais ou menos complexos, de qualquer espécie ou extensão que possam ser, e no momento de empregá-los, fazemos intervir os grupos associativos para fixar nossa escolha. (Idem, p. 150-51)

Agrupamentos não são ocasionais, portanto, e sim um fato de língua constante. Como já explicitado, esta pesquisa parte do pressuposto da TCT de que as linguagens especializadas nada mais são do que subsistemas do sistema linguístico geral vigente em dada comunidade que são condicionados contextualmente, tanto a nível social, como a nível linguístico. Portanto, também apresenta agrupamentos e também está determinado pelas características circundantes de uso da unidade linguística em questão.

Isto tendo sido dito, passemos às primeiras considerações acerca destas unidades agrupadas. A problemática central a ser discutida aqui para a determinação da base teórica a ser adotada é: se nossas unidades de estudo constituem unidades polilexicais especializadas, até que ponto estamos trabalhando com unidades terminológicas polilexicais ou com unidades fraseológicas²¹ (BEVILAQUA, 2004)? Qual é de fato, dentro do paradigma teórico, nossa unidade de estudo? Termos ou fraseologias?

²⁰ O termo fraseologia é polissêmico, podendo referir-se tanto à área de estudos (neste caso com letra maiúscula), como à unidade linguística objeto de análise (KJAER, 1990).

²¹ Na pesquisa mencionada acima, anteriormente realizada, a proposta utilizada era de Bevilacqua et al. (2009) que as definem como unidades linguísticas formadas por dois ou mais elementos, dos quais um é termo e o outro seu coocorrente, assim em: “degradação do meio ambiente” tem-se como núcleo terminológico a estrutura “meio ambiente” e como núcleo eventivo, que é constituído pelas unidades léxicas que coocorrem com o núcleo ou base, a expressão “degradação de” que restringe o significado do

Para a introdução da questão, consultemos a Hausman (1990), um dos primeiro teóricos a estudar o fenômeno das agrupações linguísticas no âmbito da língua geral e que trouxe a questão da composição interna destas expressões: núcleo + coocorrentes. Hausmann descreve a existência de expressões linguísticas que são caracteristicamente combinações restritas de duas ou mais palavras de caráter transparente, as quais denomina de colocações. Como ponto de contraste com as colocações, Hausmann menciona a existência de combinações livres (afinidades semânticas entre as palavras) e locuções (de caráter opaco e cristalizado):

La collocation se distingue de la combinaison libre [...] par la combinabilité restreinte (ou affinité) des mots combinés [...]. La collocation se distingue d'autre part des locutions [...] par son non-figement et par sa transparence. Or, cette transparence n'empêche nullement la collocation d'être imprédictible. (HAUSSMANN, 1990, p. 1010)²²

Para ele, as colocações (que não são nem expressões idiomáticas, nem combinações simplesmente recorrentes na língua) estão compostas de dois tipos de elementos: um regente e um regido. Isto quer dizer que, no processo interno da língua, uma unidade lexical é eleita pelo falante para a expressão do significado. Na etapa seguinte, são elencados possíveis ocorrências com esta unidade lexical, deste *ranking*, o falante seleciona um item que irá aparecer junto com esta unidade central, passando a estabelecer-se na língua como uma combinação restrita. Assim, Hausmann lança as noções de base e colocado:

On appellera base de la collocation le partenaire caractérisé [...] et collocatif le partenaire caractérisant qui ne reçoit son identité sémantique que par la collocation. Le rapport base – collocatif est l'orientation de la collocation. (HAUSMANN, 1990, p.1010)²³

núcleo. Esta perspectiva parte do princípio de que toda fraseologia especializada possui um termo em seu núcleo, no entanto, como veremos, esta delimitação se dilui em alguns casos, tornando-se praticamente indeterminável a fronteira entre termo e fraseologia. Para fins de sistematização, por outro lado, esta pesquisa busca uma determinação mais precisa e inequívoca das unidades linguísticas polilexicais uma vez que objetiva o processamento destes dados por ferramentas informatizadas.

²² A colocação se diferencia da combinação livre [...] por sua combinabilidade restrita (ou afinidade) de palavras combinadas [...]. A colocação se distingue, por outro lado, das locuções [...] por sua não-fixação e por sua transparência. No entanto, esta transparência não impede esta colocação de ser imprevisível. (tradução minha)

²³ Chamaremos de base da colocação a parte caracterizada [...] e colocado a parte caracterizante que apenas recebe sua identidade semântica pela colocação. A relação base-colocado é a orientação da colocação. (tradução minha)

Assim, o emissor da mensagem irá organizar uma colocação a partir da base em direção ao colocado. Esta noção é fundamental para a compreensão do fenômeno de variação, uma vez que a grande maioria das variações ocorre no colocado, pelos motivos expostos anteriormente.

Com Hausmann, temos um dado constante e fixo na caracterização de nossas unidades de estudo: a presença de um núcleo e elementos satélites, atribuindo-lhe e adicionando significados. Partindo deste primeiro ponto, analisemos a proposta de seis autores da Fraseologia Especializada. Começemos por Picht, que estudou o fenômeno no âmbito da Terminologia, mais especificamente, da Teoria Geral da Terminologia (TGT), proposta por Eugen Wüster.

3.2.1 Picht (1991)

Este autor adota um ponto de vista wüsteriano, considerando que trabalha com a noção de combinatórias invariáveis e unívocas. Tais unidades, que denominará de *LSP phrase*, são caracterizadas a partir de seus valores semânticos. Assim, estão compostas por duas unidades de caráter semântico: uma possui característica de objeto e a outra de verbo, ou seja, uma ação (*preservar a fauna*). A proposta deste autor se faz valer nesta dissertação porque exclui a discussão da delimitação entre termo e fraseologia, uma vez que centra sua caracterização no aspecto semântico, discutindo sobre a agrupação de conceitos, o que é uma das chaves de trabalho nesta dissertação, o aspecto semântico conjugado ao aspecto morfossintático. No entanto, sua proposta se torna limitada nesta pesquisa a partir do momento que reduz as características destas unidades a um objeto e um verbo, sendo que, a partir dos dados já obtidos nesta pesquisa, verificou-se que tais unidades possuem estruturas e significados mais abrangentes.

3.2.2 Pavel (1993)

Pavel, uma dos expoentes nos estudos de fraseologia, busca caracterizar e delimitar o que vem a ser uma unidade terminológica (UT) e uma unidade fraseológica

especializada (UFE). Para a autora, a UT refere-se a apenas um conceito (ex.: *meio ambiente*), sendo o resultado de evolução por concentração e compactação de conceitos e formas de uma dada expressão anterior. Portanto, aqui estamos diante do termo como designador de conceitos, logo, de valor referencial. Por sua vez, a UFE é portadora de mais de um conceito (ex.: *degradação do meio ambiente*), contendo em seu interior pelo menos um termo (*meio ambiente*); agregadas a este termo, haverá outras unidades lexicais (*degradação, degradar* etc) que são responsáveis por lhe atribuir os valores semânticos de: processos, relações entre conceitos, propriedades, e entidades, tal como segue:

Un mot (simple, dérivé ou composé) ou un groupe compact de mots (sintagme nominal, verbal ou adjectival) qui désigne un concept de type object, action ou propriété, appartenant au système conceptuel d'une spécialité. (PAVEL, 1993)²⁴

Desta forma, o limite entre UT e UFE é dado pela configuração semântica que a unidade linguística apresenta. A natureza sintática destas unidades é variável, podendo apresentar diferentes graus de solidariedade léxica quanto ao grau de fixação e opacidade. A autora propõe uma espécie de *continuum* entre UFE e UT, representando um processo de condensação e opacidade. Isto quer dizer que unidades linguísticas mais extensas (*impacto negativo sobre o meio ambiente*) passam por um processo que resulta em uma extensão menor, de conteúdo menos explicativo e, portanto, com maior grau de especialização (*impacto ambiental*). Esta noção é especialmente importante para a compreensão de que dados significados terão um grau de cristalização tão elevado que não poderão ser deduzidos das partes que compõe combinatória, dificultando sua identificação através de ferramentas informatizadas, por exemplo, uma vez que necessitam de uma descrição particular²⁵.

3.2.3 Blais (1993)

²⁴ Uma palavra (simples, derivada ou composta) ou um grupo compacto de palavras (sintagma nominal, verbal e adjectival) que designa um conceito de tipo objeto, ação ou propriedade, pertence ao sistema conceitual de uma especialidade. (tradução minha)

²⁵ Por exemplo, o termo *valor de existência* designa todo recurso natural que não poderá ser usado, ou seja, em oposição aos recursos que possuem a designação *valor de uso*, aqueles que não poderão ser usados receberão a designação *valor de existência*, que por si só possui significado com maior grau de opacidade.

Esta autora utiliza o termo fraseologismo para designar as unidades fraseológicas. Distingue fraseologismo de termo: o termo pode ser mono ou polilexical e denota um único conceito unívoco; o fraseologismo sempre é polilexical, refere-se a dois ou mais conceitos, contém um ou mais termos associados, possui um núcleo em torno do qual se organiza. Tal concepção aproximasse da apresentada por Pavel.

Combinaison d'éléments linguistiques propre à u domaine de spécialité, dont l'un est un terme noyau, qui sont liés sémantiquement et syntaxiquement et pour lesquels il existe une contrainte paradigmatic. (BLAIS, 1993, p. 52)

O aspecto importante ressaltado por esta autora é sua proposta de *continuum* entre UT-UFE-Frase: as UTs apresentam estrutura sintática mais fixa e as frases estruturas sintáticas mais livres, neste meio, encontram-se os fraseologismos, assim: *meio ambiente* (UT) => *danos no meio ambiente* (UFE) => *causar danos no meio ambiente* (Frase). A menção a esta autora é importante porque traz à luz a consciência de que termos polilexicais podem causar confusão com unidades fraseológicas e, indo mais além, propõe uma terceira categoria que amplia a configuração prototípica de unidades fraseológica abarcando uma gama maior de fenômenos em sua sistematização.

3.2.4 L'Homme (2000)

Esta autora introduz alguns aspectos novos nas considerações sobre fraseologia, denominadas por ela de Combinatórias Léxicas Especializadas (CLEs), quais sejam: a ideia de que as CLEs são resultado de um consenso da comunidade falante, não sendo, portanto, previsíveis e, por esta mesma razão, devem receber tratamento terminográfico. Não é possível, portanto, prever que os especialistas estabeleçam, nas ciências da informática, o termo *vírus* para designar *softwares* inseridos em nossos computadores para causar algum dano. Faz-se necessário, portanto, um tratamento terminológico, ou seja, é necessária descrição dos termos em seus aspectos formais, semânticos e pragmáticos. Segundo a autora, sintaticamente, as CLEs formam-se a partir de agrupações dos coocorrentes (verbos, adjetivos, sintagmas preposicionados) com seus respectivos núcleos terminológicos. Vejamos exemplos cujo núcleo terminológico é *energia*:

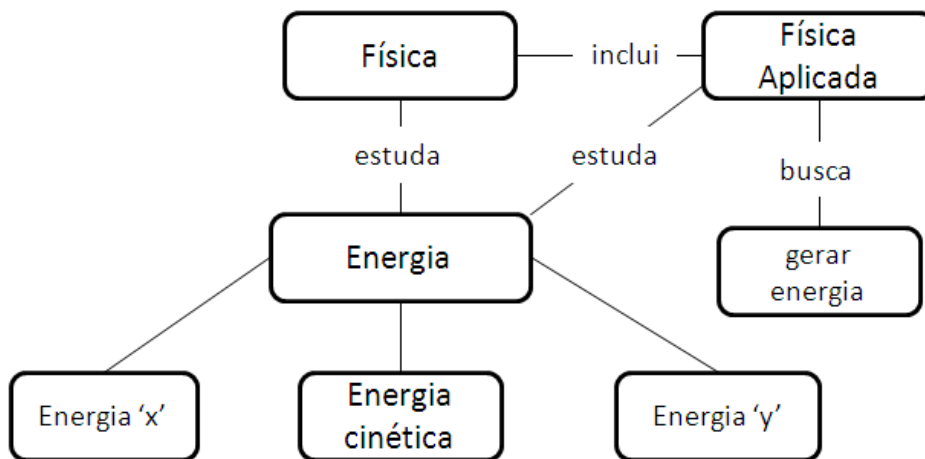
Verbos => gerar energia

Adjetivos => energia cinética

SP => energia de ativação

Portanto, todas as CLEs contêm um termo. Considerando a natureza semântica do núcleo e dos coocorrentes, L'Homme propõe a ideia de classe conceitual, caracterizando semanticamente as CLEs. Assim, se fossemos construir um mapa conceitual a partir da estrutura apresentada acima com o termo *energia*, teríamos:

Figura 4: Mapa Conceitual De Energia



Fonte: Elaboração da autora.

Para a determinação das classes conceituais e o mapeamento semântico das redes conceituais, é importante a análise dos termos em contexto, bem como pesquisa em bibliografias especializadas da área. Desta forma, podemos realizar um levantamento dos traços semânticos que compõem as CLEs e os termos.

A autora ainda considera que as combinatórias possuem diferentes graus de composicionalidade, mas não chega a considerar a possibilidade de opacidade plena, classificando-as em: semicomposicionais (a agrupação acarreta mudanças de traços semânticos no coocorrente, seja ampliando seus traços semânticos, seja reduzindo-os: *energia de ativação*; *energia limpa*) e composicionais (significado formado pelas partes que compõe a combinatória: *gerar energia*). Tais combinatórias não são sinônimas de

UFE, pois podem constituir tanto termos como UFES (não depende da extensão, mas da solidariedade lexical entre as parte que compõem a expressão especializada), no primeiro caso deverá ser chamada de CLEs terminologizadas (termos plurilexicais cujo significado está expresso pelas partes que o compõe tal como em: *regime de posse*).

3.2.5 Gouadec (1994)

Este autor realiza a distinção entre UT e UFE (que ele denomina UF, entidades fraseológicas ou fraseologismos). Ambas são sintagmas especializados, mas a primeira designa objetos e conceitos, e a segunda expressa o conteúdo próprio de um âmbito. Se a expressão deixa de ter valor designativo e passa a expressar algo, tornam-se UFE. É interessante perceber a diferença entre a visão de Gouadec e a visão de Pavel. Para Gouadec, existe o processo de fraseologização (de termo a UF), para Pavel, há o processo de terminologização (da UF para termo). Gouadec propõe um sistema de matrizes, isto é, para ele existem dois tipos de UFES: as que possuem em seu núcleo um termo (que ele chamará de pivô terminológico), e as que estão formadas por elementos invariáveis (uma matriz) e por elementos variáveis. Podem constituir fórmulas que não precisam ter termos, mas estão associadas à temática textual, à área, ao gênero etc.

Quadro 14: Tipos De Fraseologia Segundo Gouadec

Matriz com pivô terminológico	Matriz sem pivô
[Fiscalizar] os recursos naturais	<i>Em testemunho do que [x]</i>
[Controlar] os recursos naturais	<i>Certifico e dou fé que [y]</i>
[Proteger] os recursos naturais	

Fonte: Elaboração da autora.

No primeiro caso deste exemplo, temos o termo *recursos naturais* que é um pivô terminológico a partir do qual outras unidades lexicais se agruparão, gerando diferentes unidades fraseológicas pertencentes a um mesmo campo semântico, neste caso, o campo semântico dos recursos naturais. No segundo caso, temos as fórmulas específicas, estruturas invariáveis, à qual se acoplarão outras expressões conforme a necessidade comunicativa vigente.

O autor cria ainda uma categoria intermediária: o grupo termino-fraseológico, casos em que a configuração morfossintática é claramente de natureza fraseológica, mas cujo valor semântico é designativo (*tratamento de esgotos, abastecimento de água*). Sua caracterização das fraseologias é feita a partir do texto em que estas ocorrem, indicando as características que dada linguagem especializada apresenta, de cunho fortemente pragmático e essencialmente voltado para os estudos e prática de tradução. Por esta mesma razão, seus princípios teóricos fundamentam-se na linguística textual. O autor parte do princípio de que a estruturação e constituição textual são fundamentais na transmissão da intenção comunicativa do emissor, seus efeitos de sentido. Eis aqui onde encontramos um nicho forte de variações morfossintáticas como veremos na análise posterior desta pesquisa. Sua formalização em matrizes relaciona informações semânticas com informações sintáticas, o que também é bastante útil no estabelecimento de regras para programas informatizados que visem a identificação de UFEs e de sua variação.

3.2.6 Bevilacqua (1996)

Adota o termo unidade fraseológica e parte do princípio de Gouadec de que as UFE constituem matrizes, mas ao contrário de Gouadec, que apenas considera matrizes as que não possuem pivô terminológico, Bevilacqua passa a considerar ambos os tipos de UFE como matrizes. Cada matriz (com seus elementos variáveis e invariáveis) representa um paradigma de potenciais expressões que possuem um determinado grau de fixação. As matrizes construídas serão capazes de representar um determinado domínio de especialidade. Assim, teríamos:

Quadro 15: Proposta De Matriz Fraseológica De Bevilacqua

Invariável	Variável
meio ambiente	- preservação - conservação

Fonte: Elaboração da autora

Este exemplo nos demonstra que, a partir da unidade invariável *meio ambiente*, é possível a formação de duas formas expressivas distintas, mas com conteúdos semânticos equivalentes, gerando as variantes: *preservação do meio ambiente* e *conservação do meio ambiente*.

Portanto, unidade fraseológica é uma expressão polilexical, composta de um núcleo e coocorrentes que apresentam determinado grau de fixação e determinada frequência de uso em determinado âmbito de especialidade. A relevância desta abordagem para esta pesquisa – bem como a proposta de Gouadec – está no fato de que existe sistematização em dois níveis: 1º) no nível formal, as matrizes dão conta de sistematizar todas as realizações formais das UFEs; 2º) no nível epistemológico, tal organização abarca as unidades fraseológicas de cunho designativo (*meio ambiente*), processual (expressão de processos: *proteção do meio ambiente*) e expressivo (uso de fórmulas expressivas especializadas: *o referido é verdade e dou fé*), prevendo a existência da variação. A importância, neste trabalho, destas duas perspectivas, é que sua fundamentação já prevê a existência de variação.

3.3 Enfoque Teórico Adotado

A partir da revisão aqui apresentada e considerando a complexidade e diversidade de perspectivas inerentes ao tema da fraseologia, percebeu-se que a proposta de Gouadec, Bevilacqua, L’Homme caracterizam de modo mais pleno a UFE e estão em harmonia com a proposta de análise a ser realizada aqui. As três abordagens delimitam bem as unidades fraseológicas em oposição às unidades terminológicas, apresentando as características morfológicas e semânticas destas expressões, o que nos permite estabelecer categorias para as unidades fraseológicas e realizar generalizações. Assim, poderemos nos deparar com unidades mono ou polilexicais especializadas, no caso das polilexicais, sabemos, através destes autores, que elas podem apresentar três realizações: unidades terminológicas polilexicais (expressam referentes e conceitos); UFEs, propriamente ditas, (expressam ações e processos dentro da área científica), possuem em seu núcleo pelo menos um termo e estão acompanhadas de coocorrentes; e UFEs não terminologizadas (conforme terminologia de L’Homme), que expressam fórmulas ou modos de dizer dentro de uma área de conhecimento específica.

Tendo em vista a necessidade de optar por um modelo teórico, considerando os objetivos deste trabalho e a natureza do fenômeno a ser analisado – a variação –, optamos pelo modelo teórico que melhor acomoda e dá flexibilidade ao desenvolvimento da pesquisa que é o proposto por L’Homme. Assim, fazemos abaixo uma síntese dos principais aspectos que interessam dessa autora para nossa pesquisa:

1) O fenômeno estudado trata-se de variação morfossintática observável em unidades polilexicais, L’Homme propõe a unidade CLE (Combinatória Léxica Especializada), que comporta tanto termos polilexicais como fraseologias, sem haver a necessidade de entrar na discussão sobre se estamos diante de termos ou não, pois não é o objetivo deste trabalho, assim: tanto *resíduo sólido municipal* (designa um referente), como *geração de lixo* (designa um processo) constituem CLEs, objeto de estudo nesta dissertação.

2) Nesta pesquisa, é necessário realizar uma sistematização da configuração linguística presente em tais expressões e no contexto de surgimento das mesmas, com o intuito de verificar quando há probabilidades para que ocorra variação. L’Homme faz a proposta de classes semânticas como uma forma de organizar e, logo, sistematizar o significado destas expressões. Essa organização e sistematização permitem identificar parâmetros para futuro processamento automatizado das CLEs. Igualmente, seus padrões morfossintáticos possibilitam dar conta do aspecto formal das unidades linguísticas aqui trabalhadas.

4 METODOLOGIA

Para coletar as variantes precisávamos dispor de *corpora* textuais. Considerando que no grupo Termisul havia quatro *corpora* diferentes disponíveis, optamos por utilizados por duas razões:

- são *corpora* constituídos a partir dos critérios estabelecidos pela Linguística de Corpus (Berber Sardinha, 2004);
- os resultados obtidos neste trabalho trazem dados novos à pesquisa desenvolvida pelo grupo.

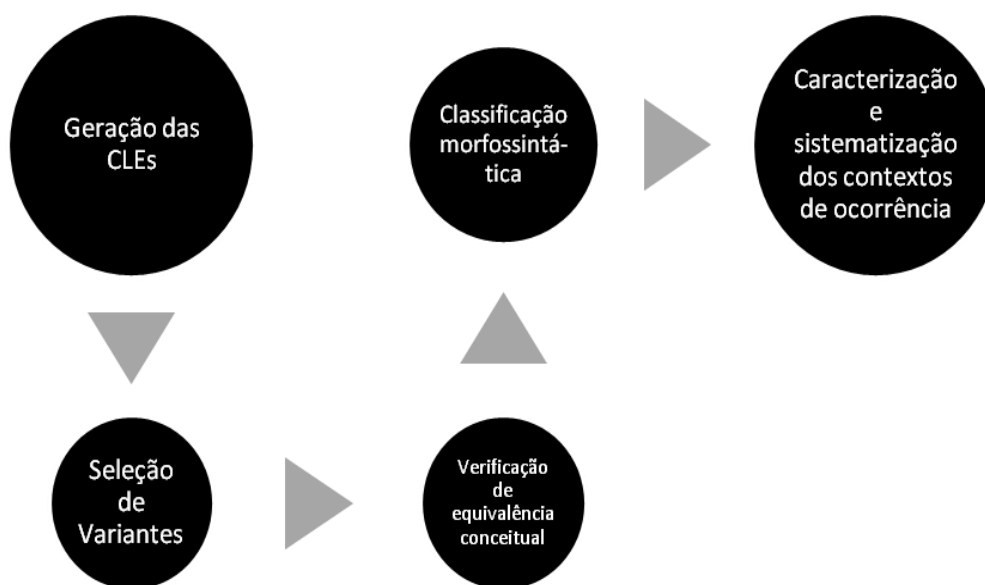
Embora dispuséssemos desses *corpora*, era preciso descrevê-los a fim de obter informações que auxiliassem na identificação das variantes aí encontradas, bem como na descrição dos elementos caracterizadores da variação morfossintática. Para essa

descrição, que pode ser vista no capítulo seguinte, nos apoiamos nos níveis de análise propostos por Ciapuscio (2003).

Não há, na bibliografia da área, proposta específica de metodologia para a busca de variantes terminológicas. Até hoje as pesquisas desenvolvidas dentro deste tema geraram seus próprios métodos, tendo em vista o foco do trabalho e os objetivos de aplicação dos dados obtidos. Por esta razão, a metodologia, que doravante será apresentada, foi desenvolvida com base em: estudo de outras metodologias aplicadas em outras pesquisas; adaptação das mesmas às circunstâncias de desenvolvimento desta pesquisa e criação de etapas próprias conforme as necessidades de investigação.

Para elucidar, é importante ressaltar que a coleta de dados segue as seguintes etapas:

Figura 5: Etapas Metodológicas



Para percorrermos este percurso, utilizamo-nos dos exemplos de outros trabalhos realizados sobre este tema, conforme veremos abaixo, para logo explicitarmos os passos por nós adotados.

4.1 Propostas Metodológicas

A busca de variantes em terminologia pode ocorrer por fatores teóricos e fatores aplicados, geralmente integrados. Podemos buscar variantes apenas com o intuito de compreender seu funcionamento linguístico e caracterizar a natureza deste fenômeno. Podemos também caracterizar as variantes com algum intuito prático (DIAS, 2000), entre os quais podemos citar:

- tradutologia: estudo de métodos de pesquisa para orientar o trabalho do tradutor frente à existência do fenômeno de variação em suas traduções.
- terminografia: estudo dos modos de tratamento das variantes em produtos terminográficos, tais como glossários, banco de dados e dicionários técnicos.
- documentação: estudo dos modos de controle das variantes para recuperação e organização de informações.
- PLN: estudo acerca da sistematização das variantes para estabelecimento de parâmetros para sua extração e geração de produtos informatizados.

Estas constituem as quatro aplicações centrais do nosso tema de estudo. Tendo esta multiplicidade de enfoques sobre o tema variação terminológica, percebemos logo que as abordagens metodológicas são diversas. A cuidadosa observação dos processos de pesquisa desenvolvidos pode auxiliar-nos a compreender as vicissitudes do trabalho, bem como a determinar com mais precisão qual percurso metodológico adotaremos no nosso trabalho. Vejamos algumas abordagens.

4.1.1 Suárez (2004)

O objetivo central desta autora é caracterizar a natureza das variantes presentes em seu *corpus* de estudo afim de propor formas de trabalhar linguisticamente o fenômeno de variação em terminologias no âmbito de sua recuperação automatizada. Possui bases fortes na linguística textual, pois acredita que o local para observação dos fenômenos terminológicas estão documentados nos textos. Portanto, seu foco serão as variantes que podem ser encontradas através de indicadores linguísticos no texto, a que chamará de variação denominativa explícita. Tais variações são manifestas através de

Marcadores de Variação Denominativa Explícita (MVDE), tal como segue na síntese abaixo elaborada:

Quadro 16: Exemplos de Marcadores de Variação Denominativa Explícita

Marcadores de Variação Denominativa Explícita	Exemplos
também chamado	“Realizou-se uma análise um pouco mais detalhada do ciclo de Calvin, também chamado ciclo do C3.”
conhecido como	“[...] é primo distante do ácido nicotínico, mais conhecido como niacina ou vitamina B3.”
também denominado	“Acetileno: também denominado Etino.”
Ou	“Clusters ou sistemas locais de produção/ inovação é o tema do presente estudo [...]”
Parênteses	“Uns defendem que a estratégia empresarial deve ser “planejada”, a partir de um processo estruturado, onde os principais atores (líderes empresariais) devem fazer as perguntas certas, discutir as respostas encontradas, buscar o consenso, decidir como competir a partir dessa “análise planejada” e formalizar as estratégias definidas em um “plano estratégico” (ou, plano de negócios).”
também referido como	O hip hop (também referido como hip-hop) é uma cultura artística com início na década de 1970. (variação gráfica)

Fonte: elaboração da autora.

Portanto, em sua pesquisa, Suárez realiza uma busca textual, através de ferramenta informatizada desenvolvida pelo grupo IULA (ferramenta *Bwana*²⁶), por estes conectores que deverão ser indícios de introduções parafrásticas ou de variantes terminológicas como vimos na tabela acima. Esta metodologia de busca é muito produtiva, aumentando a quantidade de variações encontradas utilizando um tempo bem menor. Por outro lado, tal método não permite encontrar todas as variações presentes em um *corpus*, visto que nem todas as variantes são utilizadas ou introduzidas por marcadores textuais que indicam equivalência.

²⁶ Disponível em: <http://bwananet.iula.upf.edu/indexes.htm>

4.1.2 Alves (2006)

Esta pesquisadora estuda as variações apresentadas por Unidades Fraseológicas Verbais (UFV), ou seja, sua pesquisa *A variação na fraseologia verbal da Economia* busca compreender os modos de expressão utilizados na determinação de estados, ações e atividades no âmbito especializado. Seu objetivo centra-se na discussão do processo de variação até o processo de cristalização, indicando que estes dois fenômenos não são excludentes, mas sim solidários. Assim, após a seleção das Unidades Fraseológicas (UF), a autora passa a realizar a busca de expressões que possuam uma mesma base, um mesmo núcleo verbal. Sua busca é determinada, portanto, por uma das palavras que compõem a expressão especializada, visto partir deste princípio:

É o ato de comunicação que dita as possibilidades de variação, desde que a base conceitual esteja preservada, ou de fácil recuperação no ato comunicativo. Ressalta-se que na expressão de um mesmo conceito, seja da língua geral, seja da linguagem de especialidade, a distribuição de unidades fraseológicas verbais simples se adapta às possibilidades da língua, à complexidade da realidade a ser expressa e à situação comunicativa, portanto, a fatores semânticos, sintáticos e pragmáticos. (Alves, 2006, p.298)

Pelo que afirmamos acima, percebemos que, para Alves, a variação é dependente de intenções comunicativas; toda alteração realizada em dada UF é condicionada pelos efeitos de sentido pretendidos pelo autor. É por esta razão que, tratando-se de variação neste ponto de vista, é necessário que a UF mantenha um mesmo núcleo que irá nortear todo fenômeno de variação. Vejamos os exemplos da autora:

- a) O investimento deu um lucro de 12%.
- b) A empresa lucrou 12% com o investimento.
- c) O investimento deu lucro.
- d) A empresa lucrou com o investimento.
- e) A empresa teve lucro com isso.
- f) A empresa lucrou com isso.

Ao analisarmos estes exemplos, precisamos dar-nos conta de que todas as expressões possuem um único núcleo linguístico comum, a unidade lexical *lucro* e suas

respectivas derivações. Logo, esta é a chave de busca. Este é o mecanismo metodológico empregado nesta pesquisa. A partir desta chave de busca, é possível encontrar muitos casos possíveis de variação. Uma vez mais, esta metodologia não permite identificar todas as possíveis variações presentes em um *corpus*, mas contribui em muito para potencializar seu processo de busca.

4.1.3 Pontes (1998)

Nesta pesquisa, a preocupação principal do autor é determinar a natureza das variantes (chamada por ele de sinônimos) que a terminologia do Caju apresenta. A intenção primeira do autor não é ser exaustivo na busca de variantes, mas na descrição dos dados, a fim de determinar o tipo de proximidade conceitual das variações encontradas. Propõe, então, três graus/níveis de proximidade: total, aproximativa ou estilística. Sua busca ocorre em diversos contextos na atividade de produção de Caju, tanto a nível escrito como oral. No caso do nível escrito, inclui tanto textos de alto grau de formalidade científica como aqueles popularizados e de baixo nível de formalidade científica por parte dos interlocutores, pois sua concepção de variação terminológica restringe-se a esta concepção:

Para Duboc (1978), há sinônimos em língua de especialidade, mas são de natureza distinta dos da língua comum – na língua comum, os sinônimos traduzem nuances de sentido, aspectos emotivos. Já na língua de especialidade, destaca-se outro tipo de sinônimo, em que o sentido permanece inato de um termo para outro, mas que fatores de diferenciação intervêm, tais como: cronologia, nível de língua, frequência, área geográfica de utilização e outros. (Pontes, 1998, p. 260)

Nossa pesquisa realiza um percurso distinto do referido acima: sabendo-se que forçosamente diferentes âmbitos de comunicação, diferentes interlocutores e diferentes sistemas linguísticos geram variantes, nossos *corpora*, como veremos mais adiante, são compostos por textos de estratos comunicativos o mais semelhante possível, posto que a intenção é verificar variações condicionadas estritamente por fatores linguísticos. Ainda assim, Pontes contribui metodologicamente com nosso trabalho, uma vez que:

- ❖ Realiza busca manual de variantes que permite encontrar formas linguísticas completamente diferentes no aspecto formal, mas equivalentes no aspecto conceitual, tal como: *casca* ⇔ *pericarpo*; *capação* ⇔ *poda*.
- ❖ Realiza busca automatizada por coocorrente e pela base dos termos sintagmáticos, a que ele chamará de: a) sinônimos sintagmáticos com membro determinado comum: *semente de caju* ⇔ *semente de cajueiro*; *broca do tronco* ⇔ *broca das pontas*; b) sinônimos sintagmáticos com membro determinante comum: *aguardente de caju* ⇔ *brandy de caju*; *planta de pé-franco* ⇔ *muda de pé-franco* ⇔ *árvore de pé-franco*.

Dos três estudos mencionados acima, ainda que se tenha em conta a diversidade metodológica em função do foco de pesquisa de cada autor, podemos dizer que todas contribuem para nosso trabalho, uma vez que o objetivo aqui é a busca de variantes, focando muito mais na análise do fenômeno como um todo do que na realização pragmática de algum tipo de produto terminológico ou lexicográfico. Vejamos a seguir, portanto, a metodologia que estabelecemos para nossa pesquisa acerca de Variação Terminológica.

4.2 Metodologia Empregada

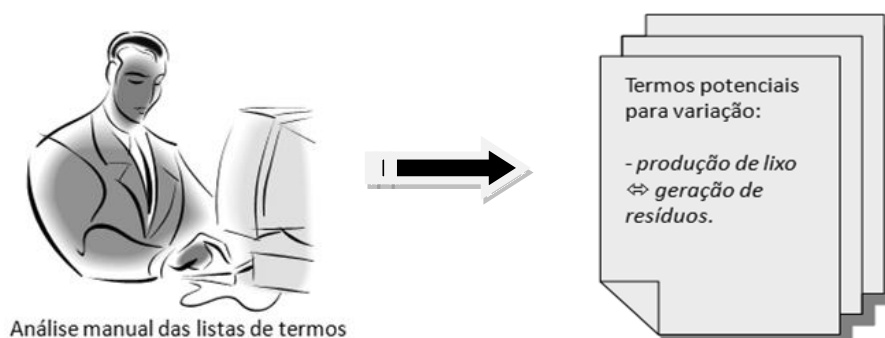
De posse dos *corpora* selecionados (ver capítulo 5), o primeiro passo foi a seleção das CLEs. Para tanto, utilizou-se o extrator de combinatórias AntConc 3.2.4w. Deste programa, utilizamos o gerador de n-gramas, isto é, uma ferramenta que gera agrupamentos lexicais de extensão variada. Para este trabalho, geramos listas de bigramas (sintagmas terminológicos constituídos de duas unidades lexicais), trigramas (sintagmas terminológicos constituídos de três unidades lexicais), quadrigramas (sintagmas terminológicos constituídos de quatro unidades terminológicas), com corte de frequência 5. Optamos por estas extensões, pois constatamos que são as que mais geram candidatos às unidades que aqui analisamos.

De posse das CLEs, aplicamos os procedimentos metodológicos detectados nas pesquisas acima relatadas:

Passo 1: Busca manual. Realizou-se a leitura de cada uma destas listas, com o intuito de verificar expressões semelhantes que pudessem representar variantes. Cada uma destas unidades com potencial de serem variantes foram coletadas e separadas para

posterior análise. Esta etapa é baseada na sensibilidade linguística subjetiva do pesquisador. Por esta razão, este procedimento tende a aplicar-se no caso de CLEs não cristalizadas, mas cuja composição é apreendida através das unidades lexicais que compõem a expressão, é por este motivo que o conhecimento linguístico internalizado pode ser aproveitado e utilizado no procedimento metodológico. Desta forma, ilustramos:

Figura 6: 1º Etapa de Busca por Variante



Passo 2: Busca por núcleo terminológico. A partir das CLEs geradas, utilizou-se a ferramenta Concordanciador do programa AntConc 3.2.4w para procurar todas as possibilidades combinatórias que os núcleos terminológicos das CLEs já obtidas pudessem apresentar, desta forma:

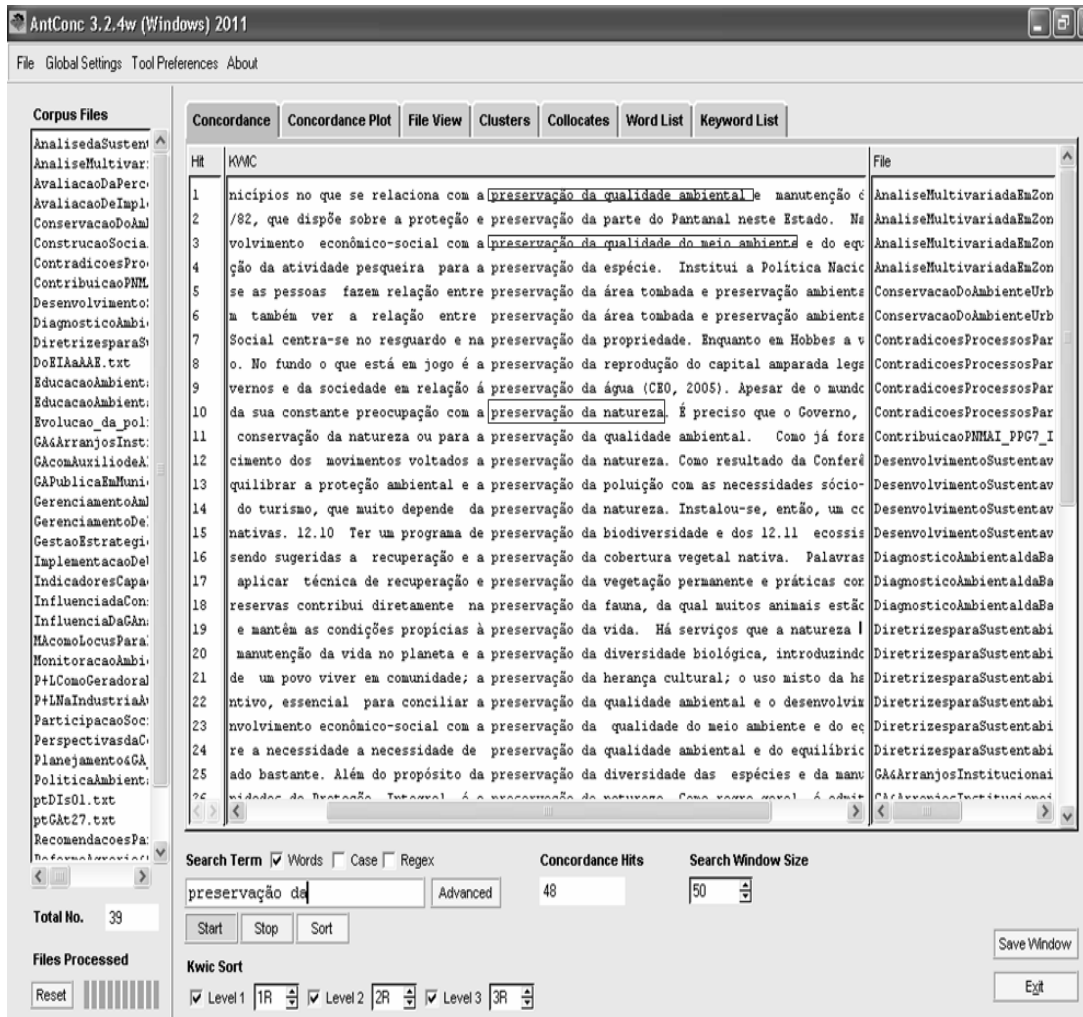
Figura 7: Geração de CLEs por Núcleo Terminológico



Os resultados da busca mostrados acima permitem observar duas possibilidades de variantes: *danos ao meio ambiente* e *degradação do meio ambiente*, cuja equivalência conceitual deverá ser verificada posteriormente.

Passo 3: Busca por coocorrentes. Seguindo a mesma lógica do passo anterior, utilizou-se a mesma ferramenta para a geração de combinações a partir dos coocorrentes das CLEs já obtidas na primeira etapa, tal como ilustramos a seguir:

Figura 8: Geração de CLEs por coocorrentes



Entre os resultados obtidos, podemos identificar as variantes: *preservação da qualidade ambiental*, *preservação da qualidade do meio ambiente* e *preservação da natureza*. Os dois primeiros certamente constituem caso de variação morfossintática e o terceiro poderá potencialmente configurar caso de variação lexical, sendo necessária a análise dos contextos de ocorrência, bem como a consulta a um especialista da área de Gestão Ambiental, para determinar o grau de equivalência conceitual entre elas.

Passo 4: Busca por MVDE. Utilizando a proposta de Suárez (2004), também realizamos buscas com o Concordanciador do AntConc 3.2.4w. Por esta busca, foi possível encontrar variantes bastante distintas no aspecto formal, mas que possuíam algum tipo de equivalência conceitual. Exemplo disto é o termo *regime de posse* que, em determinado contexto, apresentou como variante parafrástica (em um processo de especificação do referente) o termo *direito de usucapião*. O contexto original conectava

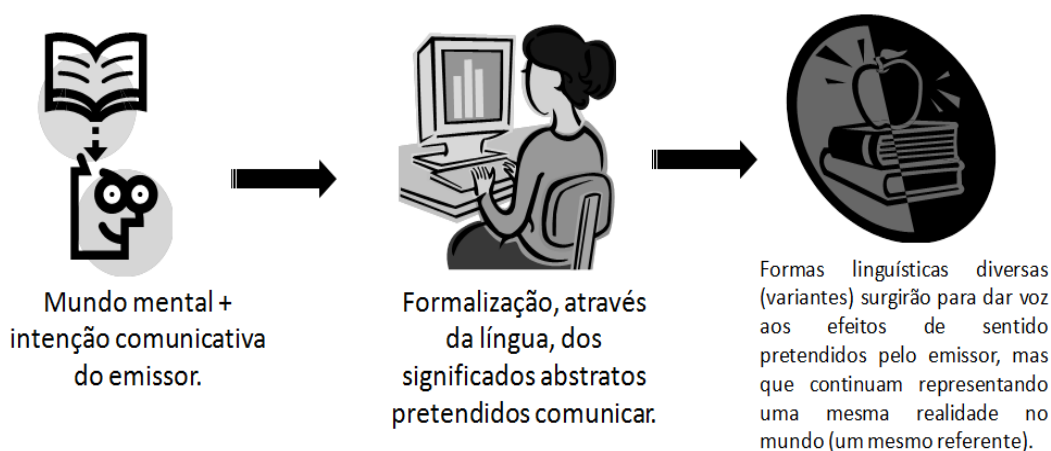
estas duas expressões através do conector *também chamado*. Veja-se o contexto original:

Essa lei favoreceu a consolidação da grande propriedade rural. Além de as terras terem sido vendidas a preços elevados, por meio dessa lei foi fechada a principal via de ocupação de terra até então existente, o regime de posse, **também chamado** de direito de usucapião. (corpus de GA).

Após estes quatro passos adotados para a seleção das variantes, obtivemos as primeiras listas de variantes, a que chamaremos variantes potenciais. A etapa seguinte implicou a verificação conceitual das mesmas através da análise de seus contextos de ocorrência e de consulta em obras de cunho especializado, como glossários, e pesquisas *on-line* a fim de verificar o conteúdo nocional das CLEs candidatas a variantes. Desta forma, chegamos à lista final, com as variações comprovadas. Após isso, realizou-se a classificação dos tipos de variantes existentes no material de análise.

A etapa final desta pesquisa esteve centrada no aspecto de análise manual dos contextos de ocorrências das variações morfossintáticas, como veremos no tópico seguinte. Analisamos os contextos de modo comparativo e determinamos a natureza sintática do entorno linguístico com o intuito de verificar padrões que demonstrassem a intenção de expressar determinados efeitos de sentido por parte do emissor que passam, então, a gerar variantes. Em suma, realizamos a análise comparativa dos contextos das variantes morfossintáticas, pois estamos diante da seguinte realidade:

Figura 9: Processo de Construção Textual



Este esquema nos ilustra o processo de comunicação que ocorre no uso da língua de um modo geral. Ajuda-nos a compreender a variação, pois nos indica que são as significações subjetivas que cada indivíduo atribui à realidade que estão por trás do uso da língua. São estas particularidades de cada falante (seu mundo mental) que, somadas à dada intenção comunicativa, resultarão em diferentes modos expressivos, ocasionando variações.

Deste processo metodológico, chegamos a um total de 205 casos de variação, totalizando 419 combinatórias variantes entre si.

4.3 Metodologia: Análise Morfossintática

Após as etapas mencionadas acima, todas as variantes encontradas foram computadas e classificadas. Passamos ao momento de análise contextual das variações morfossintáticas. As variantes morfossintáticas trabalhadas nesta pesquisa incluem: mudança de preposição, mudança de estrutura, mudança de nome e mudança de gênero. A hipótese é que os contextos condicionem cada um destes subtipos, logo, devem existir elementos que condicionam, por exemplo, a mudança de preposição. Contudo, devemos verificar se esta hipótese é verdadeira, bem como determinar se as áreas especializadas de alguma forma também condicionam as variantes.

Para ajudar-nos neste processo, utilizaremos as classificações de causas de variações propostas por Freixa (2002), apresentadas na seção 2.7. Acreditamos que, a partir do momento que determinamos causas, torna-se mais fácil a identificação dos elementos geradores de variações.

4.3.1 Classificação dos Níveis de Análise

De posse das variantes morfossintáticas, o passo seguinte foi proceder a análise dos seus contextos, a fim de buscar os elementos que indicavam a existência das variantes. Neste ponto, percebemos que se tratava de uma análise extremamente exaustiva e que, muitas vezes, não permitiam a sistematização dos resultados. Desta forma, mudando o procedimento de análise, estabelecemos categorias de análise, partimos das categorias para os dados, e não dos dados para as categorias. Por esta

razão, estabelecemos as seguintes etapas: busca nos contextos por elementos comuns que poderiam gerar variação dentro dos seguintes níveis de análise:

- 1) Nível formal-gramatical: análise de elementos linguísticos que estivessem presentes constantemente para cada tipo de variação morfossintática. Se não encontrávamos indícios formais, partíamos para a análise do nível seguinte:
- 2) Nível Semântico: análise dos campos conceituais²⁷ que estavam presentes no contexto junto à CLE. Se a análise do contexto semântico não era discriminante, então passávamos ao último nível de análise:
- 3) Nível Pragmático: análise da situação comunicativa. Como ponto de partida, analisávamos os seguintes elementos: emissor (intenção comunicativa), comunidade de interlocutores especializados, temática textual, área de conhecimento.

Através destes parâmetros, foi possível realizar um estudo sistemático acerca da caracterização contextual das variantes morfossintáticas. Os resultados desta análise serão apresentados no capítulo 6.

5 CARACTERIZAÇÃO DOS *CORPORA*

Se nosso objetivo está em compreender o fenômeno de variação terminológica de um modo global, faz sentido não se restringir a uma única área temática, mas antes realizar a intersecção de dados terminológicos gerados a partir de diferentes áreas do saber. Por esta razão, nosso *corpus* de pesquisa está constituído por quatro diferentes áreas, quais sejam: Gestão Ambiental, Cardiologia, Informática e Pediatria²⁸. Observando atentamente, percebemos que estas áreas foram estrategicamente selecionadas, a fim de realizar a representação das seguintes esferas científicas: humanas, exatas e biológicas. A seguir, apresentamos a caracterização destes *corpora*

²⁷ O dicionário Houaiss (2001) propõe a seguinte definição para campo conceitual: *Rubrica: lexicologia. Cada um dos esquemas conceituais de uma sociedade depreendidos pelos recortes vocabulares a eles pertinentes [Podem apoiar-se numa estrutura natural (campo das cores, de setores da fauna, da flora, etc.), em relações sociais (graus de parentesco, hierarquia, etc.), ou em relações do domínio do conhecimento e da cultura.]*. Neste trabalho, entendemos como campo conceitual cada unidade linguística capaz de fazer referência a um dado conceito ou a uma dada realidade, o que será fundamental para compreender as relações semânticas estabelecidas entre as diferentes expressões presentes no contexto comunicativo imediato, dando origem às classes semânticas propostas por L'Homme (ver tópico 3.2.4).

²⁸ Estes *corpora* foram constituídos pelo grupo Termisul/UFRGS e estão disponíveis na página do projeto (www.ufrgs.br/termisul)

segundo a área de conhecimento. Para tanto, utilizamos a proposta de caracterização textual de Ciapuscio (2003)²⁹. Esta autora compreende que os textos são resultados verbais de registros comunicativos específicos, determinados pelos usuários dos textos, pelas finalidades e pelas temáticas. No caso dos textos especializados, existem temáticas determinadas de um dado domínio de especialidade. A autora propõe a existência de quatro níveis que determinaram classes ou tipos textuais, são eles: nível funcional, nível do conteúdo semântico, nível situacional e nível formal-gramatical. Dependendo das características de cada um destes níveis, haverá o seu correlato no nível da forma linguística (aspectos sintáticos e lexicais). Por esta razão, a descrição do *corpus* por meio da classificação de Ciapuscio é um grande apoio para a especificação do contexto textual em que as variantes surgirão, contribuindo para caracterizar os elementos que condicionam as variações.

5.1 *Corpus* de Gestão Ambiental

Este *corpus* é composto por teses, dissertações e artigos científicos que totalizam 406 arquivos e 2.395.424 palavras. Importa ressaltar que a Gestão Ambiental é uma área interdisciplinar, que comporta em seu campo, também, as áreas de Engenharia, Administração, Educação, etc. Vejamos abaixo sua caracterização em níveis:

Nível Funcional:

Existe uma função uniforme entre estes textos? Recordando que se trata de textos de cunho acadêmico, por sua natureza intrínseca, podemos, em ordem de prioridade, colocar as seguintes funcionalidades: 1º) informar (através de hipóteses desenvolvidas, informar o público especializado acerca dos estudos que vêm sendo realizados); 2º) argumentar (através de colocação lógica de argumentos, convencer o público leitor da veracidade da posição do autor).

Nível Situacional:

A situação em que se encontra a circulação de tais textos é marcada por:

- ❖ Interlocutores: trata-se de uma comunicação interna, pois emissor e receptor são especialistas da área, existe, portanto uma relação simétrica. Ainda é possível cogitar a comunicação de um emissor especialista e um

²⁹ Ver tópico 1.3) Linguística Textual.

receptor semi-especialista (aprendizes), tratando-se, neste caso, de comunicação assimétrica. O número de interlocutores comporta duas situações: defesa de tese/dissertação (grupo pequeno, comportando no mínimo cinco pessoas); divulgação impressa: grupo grande, para toda uma comunidade científica.

- ❖ Espaço/Tempo: O espaço trata-se de uma comunicação por meio gráfico, por configurar material impresso e lido. Quanto ao tempo, estes textos passam por um primeiro processo de leitura, por um público restrito e avaliador (tanto teses/dissertações, como artigos), para logo de aprovado ser recebido por um público maior, a comunidade científica.

Nível do Conteúdo Semântico:

Quanto ao conteúdo semântico, destacamos os seguintes módulos caracterizadores:

- ❖ Atitude temática: são posições explícitas, referentes aos argumentos apresentados, com o intuito de defender suas posições, entrevemos isso através das expressões: *de fato, certamente, com certeza*, etc. Às vezes, expressões tais como: *parece que, talvez, pode ser*, etc., atenuam um pouco o efeito enfático e configuram, portanto, atitudes temáticas implícitas, ou seja, sugere uma posição, mas não a coloca de modo categórico.
- ❖ Perspectiva sobre o tema: de um modo geral, tratam-se de perspectivas teóricas, e, em menor grau, de perspectivas teóricas e aplicadas, dependendo do objetivo dos estudos propostos.
- ❖ Formais textuais: como a maior parte destes textos acadêmicos possuem suas bases em fontes teóricas (textos originais) que guiarão o desenvolvimento dos trabalhos, estamos diante de formas textuais derivadas. No caso específico da tese, esta deve possuir algo de texto original, pois está em sua função propor algum aspecto inovador na área em questão.
- ❖ Partes textuais: seguem, na sua grande maioria, a estrutura canônica para textos acadêmicos: resumo, *abstract*, índice, introdução, metodologia,

resultados, discussão, conclusão, referências bibliográficas, anexos, apêndices.

- ❖ Desdobramentos temáticos: primordialmente de cunho argumentativo, embora também possam ser, em menor grau: expositivos, descritivos e narrativos.

Nível Formal-Gramatical:

Caracterização geral: textos que buscam ser claros, concisos, sintéticos e precisos, o que se verifica pelo uso do estilo impessoal (terceira pessoa do singular mais pronome reflexivo, determinando impessoalidade), uso de estruturas verbais passivas, uso de primeira pessoa do plural, pouco uso de orações subordinadas, frases curtas que tendem a ser constituídas por uma oração ou apresentam, junto a oração principal, orações subordinadas reduzidas de infinitivo ou de gerúndio. Uso de formas não verbais (gráficos, fotografias, mapas, figuras, tabelas, etc.) no corpo do texto.

Ao longo do texto, constatamos os seguintes elementos idiossincráticos da área:

- ❖ Siglas, acrônimos, abreviaturas: Exemplo: RIMA – Relatório de Impacto Ambiental, CNI Confederação Nacional de Indústrias, ISO – International Organization for Standarization.
- ❖ Fórmulas: expressões numéricas (intersecção disciplinar com as áreas de Química e Economia, exemplo: U-238 e Th-232, kW/m³) e fórmulas químicas são muito frequentes, bem como a presença de elementos químicos (exemplo: CFC, clorofluorcarboneto).
- ❖ Porcentagens: frequentemente utilizadas e ilustradas por meio de gráficos.
- ❖ Nomes latinos: ainda que menos frequentes, demonstram intersecção disciplinar com as ciências biológicas, exemplo: *B. brizantha*.
- ❖ Notas de rodapé: de uso frequente, realiza remissões a fontes, dados, bibliografias complementares ou adiciona explicações que esclareçam o texto principal.

Vejamos, abaixo, uma tabela com as unidades lexicais mais frequentes:

Tabela 3: Unidades Lexicais Mais Frequentes – Gestão Ambiental

Palavras Gramaticais	Palavras Lexicais	Combinatórias
De	Ambiental	meio ambiente
a	ambientais	gestão ambiental
e	ambiente	educação ambiental
o	meio	recursos naturais
que	processo	desenvolvimento sustentável

Fonte: elaboração da autora.

Da seleção das unidades lexicais acima, é possível entrever a temática central da área, ou seja, todas as questões de relevância ambiental como vemos pela posição principal que ocupa o termo *meio ambiente* na área de Gestão Ambiental.

5.2 Corpus de Cardiologia

Este *corpus* é composto por artigos científicos publicados na Revista da SOCERJ (Soc. Cardiologia do Estado do RJ) e na Revista da SOCESP (Soc. Cardiologia do Estado de SP) e artigos originais publicados nos Arquivos Brasileiros de Cardiologia, totalizando 312 arquivos e 1.201.922 palavras. A Cardiologia é área das ciências da saúde, que comporta diversas áreas de intersecção, tais como física, química, medicina e biologia. Vejamos abaixo sua caracterização em níveis:

Nível Funcional:

Visto estarmos diante de artigos científicos, por sua natureza intrínseca, elencamos as seguintes funcionalidades: 1º) informar (através de hipóteses desenvolvidas ou constatações empíricas realizadas, informar o público especializado acerca dos estudos que vêm sendo realizados); 2º) argumentar (através de colocação lógica de argumentos e fatos, convencer o público leitor da veracidade da pesquisa realizada).

Nível Situacional:

A situação em que se encontra a circulação de tais textos é marcada por:

- ❖ Interlocutores: comunicação de caráter interno de relação simétrica, visto que emissor e receptor são especialistas da área. Há, ainda, a

possibilidade de comunicação de relação assimétrica, uma vez que há um emissor especialista e um receptor semi-especialista (aprendizes). O número de interlocutores, subordinado à divulgação impressa, tende a refletir um grupo grande, por representar uma dada comunidade científica.

- ❖ Espaço/Tempo: O espaço da comunicação ocorre por meios gráficos, configurando material impresso e lido. Quanto ao tempo, estes textos passam por um primeiro processo de leitura, por um público restrito e avaliador (do momento da submissão do artigo), para logo de aprovado ser recebido por um público maior, a comunidade científica.

Nível do Conteúdo Semântico:

Quanto ao conteúdo semântico, destacamos:

- ❖ Atitude temática: são posições bastante explícitas, referentes aos argumentos apresentados. Por basearem seus estudos sempre em dados concretos e materiais, as expressões utilizadas com o intuito de defender suas posições são bastante enfáticas. Exemplos: *foi condição indispensável para, fato que acrescenta uma maior credibilidade, estes resultados são contraditórios*, etc. Às vezes, expressões tais como: *parece influenciar, talvez, podem ser, não é sempre que*, etc., representam atitudes temáticas implícitas, sugerindo uma posição, mas não a colocando de modo categórico.
- ❖ Perspectiva sobre o tema: perspectiva aplicada.
- ❖ Formais textuais: formas textuais derivadas (no caso de partirem de estudos predecessores para basearem os seus) e, também, formas textuais originais (mesmo no caso de complementarem estudos prévios, tendo-os por base, o estudo apresentado deve demonstrar novos conhecimentos à comunidade científica). Percebe-se, portanto, que estamos diante de formas textuais de natureza dupla, por efetivarem este duplo mecanismo relatado acima.
- ❖ Partes textuais: seguem a estrutura canônica para textos acadêmicos: resumo, *abstract*, índice, introdução, metodologia, resultados, discussão,

conclusão, referências bibliográficas e, facultativamente, anexos e apêndices.

- ❖ Desdobramentos temáticos: primordialmente, são de cunho expositivo, secundariamente, de cunho descritivo, podendo também serem, porém em menor grau, argumentativos e narrativos.

Nível Formal-Gramatical:

Caracterização geral: textos que buscam ser claros, concisos, sintéticos e precisos. Verifica-se o uso massivo do estilo impessoal, bem como de estruturas verbais passivas. Apresentam frases curtas que tendem a ser constituídas por uma oração ou apresentam, junto à oração principal, orações subordinadas reduzidas de infinitivo ou de gerúndio. Uso de formas não verbais (gráficos, figuras, tabelas, etc.) no corpo do texto.

Constatamos a presença dos seguintes elementos:

- ❖ Siglas, acrônimos, abreviaturas: Exemplo: IC (Insuficiência Cardíaca), IMC (Índice de Massa Corporal), RCE (Risco Coronariano Elevado).
- ❖ Fórmulas: particulares à área, com terminologia e simbologia própria ou de cunho estatístico: “(p<0,01 IC 95% 14,1 a 22,8)”. Fórmulas químicas: PCO₂, mmHg.
- ❖ Porcentagens: muito utilizadas, exemplo: “taxa de mortalidade de 10,2%”.
- ❖ Notas de rodapé: dispõem informações complementares: remissões a fontes, dados, bibliografias complementares, etc.

Vejamos, abaixo, uma tabela com as unidades lexicais mais frequentes:

Tabela 4: Unidades Lexicais Mais Frequentes – Cardiologia

Palavras Gramaticais	Palavras Lexicais	Combinatórias
de	Pacientes	fatores de risco
e	estudo	fração de ejeção
a	grupo	pressão arterial
do	arterial	infarto agudo do
da	risco	miocárdio

		índice de massa
--	--	-----------------

Fonte: elaboração da autora.

5.3 *Corpus* de Informática

Este *corpus* é constituído por artigos científicos, é uma amostra textual menor, visto a dificuldade de se encontrar textos académicos desta área disponíveis *on-line* e gratuitamente. Contamos, portanto, com 20 artigos, cujo tema centra-se na Engenharia de *Software*/Sistema de Informação e que totalizam 89.354 palavras. Vejamos abaixo sua caracterização em níveis:

Nível Funcional:

Eis as funcionalidades por ordem de prioridade: 1º) informar (relatar à comunidade científica progressos na área); 2º) argumentar (convencer o leitor da relevância da pesquisa, bem como de sua funcionalidade, além de comprovar a eficiência dos novos recursos desenvolvidos).

Nível Situacional:

A situação em que se encontra a circulação de tais textos é marcada por:

- ❖ **Interlocutores:** comunicação interna (emissor e receptor são especialistas da área) de relação simétrica (especialista-especialista) e assimétrica (especialista - semi-especialista (aprendiz)). O número de interlocutores comporta um grupo grande, equivalente a uma comunidade científica. Considerando-se a importância da Informática no mundo atual, não raro vemos tais textos transitarem fora da comunidade especializada, sendo recebidos também por um público autodidata (aprendiz), caracterizando uma comunicação externa.
- ❖ **Espaço/Tempo:** O espaço: comunicação por meios gráficos (material impresso ou digitalizado). Tempo: 1º momento: processo de leitura por um público restrito e avaliador; 2º momento: publicação e divulgação do artigo científico para a comunidade especializada.

Nível do Conteúdo Semântico:

Quanto ao conteúdo semântico, destacamos:

- ❖ Atitude temática: posições explícitas com intuito de produzir mudanças comportamentais na comunidade. Exemplos: *fundamental para, fato que acrescenta uma maior credibilidade, é extremamente importante*, etc. Às vezes, expressões tais como: *em suas opiniões, o que indica que, pode variar, podem ser entendidos*, etc., matizam e relativizam o argumento apresentado.
- ❖ Perspectiva sobre o tema: perspectiva teórica, apresentando muitas vezes sugestões de uso das ferramentas já existentes ou de comportamentos adequados a atual sociedade informatizada; perspectiva aplicada, apresentando novos programas para tratamento informatizado das informações.
- ❖ Formais textuais: formas textuais derivadas (no caso de temáticas fundamentalmente teóricas, e nos casos em que novos programas estão baseados em técnicas previamente desenvolvidas); formas textuais originais (no caso de novos programas desenvolvidos).
- ❖ Partes textuais: seguem a estrutura canônica para textos acadêmicos: resumo, *abstract*, índice, introdução, metodologia, resultados, discussão, conclusão, referências bibliográficas e, facultativamente, anexos.
- ❖ Desdobramentos temáticos: primordialmente, são de cunho argumentativo (o ponto de partida sempre é defendendo ou criticando realidades existentes dentro da área), secundariamente, de cunho descritivo (em especial das técnicas e metodologias desenvolvidas e projetadas), podendo também serem, expositivos.

Nível Formal-Gramatical:

Caracterização geral: textos que buscam ser claros, concisos, sintéticos e precisos. Verifica-se o uso do estilo pessoal, bem como de estruturas verbais passivas em frases curtas que tendem a ser constituídas por uma oração. Uso de formas não verbais (gráficos, figuras, tabelas, etc.) no corpo do texto.

Constatamos a presença dos seguintes elementos:

- ❖ Siglas, acrônimos, abreviaturas: Exemplos: Sis (Sistemas de Informação), ILA (Interpretador de Linguagem Algorítmica).
- ❖ Fórmulas: particulares à área, relativas às regras de execução de programas. Exemplos: “Win32 (i.e. *.EXE, *.DLL, *.OCX, *.SCR)”
- ❖ Porcentagens: pouco utilizadas, exemplo: “obtenção de uma sensibilidade inferior a 4%”.
- ❖ Notas de rodapé: dispõem informações complementares: remissões a fontes, dados, bibliografias complementares, e esclarecimentos acerca do texto principal.

Vejamos, abaixo, uma tabela com as unidades lexicais mais frequentes:

Tabela 5: Unidades Lexicais Mais Frequentes – Informática

Palavras Gramaticais	Palavras Lexicais	Combinatórias
de	Dados	sistemas de informação
e	ambientes	engenharia de <i>software</i>
a	alunos	processamento de língua
que	forma	ciência da computação
da	sistemas	mineração de dados

Fonte: elaboração da autora.

Vale mencionar aqui a precisão existente entre as temáticas dos textos e seus termos mais frequentes, que poderiam representar suas palavras-chaves.

5.4 Corpus de Enfermagem

Este *corpus* é constituído por artigos científicos, tal como o *corpus* de Informática e da Cardiologia, é uma amostra textual menor. Contamos com 22 artigos, totalizando 85.482 palavras. Tais textos apresentam uma temática centrada nos aspectos sociais e psicológicos da atividade de enfermagem, bem como na educação de

profissionais que possam satisfazer a necessidade de transmitir confiança e tranquilidade aos pacientes. Vejamos abaixo sua caracterização em níveis:

Nível Funcional:

Eis as funcionalidades por ordem de prioridade: 1º) argumentar (colocação de posicionamentos que venham a influenciar o comportamento dos profissionais da área, adequando-os às expectativas de desempenho); 2º) informar (comunicar realidades do meio hospitalar, bem como de novos métodos para a atividade de enfermagem).

Nível Situacional:

A situação em que se encontra a circulação de tais textos é marcada por:

- ❖ Interlocutores: comunicação interna (emissor e receptor são especialistas da área) de relação simétrica (especialista-especialista). O número de interlocutores comporta um grupo grande, equivalente a esta comunidade científica.
- ❖ Espaço/Tempo: O espaço: comunicação por meios gráficos (material impresso ou digitalizado). Tempo: 1º momento: processo de leitura por um público restrito e avaliador; 2º momento: publicação e divulgação do artigo científico para a comunidade especializada.

Nível do Conteúdo Semântico:

Quanto ao conteúdo semântico, destacamos:

- ❖ Atitude temática: são majoritariamente posições implícitas ou atenuadoras de posicionamentos categóricos, sendo de uso recorrente o verbo poder: *pode-se observar, também indicam que, pode variar, pode-se concluir*, etc.. É possível contatar posicionamentos explícitos, porém bastante raros em frequência: *considera-se interessante, tem-se mostrado factível, ainda está longe de se tornar realidade, de fato*.
- ❖ Perspectiva sobre o tema: perspectiva teórica e aplicada concomitantemente. Abordagens teóricas são utilizadas para darem suporte e embasamento às propostas de práticas profissionais.
- ❖ Formais textuais: formas textuais derivadas, uma vez que o embasamento teórico e de pesquisas anteriores é utilizado de modo fundamental e imprescindível para sustentar as propostas das pesquisas.

- ❖ Partes textuais: seguem a estrutura canônica para textos acadêmicos: resumo, *abstract*, índice, introdução, metodologia, resultados, discussão, conclusão, referências bibliográficas e, facultativamente, anexos.
- ❖ Desdobramentos temáticos: primordialmente, são de cunho argumentativo e expositivo (o ponto de partida sempre é defendendo ou criticando realidades já existentes dentro da área), secundariamente, de cunho descritivo (das técnicas e metodologias projetadas).

Nível Formal-Gramatical:

Caracterização geral: da mesma forma que os *corpora* anteriores, são textos que buscam ser claros, concisos, sintéticos e precisos. Verifica-se o uso do estilo impessoal, bem como de estruturas verbais passivas em frases curtas que tendem a ser constituídas por uma oração. Uso de tabelas (mais frequente) e figuras (menos frequente) no corpo do texto.

Constatamos a presença dos seguintes elementos:

- ❖ Siglas, acrônimos, abreviaturas: Exemplos: UTI (Unidade de Tratamento Intensivo), PCCU (Prevenção do Câncer do Colo do Útero), AE (Auxiliar de Enfermagem), USF (Unidade de Saúde da Família), RP (Residentes de Pediatria).
- ❖ Fórmulas: não foram constatados usos de fórmulas.
- ❖ Porcentagens: muito utilizadas, exemplo: “taxa de cerca de 10% a 30% nos processos de grupoterapia”.
- ❖ Notas de rodapé: constatou-se apenas uma nota de rodapé.

Vejamos, abaixo, uma tabela com as unidades lexicais mais frequentes:

Tabela 6: Unidades Lexicais Mais Frequentes – Enfermagem

Palavras Gramaticais	Palavras Lexicais	Combinatórias
----------------------	-------------------	---------------

de	Saúde	profissionais de saúde
e	trabalho	usuárias de drogas
a	enfermagem	trabalhadora de enfermagem
que	estudo	unidade neonatal
o	profissionais	equipe de saúde

Fonte: elaboração da autora.

De tudo visto acima, é possível perceber que buscamos constituir um *corpus* homogêneo nos quesitos relacionados a gênero e tipo textual. Utilizamos *corpora* que apresentem variações não de cunho extralinguístico, como objetivos de pesquisas diferentes, interlocutores, propósitos comunicativos e situações distintas, mas antes variações de cunho linguístico, como possibilidades de explicar o intrincado mecanismo interno da língua, o que, sem dúvida, inclui seu aspecto especializado.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Apresentamos, neste capítulo, a análise das variações encontradas em cada *corpus*. É importante lembrar que cada manifestação linguística aqui apresentada sob o aspecto formal possui sua respectiva repercussão conceitual. Partimos, portanto, do seguinte princípio, já anteriormente trabalhado por Faulstich (2001) toda alteração na forma linguística é apenas originária da intenção de expressão de diferentes sentidos. Logo, toda a variação, mesmo que aparentemente ocorra apenas num plano formal, é oriunda de diferentes intenções comunicativas, por mais sutis que possam parecer.

A análise está estruturada da seguinte forma: a) classificação e informações quantitativas acerca de todas as variações encontradas em cada uma das áreas aqui trabalhadas e b) apresentação dos dados e da análise detalhada da variação morfossintática.

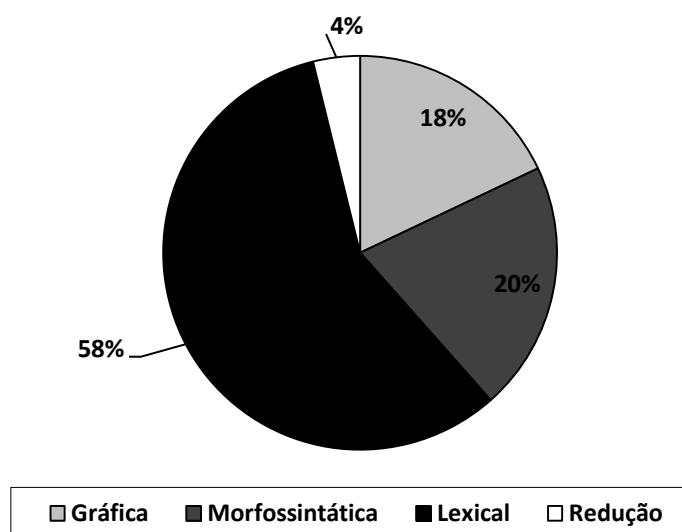
6.1 Classificação quantitativa e tipológica da variação nos *corpora* de estudo

6.1.1 *Corpus* Cardiologia

Após os procedimentos de identificação das combinatórias especializadas já esclarecidos no capítulo de metodologia, chegamos a um total de 956 combinatórias. Tais combinatórias possuem corte de frequência 5 e foram geradas a partir dos seguintes *n-gramas*: bigramas (2 unidades lexicais), trigramas (3 unidades lexicais) e quadrigamas (4 unidades lexicais). A quantidade de unidades lexicais que compõem uma combinatória é inversamente proporcional à quantidade de unidades terminológicas geradas num dado *corpus*. Isto quer dizer que a lista de bigramas tende a ser muito maior do que a lista de quadrigamas, ou seja, unidades menores tendem a ser mais frequentes nas áreas de especialidade de um modo geral.

Destas 956 combinatórias, que incluem siglas, bigramas, trigramas e quadrigamas, 156 foram as combinatórias que apresentaram variação, ou seja, 16% do corpus de cardiologia são variações de diferentes tipos. Apresentamos a seguir o gráfico representativo dos tipos encontrados, com base na classificação de Freixa (2002):

Figura 10: Variantes Denominativas - Cardiologia



Fonte: Elaboração da autora.

Como observamos acima, a Cardiologia tende a apresentar uma grande incidência de variação lexical. A variação lexical, por constituir mudança de unidade lexical na combinatória, é a que gera maior variação conceitual, conforme nos esclarece Freixa (2001) em seu *continuum* de equivalência conceitual. Muito mais abaixo, vem a variação morfossintática, aproximando-se muito da variação gráfica. A redução é extremamente rara, representando apenas três casos em todo o *corpus* analisado. Apresentamos alguns exemplos para cada tipo de variação e breves comentários, uma vez que a proposta de pesquisa nesta dissertação centra-se sobre a variação morfossintática:

Tabela 6: Variação Gráfica - Cardiologia

DAC	doença arterial coronária
O custo médio anual do manejo da DAC foi elevado, sendo o tratamento farmacológico o principal determinante dos custos públicos. Essas estimativas podem subsidiar análises econômicas nesta área, sendo úteis para nortear políticas de saúde pública.	É de conhecimento público o fato da doença arterial coronária gerar gastos diretos e indiretos para governos, planos de saúde e para um número muito significativo de pacientes que, por anos, têm convivido com gastos crescentes e infindáveis no setor saúde.

Deste exemplo, ressaltamos a ideia de que variações gráficas são as que geram menor alteração conceitual, geralmente indicando a necessidade de comunicação sucinta e imediata entre especialistas. Vejamos o próximo exemplo:

Tabela 7: Variação Lexical - Cardiologia

taxa(s) de letalidade	taxa(s) de mortalidade
1) Contudo, todas essas mudanças no perfil epidemiológico e as várias facetas clínicas ainda dificultam a sua abordagem, permanecendo elevada a taxa de letalidade , apesar de toda a evolução tecnológica.	1) No entanto, a taxa de mortalidade dentro de trinta dias da cirurgia de revascularização miocárdica, em pacientes com disfunção ventricular esquerda, pode chegar a 20% .
2) As taxas de letalidade foram estimadas segundo a faixa etária, o sexo, o diagnóstico e a unidade hospitalar. Taxas de letalidade nos hospitais foram ajustadas	2) As taxas de mortalidade das doenças isquêmicas do coração apresentaram uma tendência de declínio

utilizando a regressão de Poisson, considerando os efeitos de idade, sexo e de grupos diagnósticos.	em ambos os sexos.
---	--------------------

No caso destas combinatórias, a análise de contextos indica que, para *taxa de letalidade*, observamos que seu uso está circunscrito a um contexto relativo a unidades de saúde e fatores condicionantes do estado de saúde. Por sua vez, *taxa de mortalidade* relaciona-se com um campo semântico relativo a doenças, enfermidades.

O exemplo abaixo constitui caso de elisão, que, geralmente, advém da necessidade de compactar o discurso quando esta decisão não afeta a compreensão textual devido aos fenômenos de anáfora, observados na grande maioria dos casos de eclipse ou redução, ou ainda, como no caso abaixo, por compreensão implícita da palavra elidida, pois a temática textual assim o permite:

Tabela 8: Redução - Cardiologia

fatores de risco para doença cardiovascular	fatores de risco cardiovascular
O conhecimento da prevalência dos principais fatores de risco para doença cardiovascular e o reconhecimento da necessidade de implantação de medidas capazes de modificar tais fatores é o primeiro passo para reduzir os efeitos deletérios sobre o sistema cardiovascular.	A relação entre a dislipidemia e outros fatores de risco cardiovascular na infância visa estabelecer normas para a dosagem de lipídeos nesta faixa etária.

6.1.2 Corpus Gestão Ambiental

Este *corpus* havia sido estudado no projeto CLE³⁰, do grupo Termisul. Além disto, o estudo acerca da variação em Gestão de Resíduos foi objeto de estudo da tese de Kilian (2007), cuja análise baseou-se na linguística textual dentro dos estudos de

³⁰ Projeto *Identificação e descrição das combinatórias léxicas especializadas (CLEs) da Gestão Ambiental em Língua Portuguesa e em Língua Espanhola*, desenvolvido junto ao Grupo TERMISUL; contemplado no Edital de Ciências Sociais e Humanidades, CNPq, sob a coordenação da professora Cleci Regina Bevilacqua.

tradução. A análise mostrou os mecanismos de variação das combinatórias, bem como sua análise quantitativa, a fim de determinar as tendências discursivas desta área que contribuem com a coesão e coerência textuais. Assim, Kilian (2007), nos esclarece que:

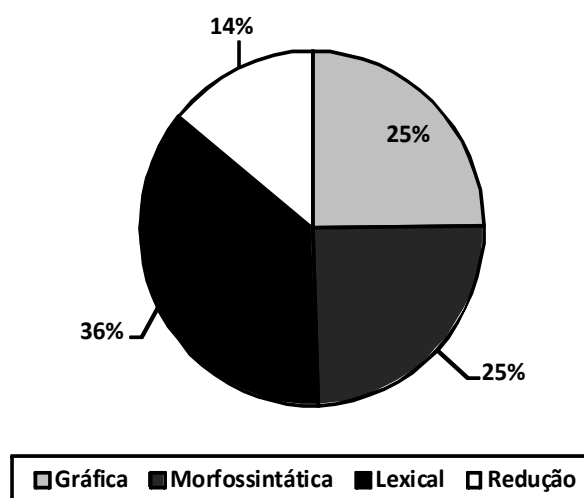
Consideramos, como em Antunes (1996), duas grandes categorias de formas de retomada: a repetição e a substituição. Na repetição, não há alteração da unidade matriz; na substituição, a retomada acontece com algum tipo de alteração, que pode ser de caráter ortográfico, morfossintático, lexical ou discursivo, conforme adiante identificamos. (KILIAN, 2007, p. 140)

Este enfoque contribui para este trabalho, pois explicita os elementos formais presentes no texto que ocorrem juntamente aos fenômenos de variação. Ao explicitar quantitativamente estes fenômenos, a pesquisa é capaz de determinar, através de padrões sistemáticos do comportamento das variantes, a natureza intrínseca a dada área especializada em determinada língua natural. Por esta razão, a autora pode concluir:

O “princípio da não-repetição” rege as convenções textuais no português, manifestando-se na não-retomada do que é deduzido, na redução e em diferentes realizações léxico-gramaticais do mesmo conceito. Desse modo, [...] o texto em português tende a ser menos explícito e menos redundante. (KILIAN, 2007, p. 228)

Em harmonia com os resultados de Kilian, nossa investigação chegou a resultados semelhantes quanto à natureza de precisão dos textos em Gestão Ambiental. Vejamos os dados: a lista de combinatórias totalizou 1.150 unidades, dentre as quais 172 combinatórias apresentaram variação, ou seja, 14% do corpus apresentou variação. Desta forma temos:

Figura 11: Variantes Denominativas - GA



Fonte: Elaboração da autora.

Percebemos, pelos dados acima, que estes apresentam frequências semelhantes aos dados de Cardiologia, ainda que estejam bastante mais equilibrados, mostrando menor tendência à variação lexical. Devemos ressaltar uma vez mais como a variação gráfica e morfossintática tendem a aproximar-se, formando um paralelismo de ocorrência.

Abaixo, temos alguns exemplos relativos aos casos de variação gráfica, variação lexical e reduções.

Tabela 9: Variação Gráfica – GA

UCs	Unidades de Conservação
No caso dos recursos derivados do uso público, cabe aos órgãos administradores das UCs controlar as atividades das instituições e das organizações com atividades econômicas direcionadas para visitação nas UCs, descredenciando entidades se constatadas irregularidades.	Os órgãos responsáveis pela administração das unidades de conservação podem receber recursos ou doações de qualquer natureza, nacionais ou internacionais, com ou sem encargos, provenientes de organizações privadas ou públicas ou de pessoas físicas que desejarem colaborar com a sua conservação.

Notamos que, no primeiro caso, as informações constantes dizem respeito apenas aos atores da interlocução especializada, indicando que se trata de comunicação interna. No caso da forma extensa, podemos notar que existe uma expansão da realidade discursiva para o mundo exterior, fazendo referência também a instituições nacionais e internacionais capazes de contribuir financeiramente para a manutenção das UCs.

Vejamos a seguir um caso de variação lexical:

Tabela 10: Variação Lexical – GA

Geração de lixo	Produção de Lixo
A segunda vertente espelha o aumento da geração de lixo associado ao fenômeno do crescimento urbano. Em geral, a geração de lixo por habitante é menor em cidades menores, aumentando progressivamente à medida que aumenta o porte da cidade.	O crescimento populacional e o avanço do processo de industrialização, no sentido de suprir esta demanda, fizeram com que não só houvesse uma maior produção de lixo , mas também que sua composição se modificasse ao longo desse período.

As relações semânticas que cada uma destas combinatórias estabelece com as demais unidades das orações apresentam paralelismo, gerando um grau de equivalência conceitual muito grande, pois ambos os termos se relacionam com os campos semânticos de: *crescimento urbano, aumento do porte da cidade, crescimento populacional, avanço do processo de industrialização.*

A seguir apresentamos um caso de elipse:

Tabela 11: Redução – GA

melhoria da qualidade ambiental	melhoria ambiental
1) O SISNAMA é constituído pelos órgãos e entidades da União, dos estados, do Distrito Federal, dos municípios e pelas fundações instituídas pelo Poder Público para a proteção e melhoria da qualidade ambiental	A Carta do Meio Empresarial pelo Desenvolvimento Sustentável, publicada pela International Chamber of commerce (ICC) em

(CONAMA, s.d.).

2) Cada EIA [Estudo de Impacto Ambiental] fez uma breve análise da região com ou sem a implantação das respectivas usinas hidrelétricas e concluiu que é possível conciliar a realização de um empreendimento do porte dessas usinas com a manutenção e até **melhoria da qualidade ambiental**, bastando para isso que cada parte envolvida tenha compromisso com a busca de soluções adequadas para com os problemas que se apresentam.

1991, tem como objetivo comprometer um amplo leque de empresas com a **melhoria ambiental**, por meio da adoção de programas de gestão ambiental.

A redução ou elisão poderá ocorrer devido à presença anterior de uma anáfora, chamado de *redução anafórica*, devido à temática macrotextual (*impacto ambiental negativo* => *impacto negativo*; temática de cunho ambiental presente na área de Gestão Ambiental), ou devido à assimilação de propriedades semânticas, que recebem o nome de *redução lexical*. O caso específico, apresentado acima, trata-se de redução lexical por assimilação de propriedades semânticas. O vocábulo *qualidade*, presente na primeira combinatória, possui em suas acepções, traço semântico positivo que pode ser facilmente representado apenas pelo vocábulo *melhoria*³¹. Finalmente, cabe a questão: o que condiciona um e outro uso? Percebemos que, nos dois exemplos, *melhoria da qualidade ambiental* é apresentada como objetivo, meta dos órgãos fiscalizadores; no caso de *melhoria ambiental*, a combinatória está no campo conceitual de meta, mas, além disso, trata-se de uma imposição, regulamentação que todos os órgãos devem respeitar, apresenta um traço semântico a mais, o de *obrigação*. A diferença, portanto, encontra-se nos diferentes enfoques de sentido, apresentando sutis variações na equivalência conceitual.

6.1.3 Corpus Enfermagem

³¹ O dicionário Houaiss (2001) ajuda a esclarecer este tópico, trazendo as seguintes definições que explicitam os traços semânticos compartilhados pelos dois vocábulos:

- **Qualidade**: característica superior ou atributo distintivo positivo que faz alguém ou algo sobressair em relação a outros.

- **Melhoria**: vantagem superioridade; movimento para diante; avanço, progresso, desenvolvimento.

Chegamos à análise dos *corpora* que constituem amostras quantitativamente menores, mas que qualitativamente permitem entrever claramente as idiossincrasias das áreas e, graças a isto, também identificar as semelhanças que nos ajudarão no processo de sistematização e generalização dos resultados.

A lista de combinatórias do *corpus* de enfermagem totaliza 137 unidades; destas, 62 combinatórias constituem variantes. Estes valores chamam a atenção, posto que totalizam 45% das combinatórias identificadas na área. Estamos diante de uma área iminentemente de cunho sociológico e antropológico, em que, pelo que podemos depreender dos dados, a precisão terminológica é menor. A análise do *corpus* permitiu a constatação de que a expressão da subjetividade do autor é frequente tendo em vista as seguintes funções textuais predominantes, ilustradas com os seguintes exemplos do *corpus* de enfermagem.

EXPRESSAR:

Através das falas, identificou-se que a produção láctea foi aspecto bastante valorizado pela mulher, no seu contexto familiar, sendo visto, por vezes, como problema: “Minha irmã falava que o leite está sendo pouco pra ele (...), ele estava chorando demais, chorando de fome (..) não vaza (..) falou para procurar a M. do posto (...). Minha mãe, minha sogra falou: vai dar chá! (...). Eu não queria dar a chuquinha de chá (...), tinha medo que ele pegava a chuquinha e não pegava o peito (...), acabei de dar chá para ele, arrotou e dormiu. Pra mim foi bom porque eu estava cansada (Janete, 18a, 2ºGrau em curso, solteira)”.

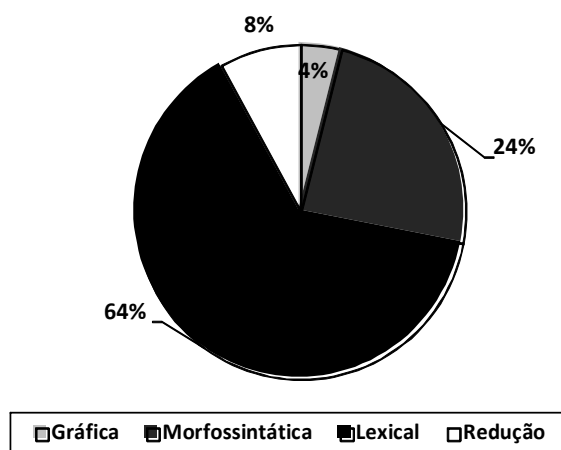
DIRIGIR:

Todos os profissionais de saúde consideram importante a participação da mãe no cuidado ao filho prematuro na unidade, alguns destacam que também o pai deve participar: “... eu penso que sim, que é muito importante que olhem para eles os pais, bom, a mãe, embora eu penso que também o pai... (E4) ... a participação dos pais é essencial dentro da evolução do recém-nascido, por muito tempo se falaram da díade mãe-filho, agora se fala da tríade mãe-pai-filho”.

Esses exemplos explicitam a existência de entrevistas com pacientes, bem como suas percepções sobre as realidades vividas dentro de clínicas e hospitais. Assim, é um *corpus* carregado de subjetividade, de falas mais próximas à realidade cotidiana, mesmo no caso dos pesquisadores, pois estes também expressam suas opiniões relativas aos temas abordados nas entrevistas, ainda que o façam em terceira pessoa.

Acompanhemos abaixo o gráfico geral das tipologias de variação:

Figura 12: Variantes Denominativas - Enfermagem



Fonte: Elaboração da autora.

Neste gráfico, vemos que a variação lexical é a mais frequente e a mais produtiva em relação as duas áreas mencionadas anteriormente. A variação morfossintática continua em segundo lugar, em torno dos 20% em todas as áreas. Na base, com menor frequência, estão as variações gráficas e reduções. Neste caso, a existência de elipses foi maior do que a existência de siglas o que, mais uma vez, poderia ser justificado pelas características da área:

- siglas exigem maior precisão na linguagem e apresentam maior opacidade e, por consequência, maior concisão. Siglas funcionam como tal apenas por haver consenso entre os interlocutores especializados. Existe, em nível linguístico, um processo de normatização, aumentando o aspecto formal do texto. Estamos, assim, trabalhando com causas funcionais (intenção de adequação a dado registro linguístico para fim de precisão conceitual, aumentando o grau de formalidade da situação comunicativa), o que limita a expressão pessoal do emissor.

- elipses, os processos de anáfora e adaptação comunicativa são maiores, isto quer dizer que, por razões de cunho discursivo, o emissor interfere no texto de modo mais ativo, pois adapta a realidade linguística às suas intenções comunicativas particulares. Estamos, assim, diante de causas discursivas (intenção de economia linguística) e cognitivas (acontece quando a conceituação sobre dada realidade ainda é vaga ou

imprecisa, gerando múltiplos enfoques sobre o tema abordado), que tendem a representar mais a realidade subjetiva do emissor. Vejamos os exemplos.

Tabela 12: Variação Gráfica – Enfermagem

PSF	Programa Saúde da Família
Para o PSF , a família deve ser considerada, em seu contexto socioeconômico e cultural reconhecida, como espaço de interações e conflitos que influenciam diretamente na saúde das pessoas.	Na área da saúde, tem sido observado aumento das pesquisas e da prática clínica que toma a família como objeto de cuidado, impulsionado grandemente pelo surgimento do Programa de Saúde da Família (PSF) , atualmente considerado mais como uma estratégia de reorientação de modelo assistencial de saúde.

A distinção contextual aqui se dá pela posterior explicitação e caracterização de paráfrase textual presente no conceito da sigla. No caso da forma extensa, existe apresentação anterior do conceito para posterior explicitação da combinatória. Deste modo, a diferenciação do uso de uma e outra forma estaria na maneira dos desdobramentos conceituais: 1) apresentação da sigla => explicitação do seu sentido; 2) caracterização e explicitação conceitual => apresentação da combinatória.

Tabela 13: Variação Lexical – Enfermagem

uso de bebidas alcoólicas	ingestão de bebidas alcoólicas
O uso de bebidas alcoólicas também foi citado pela maioria dos estudantes, o que pode levar ao não uso do preservativo nas relações sexuais.	Um número expressivo de pacientes apresenta pelagra, um tipo de carência nutricional por falta de niacina, geralmente combinada à desnutrição energético-proteica, que ocorre com frequência devido à [abusiva] ingestão de bebidas alcoólicas .

A variação lexical, acima, indica um processo de especificação do significado, saindo de uma realidade mais ampla, representada pelo vocábulo *uso*, para uma mais específica, representada pelo vocábulo *ingestão*. Isto reflete a intenção, por parte do emissor, de construção de um texto mais específico ou, em outras palavras, mais especializado. Assim, trata-se de variação com causa funcional de adequação ao registro linguístico de especialidade, em que há a intenção de aumentar o grau de formalidade do discurso através de uma expressão (*ingestão de bebidas alcoólicas*) lexicalmente mais específica e mais circunscrita a área em questão.

A seguir, apresentamos um caso de elisão:

Tabela 14: Redução – Enfermagem

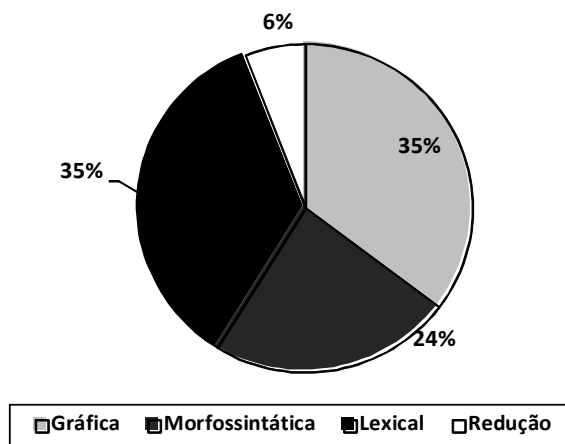
treinamento de modo presencial	treinamento presencial
O método experimental foi realizado no programa de treinamento "Ferramentas da Qualidade" aos enfermeiros do plantão noturno, sendo o grupo controle constituído pelos treinandos que realizaram o treinamento de modo presencial e o grupo experimental representado pelos que participaram do evento via e-learning.	O final do século XX e começo do século XXI caracterizam-se pela revolução tecnológica e as mudanças estratégicas nas organizações, estratégias, como e-learning, vem sendo utilizadas. O objetivo deste estudo foi comparar o conhecimento apreendido entre os grupos de enfermeiros que utilizaram o e-learning e os que receberam o treinamento presencial .

A elipse, acima, representa, também, um caso de redução lexical por assimilação de propriedades semânticas. Neste caso, a expressão *de modo*, introdutora de adjunto adverbial de modo, torna-se equivalente ao adjetivo *presencial*, gramaticalmente, ambos desempenham funções semelhantes, ao que poderíamos dizer, inclusive, que o uso da expressão *de modo* é redundante. A diferença, aqui, centra-se no fato de que a combinatória *treinamento de modo presencial* caracteriza um verbo, uma ação; a combinatória *treinamento presencial* caracteriza o próprio núcleo da combinatória que é composto por um substantivo. São dados que depreendemos unicamente das informações do contexto imediato.

6.1.4 *Corpus* Informática

O *corpus* de informática é o menor de todos, contabilizando uma lista de combinatórias de apenas 80 unidades, destas, o número de variantes foi de 29, o que representa 36% do total de combinatórias coletadas. Isto pode indicar que a Informática é uma área que tende a apresentar menor variação e maior estabilidade terminológica. Vejamos os dados abaixo:

Figura 13: Variantes Denominativas - Informática



Fonte: Elaboração da autora.

Estes dados corroboram os encontrados nas outras áreas ao mostrarem que a variação lexical tende a ser a mais produtiva, seguida pela variação morfossintática que se mantém na casa de 20% do *corpus*. Nesta área, chama atenção a grande ocorrência de siglas, apresentando um empate com a variação lexical. Esse dado nos leva a crer que a área de Informática privilegia a comunicação sucinta. Vejamos o primeiro exemplo de variação:

Tabela 15: Variação Gráfica – Informática

MMAX	Multi-Modal Annotation in XML
O MMAX requer que os dados estejam representados em XML, seguindo uma estrutura determinada.	Este processo de marcação foi feito com a utilização da ferramenta MMAX (Multi-Modal Annotation in XML) .

O que vale mencionar deste exemplo, e que aconteceu com todos os outros casos de siglas registrados no *corpus* de Informática, é a característica constante do uso de siglas e o aparecimento de sua forma extensa entre parênteses ou ao lado da própria sigla, ou seja, a forma extensa aparece para esclarecer o significado da sigla, ao passo

que a própria sigla em si sempre está presente, sozinha ou ao lado de sua forma extensa. Esta característica da área está em harmonia com a sua situação comunicativa, uma vez que boa parte das siglas estão no seu idioma original, o inglês, o que justifica a necessidade constante de explicitação do seu significado.

Tabela 16: Variação Lexical – Informática

Construção de sistemas computacionais complexos	Desenvolvimento de sistemas computacionais complexos
Para que a hipotética promessa de impacto tecnológico seja realizada, é necessário que pesquisadores e profissionais estejam preparados para modificar e adaptar suas práticas de trabalho. Isto corrobora a necessidade de novas práticas de pesquisa, exigindo equipes multi-disciplinares e com forte conhecimento científico fundamental. Este conhecimento é essencial, na nossa opinião, para permitir a construção de sistemas computacionais complexos .	Este artigo propõe cinco linhas de pesquisa relevantes no desenvolvimento de sistemas computacionais complexos . Estas linhas de pesquisa têm impactos potenciais científicos e sociais altos, pois estão diretamente relacionados à cognição humana, ao desenvolvimento de sistemas para a web, à biologia computacional, à econofísica e modelos sócio-econômicos, à interação do homem com computadores e com a natureza.

Observamos que *desenvolvimento* faz referência a uma disciplina, pois lista todos os tópicos relacionadas a ela; *construção* faz referência à prática em si. Eis a diferença contextual entre ambas. Abaixo, trazemos um exemplo de elipse:

Tabela 17: Redução – Informática

sistemas complexos	sistemas computacionais complexos
Apresentamos uma visão de longo prazo em desafios científicos e tecnológicos no desenvolvimento de sistemas complexos .	O desenvolvimento de modelos de sistemas computacionais complexos conduzindo a avanços tecnológicos requer pesquisa interdisciplinar e novas formas de corretamente combinar resultados de pesquisa de diversas disciplinas.

Trata-se de redução lexical devido à temática da área, tal como o adjetivo *ambiental* tende a ser elidido na área de Gestão Ambiental, o adjetivo *computacional*, no mesmo nível de importância, tende a ser elidido na área de Informática. Este caso não possui delimitação de contexto imediato em que as combinações aparecem. Como foi verificado, a forma elidida e a forma extensa apareceram juntas em um mesmo parágrafo sem maiores evidências que circunscrevam seus usos. Ainda assim, neste tipo

específico de variação é possível determinar uma regra que preveja a elisão de algumas unidades lexicais-chaves da área em questão.

Do que foi apresentado até aqui, é possível chegar a algumas sistematizações iniciais:

1º) a variação lexical é a mais produtiva de um modo geral nos *corpora* estudados nesta pesquisa, dado que merece ser investigado em maior profundidade em trabalhos futuros; seguida da variação morfossintática, enquanto que variação gráfica e a redução foram os tipos menos produtivos;

2) Chama a atenção que a média de ocorrência da variação lexical e morfossintática tiveram uma média de 47 % e 22 % respectivamente, o que é harmônico com os dados de cada um dos *corpora* estudados, respeitando proporções muito semelhantes.

3º) Pelos resultados obtidos neste estudo de variantes nos quatro *corpora*, tudo leva a indicar que a análise da variação gráfica e das reduções é fundamental para a caracterização das especificidades das diferentes áreas do saber, visto que elas representam, de um lado, um alto grau de formalidade (variação gráfica) e, de outro lado, menor grau de formalidade (redução), conforme também foi apontado por Freixa (2002) nas causas de variação.

Através da apresentação destes dados foi possível atingir três dos quatro objetivos de pesquisa:

- ✓ Identificação das CLEs que apresentam variação em cada uma das áreas abordadas.
- ✓ Identificação dos tipos de variação: classificação das variantes identificadas a partir da proposta de Freixa (2001).
- ✓ Seleção das combinatórias que apresentem variação morfossintática.

Passemos a apresentação dos resultados da análise dos contextos de ocorrência de variações morfossintática, foco principal deste trabalho. Centramos nossa atenção na seguinte questão: podemos criar uma sistematização das causas da variação terminológica morfossintática? Neste caso, quais são os elementos que expressam e dão forma a estas causas? De posse destes elementos na variação morfossintática, seria possível a criação de regras para seu processamento informatizado?

6.2 A Variação Morfossintática

A análise sistemática das variantes constitui uma tarefa complexa, pois trabalha com todas as esferas da comunicação, em todos os aspectos linguísticos e extralinguísticos. Como observamos nas análises anteriores, em que sublinhamos alguns fatores condicionantes de variação, a determinação de elementos não é simples, e faz-se necessária a análise em três níveis: formal-gramatical (mais facilmente detectável, por representar a materialidade da língua), semântico (de cunho lexicográfico, corresponde aos valores conceituais e referenciais da língua, em outras palavras, corresponde à realidade no mundo que determinado signo linguístico representa, de complexidade mediana, visto corresponder a significados, em princípio, consensuais de dada comunidade), pragmático (este nível apresenta alta complexidade, pois é completamente variável, corresponde às situações de uso da língua, e isto inclui desde a subjetividade do emissor, até as intenções comunicativas próprias de determinada interação). Assim, como parâmetros de análise, temos:

1º) configuração morfológica e sintática do contexto imediato;

2º) conteúdo semântico da combinatória ou de uma das unidades lexicais da CLE;

3º) elementos diversos da circunstância comunicativa, tais como: emissor (intenção comunicativa), comunidade de interlocutores especializados, temática textual, área de conhecimento. Neste nível, cabe mencionar que para melhor recorte de pesquisa, utilizamos *corpora*³² com características o mais semelhantes possível.

Nossa análise discorrerá, portanto, nos três níveis acima mencionados (formal-gramatical, semântico e pragmático). É importante mencionar, ainda, que concebemos, neste trabalho, que a existência de variação sempre é condicionada. Partindo do princípio de economia linguística, entendemos que a língua não apresenta duas formas de dizer exatamente iguais, sempre haverá contextos condicionantes e estas causas e condições podem ocorrer ou a nível formal, ou a nível semântico, ou a nível pragmático. Nossa busca através dos contextos das variantes é por estes elementos que condicionam formas diferentes, com conteúdo conceitual semelhante. Desta forma, como já

³² Ver tópico 5- Caracterização dos Corpora.

explicitado no capítulo 4, o elemento condicionante tende a ocorrer em um destes três níveis, assim, se não se encontra no nível formal, partimos para o campo semântico, se o elemento condicionante não está no aspecto semântico, partimos para a análise pragmática.

Antes de iniciarmos a análise, cabe ainda justificar a escolha de analisar as variações morfossintáticas em detrimento das demais. Visto que esta pesquisa visa à sistematização de contextos para dar subsídios futuros à geração automatizada de variantes e que se trata de uma pesquisa inicial, escolhemos a variação morfossintática por ser a que mais contribui com aspectos formais no condicionamento das variantes. Do resultado desta análise, teremos como indicar até que ponto uma geração automatizada de variantes é factível, bem como confirmar que as variantes possuem motivação e estão condicionadas contextualmente.

6.2.1 Análise comparativa dos dados: a variação morfossintática

A variação morfossintática pode ocorrer, segundo Freixa (2001), na forma de: mudança de preposição, mudança de estrutura, mudança de nome (alteração de uma das unidades lexicais, ainda que esta mantenha a mesma raiz morfológica da anterior), mudança de gênero e presença/ausência de artigos. Não analisaremos esta última devido à natureza metodológica do nosso trabalho: ao gerarmos automaticamente as listas de combinatórias, ignoramos os artigos ao início das expressões por ocasionarem grande quantidade de ruído na seleção. Começamos, portanto, a analisar os dados na seguinte ordem: mudança de gênero, mudança de nome, mudança de estrutura e mudança de preposição.

6.2.1.1 Mudança de Gênero

A variação em mudança de gênero é a menos frequente, pois de todos os *corpora* apresenta apenas dois casos: *trabalhadores de enfermagem* ⇔ *trabalhadora de enfermagem* (Enfermagem); *portadores de estenose* ⇔ *portadoras de estenose* (Cardiologia). A razão para a ocorrência deste tipo de variação morfossintática é

perceptível mesmo sem análise contextual, visto a necessidade morfológica de concordância nominal dentro da frase. A variação de gênero encontrada nos *corpora* é indício apenas do menor grau de cristalização destas combinatórias, pois o emissor pode flexioná-la. Para a análise dos exemplos, tenhamos em mente a afirmação abaixo de Cunha (2008) ao estudar a natureza da mudança de gênero:

A equiparação das concordâncias linguística e extralinguística (ideológica) é necessária, uma vez que, nos substantivos, a mudança de gênero está ligada a questões extralinguísticas e, nos adjetivos, é linguística. (CUNHA, 2008, p.33)

Em outras palavras, Cunha está ressaltando que o substantivo sempre olha para uma realidade no mundo, sempre referencia uma dada existência no mundo e que a mudança de gênero em substantivos aproxima-se do processo de derivação, pois se um substantivo apresenta gêneros diferentes, também referencia realidades distintas no mundo. No caso da mudança de gênero nos adjetivos, há apenas um processo de concordância morfológica, constituindo fenômeno apenas de ordem linguística. Podemos observar isto com os contextos:

Quadro 17: Mudança de Gênero

Cardiologia	Foram incluídos no estudo, os portadores de estenose mitral , em ritmo sinusal, com indicação de abertura valvar, submetidos à valvotomia percutânea por cateter balão, cujo sucesso foi determinado por parâmetros hemodinâmicos: [...].	Outro aspecto de originalidade deste estudo foi a avaliação do comportamento do estresse mental na gestação de mulheres portadoras de estenose mitral .
Enfermagem	A trabalhadora de enfermagem , vivenciando o processo de doença, pode, à medida que se abre para si e para o mundo, questionar-se em relação à sua própria existência no mundo, percebendo a fragilidade de sua existência, ocasionada pelos sintomas advindos do DORT.	Assim, considerando esse modelo de vulnerabilidade, este estudo teve a finalidade de identificar potenciais indicadores de vulnerabilidade em relação à tuberculose em trabalhadores de enfermagem que possam contribuir para a sua prevenção e controle.

Nos casos acima, observamos que as combinatórias que possuem como núcleo *trabalhadores(a)* designam indivíduos distintos, ainda que atuantes numa mesma finalidade. A recuperação automatizada é simples, visto que basta que uma regra preveja que substantivos flexionem em gênero. Nos casos com núcleo terminológico

portadores(as) há maior grau de complexidade, pois a unidade com gênero masculino constitui um substantivo, ao passo que *portadoras* é um adjetivo, flexionado para concordar com o vocábulo *mulheres*. Neste último caso, um programa informatizado necessitaria apresentar regras para desambiguar as duas categorias. Uma possível solução seria prever a existência de um substantivo caso se tratasse de adjetivo, e excluir esta possibilidade quando o núcleo terminológico fosse um substantivo.

Por se tratar de um fenômeno de natureza morfológica, a sistematização formal se torna mais simples, como exposto acima. Portanto, para mudança de nome, sugerimos a seguinte sistematização contextual:

Mudança de gênero => Substantivos e Adjetivos

Contexto:

- a) **Ausência de substantivo + CLE = CLE iniciada por substantivo**
- b) **Presença de substantivo + CLE = CLE iniciada por adjetivo**

Desta forma, limitamos o contexto para aparecimento das categorias substantivos e adjetivos. A partir de então, prevemos a existência de variação de gênero: no primeiro caso, dependendo da realidade externa e, portanto, imprevisível; no segundo caso, dependendo do contexto anterior, logo, previsível. Portanto, o nível formal-gramatical parece ser o suficiente para sistematizar a mudança de gênero.

6.2.1.2 Mudança de Nome

A mudança de nome implica substituição lexical, mas se diferencia da variação lexical pelo fato de que as unidades variantes apresentam a mesma raiz morfológica. Esta situação morfológica ocasiona maior proximidade semântica entre os pares variantes em comparação com a variação lexical. A variação em nome mostrou-se bastante frequente, totalizando 24 casos em Cardiologia, 9 casos em Gestão Ambiental, 4 casos em Enfermagem e 2 casos em Informática. Começamos a análise pelos casos abaixo:

Quadro 18: Mudança de Nome

Cardiologia	O peso corporal obtido foi comparado percentualmente ao peso corporal ideal das tabelas, adotando-se para classificação dos resultados os critérios propostos por Blackburn e cols.13: normal (acima de 90% do peso ideal), comprometimento nutricional leve (entre 80 e 90% do peso ideal), comprometimento nutricional moderado (entre 70 e 79% do peso ideal) e comprometimento nutricional importante (menos de 70% do peso ideal).	Os animais submetidos ao bloqueio do sistema renina-angiotensina apresentaram menor peso corpóreo (PC) que os animais sem tratamento.
Gestão Ambiental	Estas soluções poderão ser oriundas da resolução dos próprios problemas ambientais existentes, da minimização dos desperdícios de recursos ambientais e do aproveitamento local do potencial energético dos resíduos e da reciclagem do lixo doméstico .	Um problema de difícil solução é a reciclagem do lixo domiciliar , em virtude da mistura com materiais orgânicos, o que encarece a segregação.
Enfermagem	No campo social das vivências cotidianas dessas mulheres na amamentação, a posição do profissional de saúde/instituição de saúde apresenta-se hierarquicamente secundária nas decisões e ações diante de dificuldades com a prática de amamentar .	Apreende-se que, por vezes, os profissionais de saúde transmitem informações contraditórias, deixando as mulheres inseguras e preocupadas ante a sua prática de amamentação .
Informática	As linguagens de modelagem formal usadas são normalmente bastante difíceis de entender para os especialistas da área biológica, o que pode ser um grande problema, já que eles detêm o conhecimento da área na qual a modelagem computacional está sendo utilizada e, portanto, são eles que devem validar o modelo proposto.	A <u>construção</u> de modelos computacionais e sistemas cognitivos complexos têm de considerar a intrínseca complexidade do problema e a complexidade do sistema que está se tentando modelar: em última análise, a mente e cérebro humanos.

Em primeiro lugar, vejamos a alteração morfológica de cada vocábulo:

1º) *corporal* ⇔ *corpóreo*: raiz (*corp-*) + sufixos (*-al*, *-eo*). O sufixo *-al*: formador de adjetivos com o sentido de ‘relativo, pertencente, concernente a ou próprio de’; *-eo*: formador de adjetivos com o sentido de ‘natureza de’.

2º) *doméstico* ⇔ *domiciliar*: raiz (*dom-*) + sufixos (*-ico*, *-ar*); *-ico*: sufixo de origem grega, utilizado como formador de adjetivos nas línguas romanas de um modo geral; *-ar*: sufixo variante da forma *-al* mencionada acima quando a base lexical a qual se assenta apresenta a consoante *l*.

3º) *amamentar* => *amamentação*: raiz (*amament-*) + sufixos (*-ar*, *-ção*); *-ar*: sufixo formador de verbos de primeira conjugação; *-ção*: sufixo formador de substantivos a partir de uma base verbal. Neste exemplo, ocorre dois processos morfológicos para que estes vocábulos sejam equivalentes: 1º) o verbo *amamentar* de 1º conjugação apresenta configuração morfológica próxima a substantivos, conforme nos esclarece Houaiss:

Quase todas correspondentes a verbos da nossa 1ª conj. - em que há o a temático dessa conj. e o r desinencial do inf. -, que perdura praticamente como a única fecunda; é de notar que todos os v. são substantiváveis, alguns tão regularmente que são pensados como subst. (poder, haver, andar, vagar etc.), outros são pensáveis como subst., em grau decrescente em função do inusitado: o alegar, o esmiuçar, o contemporizar etc. (Dicionário Houaiss, 2001, vocábulo *-ar*)

4º) o substantivo *amamentação* é um deverbal, em que o sufixo *-ção* imprime o sentido de ação ao substantivo. O processo morfológico é cíclico nesta variação, em que uma forma e outra recuperam o sentido de processo que se referencia no mundo.

5º) *modelagem* ⇔ *modelos*: raiz (*mod-*) + sufixos (*-agem*, *-los*). *-agem*: formador de substantivos com o sentido de resultado de ação verbal. *los/-os*: formador de substantivos, de origem latina. Existe diferença a nível semântico entre os dois vocábulos. *Modelagem* possui impresso o sentido de resultado de ação e designa um processo. *Modelos* não apresenta este sentido e designa um referente. No entanto, os dois vocábulos podem equivaler-se quando, junto ao substantivo *modelos*, houver uma outra expressão indicando a ação e atribuindo ao referente *modelos* o mesmo sentido de resultado de ação existente no vocábulo *modelagem*. É o que observamos no exemplo acima quando do uso da unidade deverbal *construção*.

Façamos a análise sintática destes casos dentro do contexto imediato acima apresentado.

1º) *Peso corporal*: função sintática => sujeito (tópico do enunciado).

Peso corpóreo => objeto direto (resultado, estado resultado de um tópico dado no enunciado, que no caso é “os animais”).

2º) *Reciclagem do lixo doméstico* => adjunto adnominal (apresentada como meta de dada situação: **solução** = [1], [2], [*reciclagem do lixo doméstico*]).

Reciclagem do lixo domiciliar => sujeito junto ao verbo *ser* (expressa circunstância ou estado em que se encontra o tópico dado no enunciado; no caso, há uma circunstância problemática que é a reciclagem, ou ainda: **problema** = **reciclagem do lixo domiciliar** => **circunstância dada**).

3º) *Prática de amamentar* => sintagma nominal inserido em um adjunto adverbial (todos os tópicos propostos na oração – posição do profissional de saúde, decisões frente a dificuldades das mulheres – estão sob a circunstância da prática de amamentar)

Prática de amamentação => sintagma nominal inserido em um adjunto adverbial (os tópicos propostos na oração – profissionais de saúde, informações contraditórias, mulheres inseguras e preocupadas – estão sob a circunstância ou situação da prática de amamentação).

4º) *Modelagem computacional* => sujeito de uma oração subordinada adverbial (delimita circunstância da ação).

Modelos computacionais => adjunto adnominal de sintagma em posição de sujeito (constitui tópico principal do enunciado).

Feita esta descrição, é possível observar que o eixo central para determinação do aparecimento de uma variação morfossintática de nome centra-se no aspecto morfológico dos vocábulos envolvidos muito mais do que nos aspectos sintáticos, visto que cada uma das variantes acima ocupou diferentes funções sintáticas em cada uma das orações apresentadas. 47% das variações em nome ocorreram em substantivos, 44% ocorreram em adjetivos e 9% ocorreram em verbos. Percebemos um percentual muito equilibrado de variações em adjetivos e substantivos. Vale mencionar que 33% dos adjetivos variantes pertenciam à área de Cardiologia, ao passo que apenas 11% de variações em adjetivos ocorreu na área de Gestão Ambiental. Em Enfermagem e Informática, a variação de nome deu-se apenas em substantivos e um caso de verbo em Enfermagem. Este resultado parece indicar que há condicionamento por área de variação de nome em adjetivos, ao passo que a variação em substantivos é homogênea

em todas as áreas, o que, por sua vez, parece indicar que a variação de nome em substantivos é a mais produtiva de um modo geral.

De posse destas informações, podemos propor como causa de variação em nome a necessidade discursiva e cognitiva, em que o emissor seleciona as unidades morfológicas que melhor enfatizem o sentido que ele deseja transmitir. Dos dados que estudamos, percebemos a existência de quatro elementos que podem formalizar a variação de nome: um elemento raiz e três elementos de derivação (sufixos de formação de adjetivos, substantivos deverbais e verbos). Não encontramos casos de prefixação. Assim, teríamos os seguintes dados que poderiam servir de sistematização para a variação de nome:

Base fixa (raiz do vocábulo) + elemento comutável (sufixos formadores de adjetivos, substantivos deverbais e verbos).

Uma vez mais, o nível formal-gramatical foi suficiente para sistematização de variação morfossintática em nomes.

6.2.1.3 Mudança de Estrutura

A mudança de estrutura é caracterizada por alteração na configuração sintática interna dos elementos que compõe a CLE. Pode ocorrer por alteração na ordem das unidades (*função ventricular sistólica* ⇔ *função sistólica ventricular*) que compõe a combinatória ou devido à mudança na natureza sintática de um dos sintagmas internos da CLE (*perfusão do miocárdio* ⇔ *perfusão miocárdica*). Encontramos 11 casos de variação de estrutura em Cardiologia, 9 casos em Gestão Ambiental, 2 casos em Informática e apenas 1 em Enfermagem. Deste total, 82% dos casos de variação centraram-se na mudança da natureza sintática de um sintagma e apenas 18% foram os casos de mudança na ordem dos elementos da combinatória. Observemos os exemplos abaixo:

Quadro 19: Mudança de Estrutura

Cardiologia	Da mesma maneira, na avaliação de estenoses coronárias por informações derivadas da angiografia e do Doppler intracoronário em pacientes uniarteriais avaliados com teste ergométrico verificava-se, por análise de regressão logística, que a estenose porcentual do diâmetro da luz ou o DML e a reserva de velocidade do fluxo coronário constituíam-se em variáveis preditivas dos resultados da prova de esforço.	Os ângulos de entrada e de saída foram medidos a partir da função da curva do diâmetro luminal da medida da angiografia coronariana quantitativa. O ângulo médio de entrada da lesão foi definido como a inclinação média da curva de função do diâmetro luminal entre o ponto mais estenótico (isto é, DLM) e o limite proximal do segmento estenótico.
Gestão Ambiental	A monitoração ambiental é um processo de coleta de dados sobre o ambiente externo, que visa auxiliar os executivos e gerentes a identificar oportunidades, detectar e interpretar problemas, e definir estratégias ou mudanças estruturais em suas organizações.	As ZPEs 10 e 15 são consideradas zonas de controle ambiental, onde não são previstas medidas de proteção urgentes e preventivas e sim medidas baseadas numa monitoração do meio ambiente .
Enfermagem	Assim, em um estudo quantitativo com enfermeiras de alguns hospitais e maternidades do município de São Paulo, verificou que todas as entrevistadas relataram que é importante a participação da mãe na assistência ao recém-nascido pré-termo, apontando que a mãe fornece estímulos primordiais para a evolução benéfica e rápida do filho, que apresenta maior ganho ponderal e recupera-se mais rapidamente, auxiliando no desenvolvimento físico, mental e afetivo da criança.	A importância da participação materna e dos pais no cuidado do filho prematuro na unidade neonatal é apontada por todos os entrevistados e está em consonância com os estudos desenvolvidos e com as recomendações para sua implantação nas unidades neonatais, desde o cuidado intensivo até a alta hospitalar.
Informática	Descrevemos brevemente cinco linhas de pesquisa relacionadas, destacando desafios que podem levar à construção de sistemas computacionais complexos de ampla escala, cognitiva e biologicamente inspirados, com impacto nas ciências físicas, cognitivas e sociais.	Entre estes sistemas, destacam-se os sistemas complexos computacionais . O termo sistema complexo é bastante abrangente e se origina da mecânica estatística.

Os exemplos colocados acima ilustram bem os demais casos encontrados nos *corpora*, pois constituem, de fato, variação por: alteração da ordem dos elementos, mas

sempre mantendo inalterado o primeiro elemento da combinatória (que nos 4 casos correspondiam ao núcleo da CLE); mudança de um sintagma adjetival para um sintagma preposicional, que, também, na grande maioria dos casos ocorre apenas no coocorrente (exceção para as CLEs formadas pelo núcleo terminológico *meio ambiente*, que sofre frequentemente a variação para *ambiental*, na área de Gestão Ambiental). Façamos a análise sintática dos casos acima:

1º) *Diâmetro da luz*: adjunto adnominal em sintagma que ocupa função de sujeito.

Diâmetro luminal: adjunto adnominal em sintagmas que ocupam a função de agente da passiva em ambas as orações.

Podemos sugerir que as variantes desempenham funções sintáticas equivalentes, o que indica alto grau de equivalência conceitual entre elas.

2º) *Monitoração ambiental*: sujeito e tópico central da oração.

Monitoração do meio ambiente: adjunto adverbial (caracteriza em que circunstância ocorre a ação de tomar medidas urgentes e de prevenção).

3º) *Participação da mãe*: sujeito.

Participação materna: adjunto adnominal em sintagma com função de sujeito.

Ambos os exemplos nos mostram a tendência destas variantes em ocupar posição de tópico central dos enunciados através do nome importante/importância, demonstrando, também, alto grau de equivalência conceitual tendo em vista seus contextos de ocorrência.

4º) *Sistemas computacionais complexos*: complemento nominal de sintagma em posição de objeto indireto.

Sistemas complexos computacionais: objeto direto.

Considerando que a expressão *construção*, no primeiro exemplo, apenas enfatiza o estabelecimento dos *sistemas computacionais complexos*, podemos dizer que as variantes ocupam funções sintáticas semelhantes. A mudança de ordem aqui reflete causa cognitiva, em que o emissor demonstra a intenção de enfatizar a complexidade de um dado sistema computacional, deslocando o adjetivo *complexos* para a posição do meio da combinatória. Deste exemplo, fixamos aqui causa para mudança de ordem dos elementos internos de uma dada CLE, intenção de enfatizar ou topicalizar algum dos significados internos da combinatória, tal como observamos neste exemplo também: *impactos potenciais* => *potenciais impactos*, em que, ao deslocar o adjetivo para a

frente do substantivo, a ênfase centra-se naquilo que possa efetivamente causar impactos [ambientais].

Os demais exemplos, em que existe alternância entre sintagmas adjetivais e sintagmas preposicionados, parecem apresentar causas discursivas a fim de evitar repetições e de gerar economia linguística, ainda que possamos sugerir também causas funcionais, quanto de adequação ao registro a fim de produzir um texto legível e preciso para a comunidade linguística a qual se dirige. Dos exemplos acima, podemos observar que há uma tendência para que as formas aglutinadas em um sintagma adjetival apareçam na posição de tópico oracional, isto pode indicar uma tendência geral a produzir discursos de comunicação precisa e imediata (formas linguísticas mais curtas, de assimilação mais rápida na leitura). Com esta informação, há a possibilidade de que a função sintática esteja influenciando e/ou condicionando as variantes com sintagmas adjetivais, ao passo que, como podemos verificar acima, as variantes de sintagma preposicional tendem a ocupar diferentes funções enquanto complemento de verbos. Assim, sugerimos os seguintes elementos indicadores de variação em mudança de estrutura:

Mudança de Ordem:

1º unidade da CLE (inalterada) + inversão de ordem das 2 unidades subsequentes (todas as combinatórias encontradas com esta variação apresentavam três unidades lexicais em sua composição).

Mudança de Sintagma:

Sintagma adjetival => tópico de oração, é resultado da transformação de um substantivo (presente nos coocorrentes da CLE) em um adjetivo, logo: **substantivo base + sufixos de formação de adjetivos = CLE c/ sintagma adjetival em função de tópico de oração.**

Sintagma preposicional => forma extensa que tende a ocupar função sintática de complemento de verbos. **Estrutura: Subs. + Prep. + Sintagma Nominal.**

6.2.1.4 Mudança de Preposição

A mudança de preposição afeta combinatórias geralmente compostas por três ou quatro unidades lexicais. O único elemento que sofre alteração é a preposição que

introduz o sintagma preposicionado. Na maioria das vezes, altera algum sentido de cunho gramatical na CLE, tal como observamos em: *impactos no meio ambiente* e *impactos ao meio ambiente*, em que os sentidos das preposições (estático e de ‘em direção a’) está em harmonia com a informação temporal dos verbos:

- “Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos **impactos ao meio ambiente.**” (ação futura)

- “O órgão ambiental procurou mudar sua estratégia de atuação, saindo de uma atuação controladora e repressora para uma outra, em que busca transmitir uma nova cultura às instituições públicas e privadas, utilizadoras de recursos ambientais ou que desenvolvem atividades que causam impactos no meio ambiente.” (presente contínuo: indicação de ação passada e atual).

Encontramos 9 casos de variação de preposição em Cardiologia, 3 em Gestão Ambiental, nenhuma na Enfermagem e na Informática. Vejamos os exemplos:

Quadro 20: Mudança de Preposição

Cardiologia	Em nosso estudo, observamos que nenhum paciente do grupo INICIAL havia implantado stent previamente à cirurgia, pois a técnica não estava desenvolvida na época; no entanto, não encontramos diferença significativa entre os grupos quanto à realização de angioplastia com balão prévia à cirurgia.	A implantação eletiva de stent convencional (metálico), apesar de apresentar melhores resultados que a angioplastia por balão , continua a ter grande necessidade de revascularizar o vaso previamente tratado (TVR), em razão do fenômeno de reestenose, o "calcanhar-de-aquiles" da ICP.
Gestão Ambiental	O instrumento Zoneamento Ambiental (ZA) tem como objetivo estabelecer zonas de uso restritivo nas áreas urbanas e rurais, para fins de proteção do meio ambiente.	Embora a lei brasileira minimize os custos das despesas processuais das instituições sociais, um fato complicador é que para ajuizar uma ação em proteção ao meio ambiente , faz-se necessário a participação de um advogado, bem como, usualmente, de profissionais especializados na área ambiental.

Façamos a análise sintática atrelada à semântica destas unidades.

1º) *Angioplastia com balão*: adjunto adnominal. A preposição *com* possui o significado de estados concomitantes, dois estados, duas realidades, dois referentes que coexistem. Assim se dá no exemplo acima.

Angioplastia por balão: adjunto adverbial. A preposição *por* possui significado de ‘meio’ pelo qual uma ação transcorre, de ‘através de’, encerra a ideia de canal através do qual uma dada ação transcorre. Logo, a combinatória que utiliza *por* ressalta a ideia de ação e, *por* consequência, de processo.

Os contextos evidenciam que ambas combinatórias se equivalem. O contexto teoricamente estático presente na CLE com a preposição *com*, ganha o sentido de ação e processo com o uso do substantivo deverbial *realização*. Temos, portanto, um condicionamento contextual com o uso do substantivo deverbial *realização*. A CLE com preposição *por* demonstra tendência a compactação discursiva.

2º) *Proteção do meio ambiente*: adjunto adnominal. Forma sintagma nominal.

Proteção ao meio ambiente: adjunto adverbial. Indica circunstância ou âmbito em que ocorre a ação dada, no caso, ajuizar.

Este caso corrobora, uma vez mais, o uso da preposição *a* para indicar ação futura ou projeções de ações, ao passo que a preposição *de* é usada na construção de sintagmas nominais, em um processo terminológico de construção de expressões sintagmáticas, o que tende a gerar linguagens mais compactas ou novas CLEs. Isto pode ser observado, também, no seguinte exemplo: *risco de hipertensão* ⇔ *risco para hipertensão* e *risco de doença arterial coronariana* ⇔ *risco para doença arterial coronariana*.

Quadro 21: Uso da Preposição ‘de’

<p>Meta-análise realizada por Boushey demonstrou que aumento de 5 mmol/l de homocisteína associou-se a aumento no risco de doença arterial coronariana de 60% no homem e de 80% na mulher.</p>	<p>A aterosclerose inicia-se precocemente, havendo evidências da presença de estrias gordurosas nas aortas em filhos de mães com hipercolesterolemia, já na vida intra-uterina. Sua ocorrência é ainda muito influenciada pela presença dos fatores de risco para doença arterial coronariana (DAC).</p>
<p>Os objetivos foram avaliar a associação entre os índices antropométricos IMC e CC com a hipertensão arterial, sua capacidade preditiva global, o desempenho dos pontos de corte recomendados e os pontos de corte com maior capacidade preditiva para esses índices antropométricos na identificação do risco de hipertensão arterial da população adulta do município de Goiânia.</p>	<p>No Brasil, aproximadamente 44% da população têm sobrepeso ou obesidade, com total de hipertensos estimados em mais de dezesseis milhões de pessoas, sendo a obesidade um dos principais fatores de risco para hipertensão.</p>

A análise dos contextos destas quatro combinatórias nos permitiu verificar que para o estabelecimento destas CLEs estavam em jogo, na realidade, duas unidades terminológicas (*fatores de risco* e *hipertensão/doença arterial coronariana*), em outras palavras, o contexto é o seguinte: **fatores de risco + doença ‘x’**. Quando o contexto imediato mantém o substantivo *fator*, deixando intacta a CLE *fator de risco*, usa-se a preposição *para*, em seu sentido de finalidade. Quando se utiliza a preposição *de*, ocorre a elisão do substantivo *fator*, ocasionando economia linguística e o surgimento de uma terceira CLE.

Do que observamos acima, percebemos que a mudança de preposição sempre possui uma causa discursiva, seja com o intuito de economia linguística, seja com o intuito de evitar repetição ou para adicionar um novo matiz de significado. O certo é que a mudança de preposição sempre acarreta alguma mudança de nuance de sentido que se reflete em toda a estrutura oracional, seja pelo tempo verbal, seja pela presença de outros elementos lexicais que enfatizem o significado presente em um dos pares variantes. A captação de variante com mudança de preposição implica, em primeiro lugar, a descrição das preposições e suas significações intrínsecas. De resto, basta que um dado programa seja capaz de comutar diferentes preposições dentro do sintagma preposicional de uma dada CLE, assim:

CLE => unidade lexical (geralmente, mas não sempre, é o núcleo terminológico) + sintagma preposicional (PREP. [de, com, por, para, em] + Sintagma nominal).

Com a análise feita acima, ainda que seja inicial, podemos afirmar que é possível estabelecer alguns parâmetros para a construção de algoritmos de identificação da variação morfossintática. Atingimos, assim, o quarto objetivo que nos propusemos neste trabalho.

No capítulo seguinte, *Considerações Finais*, realizamos as sínteses do trabalho levando em conta todos os dados levantados a partir de uma perspectiva comparatista.

7 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da presente dissertação, foi possível constatar que o fenômeno de variação linguística na esfera especializada é tão complexo quanto o que encontramos nos dialetos e idioletos da língua geral. As causas que produzem variação são de variadas

ordens e variados níveis como acompanhamos durante a análise. Justificar a existência de uma variação nem sempre é simples e pode envolver a análise profunda do contexto linguístico imediato e do contexto comunicativo dado. Não raro, as razões que motivam uma variação são concomitantemente de mais de um nível (linguístico ou extralinguístico), por esta razão, acreditamos que a indicação de causas antes da explicitação do elemento condicionante de variação é importante para fechar este sistema: a existência formal de variação é sempre precedida de uma intenção comunicativa, seja ela qual for. No âmbito das terminologias, por tratar-se de uma linguagem especializada, delimitada dentro de um dado contexto comunicativo, é possível elencar um dado número de causas que abarcam os fenômenos encontrados nas linguagens de especialidade, tal como fez Freixa (2002) aqui utilizada como base.

Procedemos à identificação de todos os tipos de variação encontrados e realizamos algumas descrições gerais sobre as mesmas com o objetivo de caracterizarmos mais amplamente o fenômeno de variação dentro dos *corpora* estudados e também com o intuito de esboçar a natureza que tal estudo provavelmente apresentaria no âmbito dos outros tipos de variação (variação gráfica, variação lexical e redução).

A partir dos dados coletados e do estudo realizado, foi possível chegar a algumas conclusões, mostrando-nos que a sistematização e criação de regras para o fenômeno de variação é de cunho exaustivo e complexo, dado que são muitos os detalhes que devem ser analisados tanto em relação aos aspectos linguísticos, quanto aos relacionados à situação comunicativa e até mesmo aqueles que se referem à subjetividade do emissor. Além disso, exige o estudo de cada caso individualmente, posto que generalizações não são possíveis sem o detalhamento minucioso de cada caso de variação. Esperamos que apresentação dos tipos de variação possam ter indicado a natureza que este estudo deve ter para a sistematização de regras no intuito de criação de um programa informatizado. A seguir, trazemos algumas conclusões acerca destes tipos de variação (gráfica, lexical e redução), para em seguida considerarmos a variação morfossintática, foco central do nosso trabalho.

Em relação à variação gráfica (nosso *corpus* consta apenas de siglas), deste estudo e de estudo já previamente realizado (DIEGUES, 2010), verificamos que este tipo de variação, de um modo geral, não gera alterações conceituais. Isto indica que a mudança é intencionada pelo emissor apenas na sua forma linguística, de cunho mais reduzido ainda que demonstre causas funcionais e discursivas relacionadas à adaptação

ao registro linguístico. Podemos concluir, também, que textos com maior número de variação gráfica tendem a ser mais opacos, em que é necessário conhecimento prévio para sua compreensão, exigindo leitores com maior grau de conhecimento, logo são textos com maior grau de especialização. Quanto ao estabelecimento de regras para sua sistematização poderíamos sugerir a captação automatizada de unidades lexicais que sejam compostas por uma dada sequência de letras maiúsculas. Para associar tal sigla com sua forma variante extensa, poderíamos sugerir a identificação de CLE em que a primeira letra de cada um dos vocábulos que a compõe corresponda a cada uma das letras maiúsculas da sigla. Evidentemente tal método geraria muito ruído quanto à captação das formas extensa, e da mesma forma ignoraria o processo de formação de abreviaturas, fórmulas e acrônimos, mas, de todas as formas, é um primeiro passo para o desenvolvimento de uma sistematização.

No que se refere à variação lexical, percebemos ao longo do tempo de estudo das variantes, que a variação lexical é a que coloca em ação o maior número de causas, pois atua nos três níveis mencionados na análise: nível formal, nível semântico e nível pragmático. Existe a intersecção destes três níveis, pois a variação lexical implica alteração de vocábulo. Encontra motivação em nível de intenção devido à situação comunicativa em que o emissor está inserido (nível pragmático), ocasionando alterações semânticas maiores para suprir a intenção mencionada acima (nível semântico) o que, evidentemente, repercute na forma linguística utilizada. É, portanto, o tipo de variação de maior dificuldade para captação automatizada, pois, até então, não podemos prever qual será a unidade lexical que o emissor escolherá para realizar a mudança lexical. Ainda assim, poderíamos sugerir que a detecção se desse de uma forma mais restrita: através da análise terminológica dos vocábulos que mais comumente se comutam em dada área. Por exemplo, em Gestão Ambiental, as expressões: *meio ambiente* ⇔ *meio natural* e *produção* ⇔ *geração* são frequentes em diversas CLEs; em Cardiologia: *coronário* ⇔ *coronariano*, *corporal* ⇔ *corpórea*, *hipertensão* ⇔ *pressão alta*. A partir do pré-estabelecimento de alguns vocábulos recorrentes, um dado programa poderia prever esta comutação em larga escala entre as CLEs. De todas as formas, este é um fenômeno que merece muito estudo ainda, devido à complexidade e frequência de sua ocorrência.

Quanto à redução, este tipo de variação possui a causa discursiva em seu cerne, pois o intuito é evitar repetição e gerar economia linguística. Sua identificação é mais simples na medida em que basta prever o apagamento de um dos vocábulos. Caso a

repetição seja de ordem anafórica, é possível prever que dada CLE apague algum dos seus vocábulos caso sua menção já tenha sido realizada no contexto, por exemplo, ou caso a CLE possua em sua composição um dos vocábulos que constitua palavra-chave do texto em questão. Isto é bastante comum na área de Gestão Ambiental em que o adjetivo *ambiental* muitas vezes é elidido do interior das combinatórias, pois a temática da área permite inferir ou deduzir este atributo, por exemplo: *impactos ambientais negativos => impactos negativos*. Por outro lado, a complexidade de prever este fenômeno aumenta quando a elisão é por assimilação de traços semânticos, como vimos na análise dos dados. Não é possível criar regras sistemáticas que prevejam quando dada combinatória será constituída por vocábulos que possuem traços tão complementares ao ponto de ser possível elidir algum deles, a análise centra-se sumamente no aspecto semântico.

A variação morfossintática, foco de nosso trabalho, é, a princípio, entre os tipos anteriormente vistos, a de mais fácil detecção, pois suas causas estão relacionadas com o discurso e o modo de construção textual. Por esta razão, concluímos que sempre há presente no texto algum elemento, ou sua ausência, que ocasiona alguma variação morfossintática. Como vimos nas análises apresentadas nesta dissertação, sempre foi possível a detecção de algum elemento formal-gramatical, dentro do contexto imediato que gerou a variação.

A conclusão mais importante que verificamos é o processo de compensação de sentidos sob a relação contexto-CLE. Percebemos que a cada elemento mudado numa combinatória, o contexto compensa trazendo algum elemento que explicita o significado do que chamemos aqui de combinatória original. Por exemplo:

Quadro 22: Interação Contexto-Combinatória (a)

As linguagens de modelagem formal usadas são normalmente bastante difíceis de entender para os especialistas da área biológica, o que pode ser um grande problema, já que eles detêm o conhecimento da área na qual a **modelagem computacional** está sendo utilizada, e, portanto são eles que devem validar o modelo proposto.

A construção de **modelos computacionais** e sistemas cognitivos complexos têm de considerar a intrínseca complexidade do problema e a complexidade do sistema que está se tentando modelar: em última análise, a mente e cérebro humanos.

Este caso nos mostra duas CLEs que a princípio poderiam ser rejeitadas como candidatas a variantes, mas o contexto nos permite verificar que elas se equivalem. Logo, observamos que para o uso do sintagma nominal *modelos computacionais*, o

contexto traz o substantivo deverbal *construção*, recuperando o sentido de processo presente na combinatória *modelagem computacional* que, por esta razão, acreditamos ser a combinatória original.

Este se trata de um caso de mudança de nome. Percebemos esta mesma lógica nos casos de mudança de preposição, em que a preposição, por ser responsável por adicionar nuances de sentidos na conexão dos sintagmas, acarreta mudanças gramaticais nos elementos da oração ou mesmo a inserção de algum elemento linguístico que explicita o sentido original da CLE. Vejamos um exemplo em que a estrutura da combinatória é complexa e que, aparentemente, as mudanças são apenas imanentes à CLE, mas um olhar mais atento nos permite verificar este argumento que estamos sustentando:

Quadro 23: Interação Contexto-Combinatória (b)

Estudar um grupo de pacientes com lesão significativa em apenas uma artéria coronária e demonstrar se a ecocardiografia de estresse com dobutamina (EED) tem boa sensibilidade e especificidade na avaliação de viabilidade miocárdica nesse grupo de pacientes.	O ecocardiograma sob estresse pela dobutamina (EED) tem se firmado como um <u>método</u> complementar versátil e acurado no diagnóstico e acompanhamento da doença Coronariana.
---	--

Este exemplo acarreta uma mudança dupla de preposição, podemos dizer que *de* e *com* possuem sentido estático, e que *sob* e *por* trazem a ideia de deslocamento e movimento. Desta constatação, poderíamos dizer que a segunda CLE constrói a noção de ação, ao passo que a primeira traz a ideia de referente estático. O contexto corrobora esta análise quando explicita a expressão *método*, indicado claramente a intenção de focar o conceito sob a perspectiva de ação.

Evidentemente, como já explicamos na análise, a mudança de gênero possui boa parte da razão de sua ocorrência ancorada na necessidade de flexão, portanto, é de variação de natureza contextual. Por outro lado, a detecção do fenômeno torna-se mais complexa quando a alternância de gênero é produzida devido à intenção de mudar o referente, geralmente, isto acontece num processo de individualização ou especificação do referente, ao passo que generalizações são apresentadas sob a forma do masculino singular. Quando isto acontece, afetando substantivos, a forma de detecção contextual é

pela possível flexão de outros elementos da frase para o gênero correspondente, como vimos nos exemplos apresentados na análise dos dados³³.

Quanto à mudança de estrutura, aparentemente traz alterações que são de ordem interna à própria combinatória. Tanto a mudança de ordem dos elementos quanto a mudança dos tipos de sintagmas internos à CLE parecem não apresentar justificativa no contexto imediato. Percebemos que, quanto à mudança do tipo de sintagma que compõe a CLE (sintagma nominal ↔ sintagma preposicionado) a causas muitas vezes centram-se no aspecto discursivo, mas muito mais atrelado ao aspecto pragmático ou da temática textual do que de contexto formal imediato. Ainda assim, podemos dizer que há motivação contextual, mesmo que não neste primeiro nível da forma, mas sim no terceiro, relacionado ao nível pragmático que faz referência à natureza da comunicação e à temática da área, relativas às causas discursivas de economia linguística e de evitar repetições para a coerência textual. Isto quer dizer que ainda é possível sistematizar dados para prever este fenômeno e recuperá-lo automaticamente.

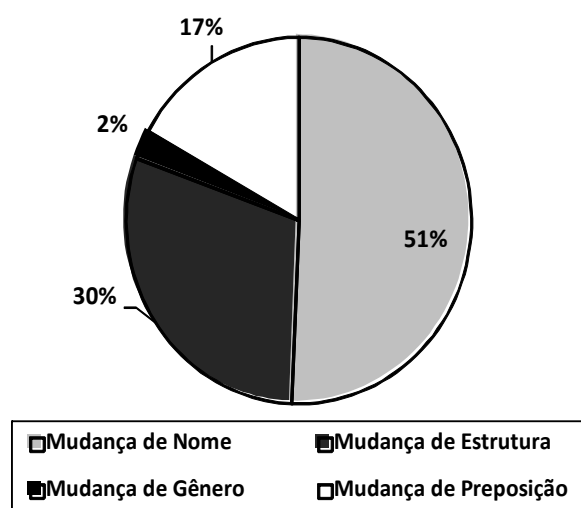
Quanto à mudança de ordem dos elementos internos da CLE, os dados encontrados permitiram verificar que o fenômeno, em geral, parece ocorrer com o intuito de enfatizar/topicalizar algum significado da combinatória. Evidentemente, isto causa reorganização dos elementos da oração com o objetivo de construir esta topicalização ou ênfase. No entanto, este processo parece ser muito variável, de difícil previsão, ainda assim, acreditamos que, o contexto está organizado para que uma ou outra variante funcione dentro dele.

Em suma, com o dito acima, corroboramos a hipótese de Faulstich (2001) de que a variante é contextualizada, de que jamais duas formas linguísticas diferentes, mas com significados equivalentes, ocuparão contextos idênticos. Por outro lado, ao contrário do que pensávamos no início da pesquisa, tudo parece indicar que não será o contexto imediato que ocasionará as variações, mas sim, o contexto se moldará em harmonia com a natureza da variante nele empregado. Através dos dados, percebemos que boa parte das variantes morfossintáticas possui origem nas intenções comunicativas do emissor, com a finalidade de privilegiar ou destacar determinados sentidos ou significados, e que uma vez gerada uma nova variante morfossintática, o contexto se moldará em harmonia com as novas nuances de sentido presentes nela.

³³ Ver Quadro 17: Mudança de Gênero.

Abaixo, exibimos o gráfico com a porcentagem geral dos tipos de variação morfossintática encontrados:

Figura 14: Subtipos de Variação Morfossintática



Fonte: Elaboração da autora.

Notamos que a mudança de gênero, ou seja, flexões e mudança do referente por especificação ou individualização do mesmo, como já explicado acima, é bastante rara nos *corpora*, ao passo que o processo de alteração de sufixo dentro da mudança de nome é frequente em todas as áreas. A incidência de mudança de estrutura, em especial por alteração do tipo de sintagma interno da CLE (coocorrentes em geral), e de mudança de preposição mostram-se mais frequentes na área de Cardiologia, e em segundo lugar na área de Gestão Ambiental, o que talvez indique que estas áreas tendem a apresentar mais necessidade de expressar seus conceitos e referentes dentro de diferentes perspectivas de métodos ou processos empregados.

Apresentamos uma possível causa para que o fenômeno de mudança de nome seja tão frequente: no processo de estabelecimento de terminologias e construção da epistemologia de uma dada área, a tendência parece ser de criação de expressões especializadas que utilizam radicais e afixos de natureza mais culta, disponíveis no inventário da língua em suas origens gregas e latinas. A medida que os emissores especializados passam a empregar tal terminologia,

ocorre um processo de simplificação, visto que tais emissores selecionarão as opções de afixos mais comuns e recorrentes na língua então vigente. Isto foi comprovado pela observação dos adjetivos *corpóreo* e *corporal* da área de Cardiologia, em que o primeiro apresentou frequência de aparecimento 20, e o segundo frequência 445, demonstrando a tendência de uniformização da linguagem de especialidade à língua geral a medida que esta primeira passa a ser empregada. Há outra tendência na mudança de nome que observamos, no caso específico do uso de substantivos deverbais e referenciais (entendidos aqui como aqueles que designam objetos ou referentes no mundo), o processo parece ser o seguinte: verbo (*modelar*) => substantivo deverbal (*modelagem*) => substantivo referencial (*modelo*). O processo parece indicar a tendência na linguagem especializada de criação de um discurso mais compacto. Estes dois fatores acima apresentados – estabelecimento de uma linguagem mais harmônica com a realidade da língua vigente (por harmonizar radicais e afixos) e sintetização/compactação do discurso – parecem ser as duas grandes motivações para que a mudança de nome seja tão frequente.

A seguir, retomemos a pergunta central de nossa pesquisa, base para toda esta dissertação:

É possível encontrar um padrão linguístico, em termos de forma, que corresponda a um determinado tipo de variação?

Verificamos, na análise detalhada da variação morfossintática e pelos dados obtidos e apresentados na análise dos dados, que, sim, é possível a detecção de formas linguísticas que indiquem dado tipo de variação e que estas formas linguísticas podem ser recuperáveis automaticamente. Percebemos que existem indícios que nos levam até as variantes e que eles são passíveis de regras e sistematizações. Por outro lado, é necessário enfatizar que este trabalho introduziu esta temática, contribuindo para alicerçar um possível trabalho na esfera da Ciência da Computação, mas especificamente no Processamento da Linguagem Natural. Mas estamos cientes que para a criação de um dado programa, com um tal sistema de regras, há a necessidade de pesquisa linguística exaustiva para a explicitação de dados, uma pesquisa que deve ser manual e de análise individual de cada caso de variante, baseado em *corpora* extensos para que a geração de resultados seja a mais precisa possível, com a menor quantidade de ruídos alcançável. Ainda assim, nossa pesquisa vem mostrar que

este empreendimento é factível e que, sim, existe base para crer que pôr ordem ao suposto caos da variação é possível, de que existem regras que regem inclusive o aspecto que se acreditava impossível de prever ou determinar nas línguas: a variação. Como última assertiva deste trabalho, propomos: a variação parece ser regida por regras sistemáticas, passível de organização e previsão.

8 REFERENCIAS³⁴

- ADELSTEIN, Andreina. Condiciones de Reductibilidad léxica de los Sintagmas Terminológicos. Terminologia, Desenvolvimento e Identidade nacional – VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia. Edições Colibri, Lisboa, 2002.
- ALVES, Elisabeth. Categorias Lexicais e Funções na Linguagem de Especialidade da Economia. 2006. 312 f., il. Tese (Doutorado em Lingüística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- BARROS, L.A.. Curso Básico de Terminologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BELINE, Ronald. A Variação Llingüística. In.: FIORIN, José Luiz (org.) Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2005.
- BERBER SARDINHA, Toni. Lingüística de Corpus. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.
- BEVILACQUA, C. R. Unidades Fraseológicas Especializadas Eventivas: Descripción y Reglas de Formación en el Ámbito de la Energía Solar. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada). Universidade Pompeu Fabra, Instituto Universitário de Lingüística Aplicada (IULA), Barcelona, 2004,
- BEVILACQUA, C. R.; et al. Combinatórias Léxicas Especializadas: A Importância da Caracterização dos Corpora Textuais na sua Constituição e Identificação de Equivalentes em Língua Espanhola. Anais do V Simpósio de Estudos de Gêneros Textuais. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2009.
- BEVILACQUA, C. R. A Fraseologia Jurídico-Ambiental. Dissertação [Estudos da Linguagem] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Pós- Graduação em Letras, Porto Alegre, 1996.

³⁴ Todos os links referidos foram acessados em: 25/06/2013.

- BLAIS, E. La Phraséologie. Une hypothèse de travail. Terminologies Nouvelles, 10. Bruxelles: RINT, 1993.
- Boulangier, Jean-Claude. Présentation : Images et Parcours de la Socioterminologie. Meta : journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal, vol. 40, n° 2, 1995.
- CABRÉ, M. Teresa. La Terminología: Teoría, Metodología, Aplicaciones. Barcelona: Editorial Empúries, 1993.
- _____. La Terminología: Representación y Comunicación: Elementos para una Teoría de Base Comunicativa y Otros Artículos. Girona: Documenta Universitaria, 2005.
- CARDOSO DE CASTRO, R.. A Comunicação Linguística de uma Perspectiva da Fenomenologia de E. Husserl. Revista Contingentia, v. 4, n° 1, UFRGS, Porto Alegre, 2009). Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/8656/5033>
- CIAPUSCIO, Guioma. Hacia una Tipología del Discurso Especializado: Aspectos Teóricos y Aplicados. In: GARCÍA PALACIOS, J.; 2003.
- COSERIU, Eugenio. Lições de Linguística Geral. Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1980.
- CUNHA, Antônio S. C.. A Flexão de Gênero dos Substantivos. Solettras, ano VIII, n°15. São Gonçalo, UERJ, jan./jun. 2008. Disponível em:
http://www.filologia.org.br/soletras/15/a_flexao_de_genero_dos_substantivos.pdf
- DIAS, S. T. de. A Variação do Modo Imperativo em Crônicas de Luís Fernando Veríssimo. UnB, Brasília, 2000. Inédito.
- DIEGUES, Cléo S. A Variação Terminológica em Língua Espanhola. [Apresentação] XXII Salão de Iniciação Científica, UFRGS, 2010. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/apresentacoes/apresentacoes.php>

_____. A Variação Terminológica da Gestão Ambiental.

[Apresentação] XXI Salão de Iniciação Científica, UFRGS, 2009.

Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/apresentacoes/apresentacoes.php>

FAULSTICH, Enilde. Terminologia Geral e Terminologia Variacionista.

Aspectos de Socioterminologia. 2001. Disponível em:

myrtus.uspnet.usp.br/tradterm/site/images/revistas/v07n1/v07n1a03.pdf

_____. Interpretação da Variante Lexical. [Tese] Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. Socioterminologia: Mais que um Método de Pesquisa, uma Disciplina. *Ciência da Informação*, v. 24, nº 3, 1995. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/486/441>

_____. A Socioterminologia na Comunicação Científica e Técnica. *Cienc. Cult.* vol.58 no.2 São Paulo Apr./June 2006.

Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200012&script=sci_arttext

FONSECA, G. e PRADO, D.. Discussão sobre o Conceito de Meio Ambiente Natural, Antrópico e de Mosaico e sua Apropriação Didática no Ensino de Ecologia e Educação Ambiental no Baixo Vale do Ribeira/SP. *Revista Didática Sistêmica*, ISSN 1809-3108, v. 8, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.registro.unesp.br/sites/museu/basededados/arquivos/00000320.pdf>

FREIXA, Judit. "Reflexiones Acerca de las Causas de la Variación Denominativa en Terminología". A: G. Guerrero, M.F. Pérez (coord.) Panorama actual de la terminología, p. 107-115. Granada: Editorial Comares-Interlingua. ISBN: 84-8444-532-1, DL: Gr-735-2002

_____. Dels Graus de Sinonímia al Contínuum de Variació Terminològica. Estudis de linguística i de lingüística aplicada en honor de M. Teresa Cabré Castellví. Institut Universitari de Lingüística Aplicada – Universitat Pompeu Fabra, Volum 2 : Deixebles, 2007.

_____. Reconocimiento de Unidades Denominativas : Incidencia de la Variación en el Reconocimiento de las Unidades Terminológicas. La Terminología Científico-Técnica, Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1º Edición, mayo del 2001.

GALEFFI, Dante A. O que é isto – a Fenomenologia de Husserl? – Revista Ideação, Feira de Santana, n.5, jan./jun. 2000. Disponível em : <http://www.uefs.br/nef/dante5.pdf>

GARCEZ, P. M. . Diversidade Lingüística: Considerações para a Tradução. Trabalhos em Lingüística Aplicada, Campinas, v. 33, 1999.

GAUDIN, François. Por une Socioterminologie : des Problèmes Sémantiques aux Pratiques Institutionnelles. Publications de l'Université de Rouen, n° 182, Rouen, Université de Rouen, 1993.

_____. Socioterminologie : Du Signe au Sens, Construction d'un Champ. Meta, XXXVIII, 2. Université de rouen, Rouen, France, 1993.

_____. Terminologie : des Problèmes Sémantiques aux Pratiques Institutionnelles. Thèse de Doctorat Nouveau Régime, dirigée par Louis Guespin, Université de Rouen, 2 vol., XXXII, 1990.

- GOUADEC, D. Nature et traitement des entités phraséologiques. In: Terminologie et phraséologie. Acteurs et aménageurs: Actes de la deuxième Université d'Automne en Terminologie. Paris: La Maison du Dictionnaire, 1994
- HATIM, Basil and MASON, Ian.. Discourse and the Translator. London/New York: Longman, 1990.
- HAUSMANN, F.J. Le Dictionnaire de Collocations. In: HAUSMANN, F.J. [et al.] An International encyclopedia of lexicography. Vol. 1. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1990.
- HOUAISS. Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa 1.0, Editora Objetiva Ltda. Dezembro, 2001.
- HURTADO, Albir. Traducción y Traductología. Madrid:Cátedra, 2001.
- Kilian, Cristiane. A Retomada de Unidades de Significação Especializada em Textos em Língua Alemã e Portuguesa sobre Gestão de Resíduos: Uma Contribuição para a Tradução Técnico-Científica. Tese [Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Pós- Graduação em Letras, Porto Alegre, 2007.
- KJÆR, Anne Lise. Phraseology Research – State-of-the-Art: Methods of Describing Word Combinations in Language for Specific Purposes. In: DRASKAU, Jennifer (Org.). Journal of the International Institute for Terminology Research – ITTF – Terminology Science and Research. Vol. 1, n° 1-2, 1990.
- KRIEGER, M. G. . Do Reconhecimento de Terminologias: Entre o Linguístico e o Textual. In: ISQUERDO, A.N; KRIEGER, M.G.. (Org.). Ciências do Léxico 2: lexicologia, lexicografia, terminologia. 1ed.Campo Grande: Editora UFMS, 2004.
- KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. Introdução à Terminologia: Teoria & Prática. São Paulo: Contexto, 2004.

- L'HOMME, M-C. Understanding Specialized Lexical Combinations. In: Terminology, Vol. 6, n. 1, 2000
- PAVEL, S.. La Phraséologie en Langue de Spécialité. Méthodologie de Consignation dans les Vocabulaires Terminologiques. In: Terminologies Nouvelles, 10. Bruselas: RINT, 1993. Disponível em: <http://www.btb.gc.ca/btbpavel.php?page=phraseologie&lang=fra&contlang=fra>
- PICHT, H.. LSP Phraseology from the Terminological Point of View. Terminology science & research: Journal of International Institute for Terminology Research, vol. 1, n. 1-2. Viena: International Network for Terminology, 1991.
- PONTES, Antônio L.. Os Termos da Cultura e da Industrialização do Caju. Alfa-Revista de Linguística, v. 42 – Especial, 1998
- SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Linguística Geral. Editora Cultrix, São Paulo, SP, 2006.
- SILVA, Bento C. D.. O Estudo Computacional da Linguagem. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 41, nº2, jun. 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/597/428>
- SILVA, Odair L. N. e SILVA, Manoel M. A.. Variação Terminológica no Português do Brasil: Exemplos do Contexto da Economia Monetária. Anais do CELSUL, 2008. Disponível em: http://www.celsul.org.br/Encontros/08/economia_monetaria.pdf
- SUÁREZ DE LA TORRE, Maria M.. Análisis Contrastivo de la Variación Denominativa en Textos Especializados: Del Texto Original al Texto Meta. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 2004.

_____. La Variación Denominativa Explícita: propuesta de
teipología de casos. Organon, Porto Alegre: UFRGS volumen 18, n.
37, 2004.

WÜSTER, Eugen. Introducción a la Teoría General de la Terminología y a la
Lexicografía Terminológica. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística
Aplicada; Universitat Pompeu Fabra, 1998.